

revista da

# AAL

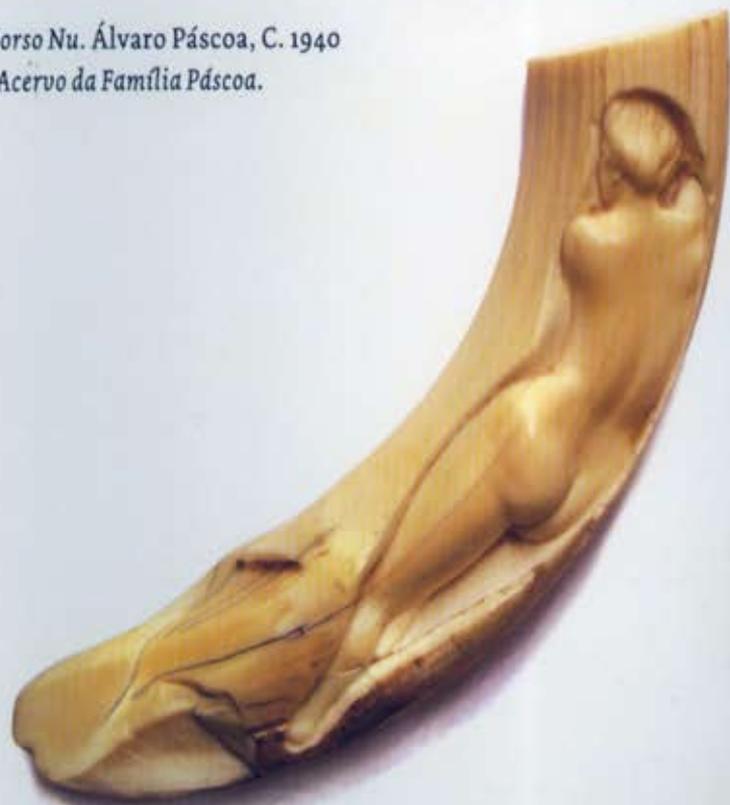
ACADEMIA AMAZONENSE de LETRAS

Nº 32 dez. 2012 – ISSN 2236-9643

9 ANO ACADÊMICO CENTENÁRIO Violeta Branca

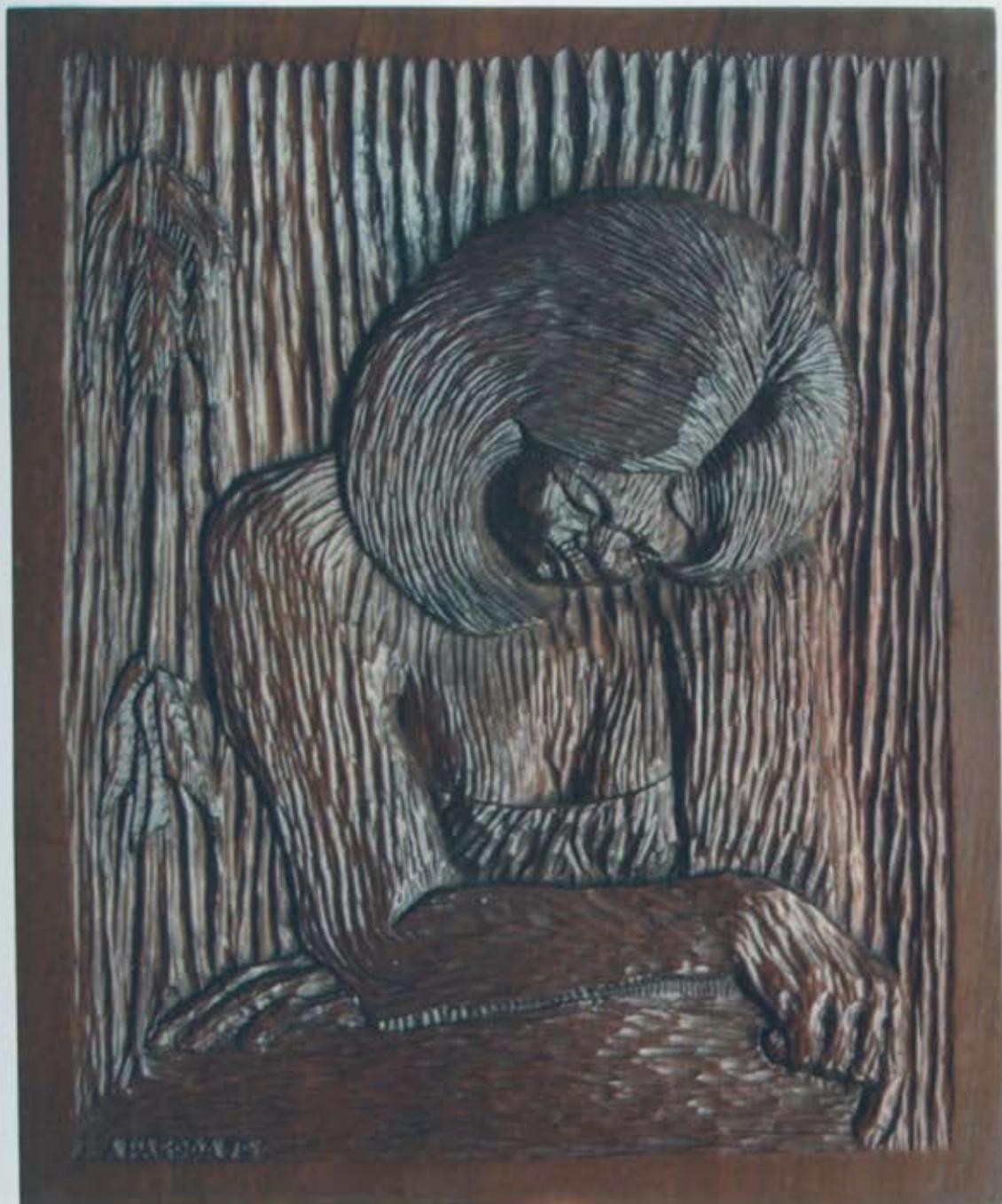
ÁLVARO REIS PÁSCOA nasceu em 1920, em Oliveira do Bairro, Portugal, e faleceu em Manaus em 1997. Foi escultor, entalhador, gravurista, professor, e gestor cultural no Estado do Amazonas. Sua formação artística foi realizada em Portugal, onde participou do Círculo de Cultura Teatral e do Teatro Experimental do Porto. Em 1958 transferiu-se para Manaus, onde colaborou com ilustrações, capas de livros e com suas xilogravuras na página artística Caderno Madrugada em *O Jornal*. Participou de diversas exposições e durante sua trajetória foi assistente de arte do Teatro Amazonas, diretor dos Museus do Estado, diretor da Pinacoteca do Estado, superintendente da Fundação Cultural do Amazonas, membro fundador do Conselho de Cultura do Estado e do Grupo de Estudos Cinematográficos. Foi curador de várias exposições e de salões independentes. Suas obras figuram nos Museus do Vaticano em Roma, Museu do Porto de Manaus e acervo da Pinacoteca do Estado do Amazonas, e em coleções particulares em Manaus, Rio de Janeiro, Brasília e Portugal.

— *Dorso Nu*. Álvaro Páscoa, C. 1940  
• *Acervo da Família Páscoa*.





— *As amigas*. Álvaro Páscoa, 1985 · Acervo da Família Páscoa.



— *Mulher na janela*. Álvaro Páscoa, 1975 • Coleção Saul Benchimol.







revista da

# AAL

{ ACADEMIA AMAZONENSE de LETRAS }



número 32

fundada em 1º de janeiro de 1918 94 ano 94

· dezembro de 2012



*Presidente* · ARLINDO AUGUSTO DOS SANTOS PORTO

*Vice-Presidente* · ALMIR DINIZ DE CARVALHO

*Secretário-Geral* · CLÁUDIO DO CARMO CHAVES

*Secretário-Geral Adjunto* · ARMANDO ANDRADE DE MENEZES

*Tesoureiro* · ABRAHIM SENA BAZE

*Tesoureiro-Adjunto* · MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO NETO

*Diretor de Patrimônio* · MOACIR COUTO DE ANDRADE

*Diretor de Promoções e Eventos* · CARMEN NOVOA SILVA

*Diretor de Edições* · MARCUS LUIZ BARROSO BARROS

---

#### *Conselho Fiscal*

ROSA MENDONÇA DE BRITO

ANTONIO JOSÉ SOUTO LOUREIRO

EULER ESTEVES RIBEIRO

---

#### *Suplentes*

LAFAYETTE CARNEIRO VIEIRA

MAZÉ MOURÃO

JOSÉ GERALDO XAVIER DOS ANJOS



COORDENAÇÃO EDITORIAL

*José Braga*

COMISSÃO EDITORIAL

*Marcus Barros · Jorge Tufic · Almir Diniz · Rosa Brito*

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE

*Rômulo Nascimento*

*· Capa: “Cabocla”, Álvaro Páscoa. Acervo da Família Páscoa*

REVISÃO

*Sergio Luiz Pereira*

JORNALISTA RESPONSÁVEL

*Mazé Mourão {reg. profissional 16700/101/48}*

---

REVISTA DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS.

Ano 94, nº 32 (dezembro de 2012). Manaus: Academia

Amazonense de Letras, 2012.

ISSN 2236-9643

208 p.

1. Literatura – 1. Título: Revista da Academia Amazonense de Letras

---

AAL

*Filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil*

Av. Ramos Ferreira, 1.009

Centro. CEP 69010 120

TEL / FAX: (92) 3234 0584

acadam@ig.com.br

Manaus ¶ Amazonas

**Q**UADRO DE PATRONOS E ACADÊMICOS EFETIVOS DA  
Academia Amazonense de Letras

• 1	Péricles Moraes	José Bernardo Cabral
• 2	Euclides da Cunha	Moacir Couto de Andrade
• 3	Gonçalves Dias	Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro Neto
• 4	Sílvio Romero	Newton Sabbá Guimarães
• 5	Araújo Filho	Almir Diniz de Carvalho
• 6	Adriano Jorge	Rosa Mendonça de Brito
• 7	Maranhão Sobrinho	Aldisio Gomes Filgueiras
• 8	Torquato Tapajós	Euler Esteves Ribeiro
• 9	Machado de Assis	José dos Santos Pereira Braga
• 10	Barão do Rio Branco	Mário Ypiranga Monteiro Neto
• 11	José Veríssimo	Marcus Luiz Barroso Barros
• 12	Olavo Bilac	Elson José Bentes Farias
• 13	Estelita Tapajós	Abraham Sena Baze
• 14	Barão de Sant'Anna Nery	Cláudio do Carmo Chaves
• 15	Graça Aranha	Almino Monteiro Álvares Affonso
• 16	João Leda	Tenório Nunes Telles de Menezes
• 17	Francisco de Castro	José Geraldo Xavier dos Anjos
• 18	Jonas da Silva	Jorge Tufic Alaúzo
• 19	Coelho Neto	Lafayette Carneiro Vieira
• 20	João Ribeiro	Francisco Gomes da Silva
• 21	Tenreiro Aranha	
• 22	Farias Britto	Robério dos Santos Pereira Braga
• 23	Cruz e Sousa	Júlio Antonio de Jorge Lopes
• 24	Joaquim Nabuco	Marilene Corrêa da Silva Freitas
• 25	Araújo Lima	Márcio Gonçalves Bentes de Souza
• 26	Rui Barbosa	José Roberto Tadros
• 27	Tavares Bastos	José Maria Pinto de Figueiredo
• 28	Aníbal Teófilo	Maria José Mazé Santiago Mourão

- 29 Castro Alves Amadeu Thiago de Mello
- 30 Araripe Júnior Armando Andrade de Menezes
- 31 Raimundo Monteiro Max Carpentier Luiz da Costa
- 32 Bernardo Ramos Renan Melo de Freitas Pinto
- 33 Antônio Brandão de Amorim Carmen Novoa Silva
- 34 Ermano Stradelli Antônio José Souto Loureiro
- 35 Dom Frederico Costa Arlindo Augusto dos Santos Porto
- 36 Inglês de Souza Dom Luiz Soares Vieira
- 37 Benjamin Lima Luiz Maximino de Miranda Corrêa Neto
- 38 Barbosa Rodrigues William Antônio Rodrigues
- 39 Alfredo da Matta Mário Augusto Pinto de Moraes
- 40 Paulino de Brito Francisco Marques de Vasconcelos Filho

## — Sumário

— Nossa edição **11**

{*Academia de portas abertas*}

— Autorretrato, JOSÉ MACIEL **15**

{*Fundadores*}

— Raymundo Monteiro, *o poeta das horas lentas* **23**  
ROBÉRIO BRAGA

{*Oratória*}

POSSE DO ACADÊMICO Renan Freitas Pinto

— Abertura **33**

— Discurso **35**

— Saudação **51**

HISTÓRIA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS **56**

UM LIBELO CONTRA A TORTURA **64**

ABREM-SE AS CORTINAS **72**

{*Alguma poesia*}

— Cantilena, VIOLETA BRANCA **77**

— O poeta veste-se, LUIZ BACELLAR **80**

— Prece, ALENCAR E SILVA **82**

— Soror Teresa, MARANHÃO SOBRINHO **83**

— O jardim da minha mãe, ALMIR DINIZ **84**

— Nossa Senhora da Selva, MAX CARPHENTIER **87**

{*Centenários*}

— Araújo Lima, BERNARDO CABRAL **91**

— Violeta Branca, CLÁUDIO CHAVES **94**

{*Ensaio*}

— Luiz Bacellar **101**  
ELSON FARIAS

— Curvas do tempo **106**  
JORGE TUFIC

- 
- Matthew Arnold e a nobreza da escrita comparada **109**  
NEWTON SABBÁ GUIMARÃES
  - Euclides da Cunha, dos Sertões à Amazônia **124**  
ROSA MENDONÇA DE BRITO
  - Reflexões sobre o Cinema **137**  
LUIZ MIRANDA CORRÊA
  - A motivação política na fundação do Clube da Madrugada **141**  
ZEMARIA PINTO
  - Como a filosofia brasileira ascendeu à problemática da liberdade **153**  
ANTONIO PAIM

{*Medalha Péricles Moraes*}

2012

- Abertura **175**
- Agradecimento **177**

{*Portfólio*}

- Álvaro Páscoa, LUCIANE PÁSCOA **187**

{*Crônica*}

- Pássaros e bouganvilles, JOSÉ BRAGA **191**
- Uma espécie em extinção, ARLINDO PORTO **195**
- A mansão das lágrimas, ANTONIO LOUREIRO **197**
- Manaus de ontem e de hoje, ABRAHIM BAZE **200**

{*Conto*}

- O soldado da borracha, FRANCISCO VASCONCELOS **203**

## — Nossa edição

ARLINDO PORTO, *presidente*

Destinada a divulgar e democratizar o pensamento acadêmico desde os albores desta centenária instituição cultural, entregamos aos pares, às coirmãs, às universidades e escolas, às instituições culturais e de pesquisa, aos intelectuais em geral o nº 32 da *Revista da Academia*.

Em primorosa feição gráfica e conteúdo de elevado padrão científico e literário, a atual edição da Revista presta homenagem ao artista plástico Álvaro Páscoa que, embora não tendo integrado esta Casa, teve passagem marcante nos movimentos culturais de Manaus dos anos 50/70, deixando-nos, por meio de sua obra multifacetada, significativa contribuição à arte amazônica.

Um livro de muitos autores, como já se disse, participam desta edição da Revista, além do homenageado, cuja arte pictórica ilustra nossas páginas, a professora Luciane Páscoa, o cineasta Aurélio Michiles, agraciado em 2012 com a Medalha Péricles Moraes; o artista plástico José Coelho Maciel, nosso entrevistado, e membros da Academia, pesquisadores e escritores versados nos mais diferentes campos do conhecimento: Abrahim Baze, Alencar e Silva, há um ano distante de nós; Almino Affonso, Almir Diniz, Antonio Loureiro, Antonio Paim, filósofo e professor que honra o quadro de correspondentes; Arlindo Porto, Bernardo Cabral, Carmen Nova, Cláudio Chaves, Elson Farias, Francisco Vasconcelos, Jorge Tufic, José Braga, Luiz Bacellar, há pouco desaparecido; Luiz Maximino, Maranhão Sobrinho, patrono; Marcus Barros, Max Catphentier, Newton Sabbá, Renan Freitas Pinto, Robério Braga, Rosa Brito, Violeta Branca, a quem dedicamos o ano acadêmico de 2012 para festejar o seu centenário; e Zemaria Pinto.

12      Ensaaios, discursos, crônicas, contos, poesias, entrevista, artes plásticas formam o conteúdo desta publicação com a qual a Academia Amazonense de Letras, cumprindo seu mister principal, qual seja, o cultivo da língua nacional através das letras, oferece valiosa contribuição à construção e divulgação do pensamento amazônico.

Façamos dela o mais proveitoso uso!



{ *Academia de* PORTAS ABERTAS }

## — Autorretrato<sup>1</sup>

DEPOIMENTO DE JOSÉ MACIEL

Minha trajetória como artista plástico começou ainda em Coari, cidade onde nasci, no médio Solimões, entre as cidades de Tefé e Codajás. Desde muito cedo, despertei para a pintura, tendo começado a garatujar os primeiros desenhos aos dez anos de idade, quando, pegando papel e um lápis, dei início ao rabisco de pequenos objetos e figuras não bem definidas, ainda sem firmeza na mão, mas já demonstrava talento para a arte que imortalizou Da Vinci, Goya, Picasso, Lasar Segall, Van Gogh, Matisse, Paul Gauguin e Portinari.

Não, não havia Escola de Arte nem Curso de Desenho Artístico em Coari. Como gostava de desenhar e cada vez mais me sentia atraído por essa atividade artística, comecei a copiar a olho nu os desenhos, ilustrações do Percy Lau, e de outros ilustradores em livros de História e Geografia, como Rugendas e Debret. Procurava me aperfeiçoar cada vez mais na prática diária e, aos 14 ou 15 anos, já estava cursando o ginásio e, num belo dia, recebi pelos Correios um prospecto do Instituto Universal Brasileiro sobre os cursos que essa instituição de ensino ministra a distância por correspondência e, então, decidi a fazer o Curso de Desenho Artístico e Comercial, e o fiz em um ano (1961). O curso incluía, além das lições de desenho artístico e comercial, lições de Português e Inglês. Terminado o curso, com os últimos desenhos e provas enviados para São Paulo, onde estava sediado o IUB, não demorou muito para dias depois receber uma missiva dizendo que fora aprovado e que logo estaria recebendo o Certificado de Conclusão do curso. Mais tarde, fiz um teste para a Academia Santa Branca de São Paulo e, tendo sido aprovado, enviaram-me um Diploma que comprovava o meu desempenho nas Artes Plásticas (1962). Após a conclusão do Curso de Desenho, comecei a fazer al-

*1. Texto produzido a partir da entrevista publicada no jornal Correio do Amazonas, pelo jornalista Caresto Lima*

16 guns trabalhos de desenho, com mais firmeza e desenvoltura, e começaram a aparecer pedidos para a elaboração de faixas, flâmulas e cartazes comerciais que, desse modo, tornaram-me conhecido pelas pessoas da sociedade coariense.

Terminado o curso de Desenho Artístico, continuei o Ginásio até concluí-lo em 1962. Dos 15 para os 16 anos, fui porteiro da Prefeitura de Coari. Nessa época a Prefeitura tinha um serviço de alto-falante à noite, e eu ficara encarregado pelo prefeito Alexandre Montoril de botá-lo para funcionar de segunda a sexta-feira. Então, todas as noites eu tinha uma programação que incluía música, leitura de assuntos da municipalidade, anúncios de utilidade pública, literatura, arte e sobre a política nacional e local. O programa era das 19 às 21 horas. Terminado o Curso Ginasial, vim para Manaus em 63 com o fito de dar continuidade aos estudos. De posse dos documentos necessários, matriculei-me no Curso Colegial Científico; como não me identifiquei com o curso, no ano seguinte passei para o Curso Colegial Clássico, tendo-o concluído em 67.

No Colégio Estadual do Amazonas (antigo Ginásio Amazonense) conheci alguns artistas, que também eram meus professores: Farias de Carvalho, Luiz Bacellar e Francisco Baptista; o Sebastião Norões fora meu professor de Geografia no Colégio Dom Bosco, alguns anos atrás. Nessa época existia ali na praça da Polícia (praça de Heliodoro Balbi) o famoso "Café do Pina", frequentado por estudantes, professores e intelectuais, e principalmente pelos membros do Clube da Madrugada, em cujo local (defronte ao antigo quartel da PM, hoje transformado no museu denominado de Palácio Provincial) fica a frondosa árvore onde, segundo a história, foi fundado o Clube da Madrugada em novembro de 1954. Nesse tempo eu morava em um quarto na rua Lobo d'Almada, em frente à Loja Montemurro, e era estudante secundarista; o meu ateliê era ali. Um dia recebi a visita do presidente do Clube, o Dr. Aluísio Sampaio, e com ele estava o poeta Jorge Tufic, hoje meu compadre; segundo me consta, fora o escritor Francisco Vasconcelos, meu conterrâneo, quem indicara o meu nome ao CM, como pintor artístico, pois na ocasião o Clube estava à procura de novos talentos para compor e ampliar os seus quadros. Eu passava o dia no ateliê trabalhando formas e cores, e logo o



Aluísio falara em uma exposição individual que se realizara em 64, no hall do *Jornal do Comércio*, na av. Eduardo Ribeiro. A exposição, bastante noticiada pela imprensa, fora um sucesso na época, mil e quinhentas pessoas registradas em livro de frequência passaram por lá. Passei, depois dessa exposição, a frequentar mais assiduamente as reuniões do Clube da Madrugada, e o Tufic, vendo a precariedade do meu ateliê, ofereceu-me um lugar em sua residência, na rua Izabel, para que eu pudesse produzir os meus desenhos e pinturas, e aí fizemos uma parceria muito boa e produtiva, porque discutíamos bastante sobre arte e literatura, e eu aprendi muito com ele que me estimulava a escrever pondo os medos de lado.

O meu novo ateliê passou-se a ser chamado de “Gruta do Sapo Verde”, porque ele morava perto do igarapé, ali na Ilha de Monte Cristo, e dia e noite ouvia-se o coaxar orquestrado das rãs. Daí em diante, segui em frente produzindo e participei de várias exposições coletivas e até fui premiado em algumas delas! Vejamos, pois. Estive presente na II Exposição Coletiva de Artes Plásticas do Amazonas, sendo premiado em 2º lugar (1966); na III Feira de Artes Plásticas, realizada na praia da Ponta Negra, sendo distinguido com

*Exposição Restrospectiva do artista plástico J. Maciel, realizada no hall da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), vendo-se da direita para a esquerda o pintor e o casal Márcia e Júlio César Affonso*

18 um Diploma de Menção Honrosa (1966); participei de exposição coletiva de artes plásticas de “artistas amazonenses contemporâneos” realizada no Museu de Arte de São Paulo, organizada por Afrânio de Castro e Moacir Andrade (1967); na IV Feira da Cultura, no Salão da Pinacoteca do Estado, nos altos da Biblioteca Pública, na rua Barroso, dividi o prêmio de 1º lugar com o pintor Moacir Andrade, o que me deixou muito honrado por ser ele o maior expoente vivo das artes plásticas no Amazonas (1970); expus meus trabalhos (desenhos e pinturas) no 1º Festival da Cultura, realizado na praça de Heliodoro Balbi (antiga praça da Polícia), com o apoio da SEC/Superintendência da Fundação Cultural do Amazonas e do Clube da Madrugada (1971). Na ocasião, em parceria com o CM, realizei (era um sonho meu) uma exposição de experiências da moderna poesia contemporânea do Amazonas, com ilustrações e desenho de letras de J. Maciel. A seleção dos autores publicados ficou a cargo do Clube da Madrugada.

Ao longo da carreira de artista plástico, participei de outras incontáveis exposições, entre as quais a mostra coletiva de artes plásticas no *hall* do Teatro Amazonas (1984). Fiz parte da exposição no Sesc, denominada “Semana da Pintura” (1984), e participei da exposição coletiva “Pinacoteca Anos 60/70” (1999). Promovi em Coari, minha terra natal, a I Semana de Estudos sobre a Problemática Regional, realizada na Rádio de Coari e Colégio Beriano, onde uma caravana de intelectuais e estudantes “quintanistas de Direito” da Universidade do Amazonas (hoje Ufam) estiveram presentes e proferiram palestras sobre os mais variados temas socioeconômicos e culturais da Amazônia Ocidental. Estiveram presentes, entre outros, Mário Frota, Jari Vargas, Raimundo Feitosa e José Maciel; este, além de proferir palestra sobre “A evolução das Artes Plásticas no Amazonas”, realizou exposição de quadros e fundou a primeira Biblioteca “Madrugada” naquela instituição de ensino, patrocinando uma boa doação de livros (1971). Prestigiaram o evento, além das autoridades locais, professores e alunos do Colégio Beriano, os estudantes do Projeto Rondon, que estavam desenvolvendo pesquisas na cidade de Coari.

Como professor de Educação Artística do Colégio Estadual Márcio Nery, realizei exposição de meus trabalhos com a participação dos alunos do estabelecimento de ensino, que expuseram também

os seus desenhos e pinturas (1970). Depois de já ter realizado uma exposição individual de meus desenhos e pinturas, sob a chancela do sinete Madrugada, com frequência assídua nas reuniões, fui admitido e recebido pelo Clube da Madrugada em fevereiro de 1966, na gestão do presidente Aluísio Sampaio. Na ocasião, outros artistas e intelectuais também tomaram posse: Hahnemann Bacelar, Van Pereira e José Gaspar. Houve discurso do presidente e do padre Nonato Pinheiro, acadêmico, membro da Academia Amazonense de Letras, que era admirador incondicional da jovem e pujante intelectualidade do Clube da Madrugada e, que, desse modo, procurava prestigiar os “madrugadores”, como eram conhecidos, pelos saraus de arte e cultura que promoviam num bate-papo interminável que adentrava a madrugada. Durante três décadas illustrei contos, poesias e crônicas para companheiros do CM, que eram publicados em Suplemento Literário dominical; para o *Jornal Cultura*, da Fundação Cultural do Amazonas; e para o *Caderno de Literatura da União Brasileira de Escritores do Amazonas – UBE-AM* (de publicação periódica, assim como a Revista), onde desenvolvi intenso trabalho como redator e ilustrador, e desenhei os bicos de pena de cada poeta para a *Antologia Poetas do Amazonas*. Talvez tenha sido a minha maior contribuição como ilustrador. Em 2007, a convite da OAB/AM, por ocasião de uma série de Conferências sobre Direito e Constituição, onde esteve presente o ilustre jurista e renomado conferencista José Bernardo Cabral, no Auditório da Universidade do Estado do Amazonas – UEA; e, na oportunidade, expus no *hall* dessa instituição de Ensino Superior uma Retrospectiva Geral de meus trabalhos poéticos e artísticos; repetindo, logo depois, a mesma mostra no Salão Nobre do Fórum da Justiça do Trabalho no Amazonas, na av. Djalma Batista. Posteriormente, a convite da Petrobras e da Academia de Letras, Ciências e Artes do Amazonas – Alcear, na gestão do escritor Gaitano Antonaccio, expus os mesmos trabalhos nos salões do Ideal Clube de Manaus (2010).

Gostaria de citar alguns nomes de destaque nas artes plásticas do Amazonas, entre antigos e novos, vivos ou mortos, dos que conheço, em primeiro lugar citaria o decano Moacir de Andrade, com 84 anos, mestre inigualável que dedicou maior parte de sua vida às artes plásticas e é referência internacional; depois, Afrânio de Castro, Álvaro

20 Páscoa, Anísio Mello, Da Silva, Branco Silva, Óscar Ramos, Manoel Borges, Van Pereira, Gualter Batista, Hahriemann Bacelar, Otoni Mesquita, Arnaldo Garcez, Getúlio Alho, Eliberto Barroncas, Auxiliadora Zuazo, Roselane Monteiro, Eli Bacelar, Zeca Nazaré, Sebastião Rodrigues, Fernando Jr., Jader Rezende, Edemberg Jr., Rui Machado, Ademar Brito, Adhemar Guerra, Roland Stevenson, Inácio Evangelista, U. Sanches, Sergio Cardoso, Rita Loureiro, Lucinha Cabral, Jair Jacqmont, Mona, R. Peixe, Pólita Gonçalves, Manoel Santiago, Jorge Palheta, Edgar Alecrim, Reina, Carlos Doza, Villys Silva, Mário de Paula, Roberto Evangelista, Turenko Beça, Jandr H. Reys, Horacio Helena, Normandy Litaiff e J. Maciel. Há mais gente nova por aí que ainda não conheço bem.

Atualmente, estou me preparando para daqui algum tempo realizar uma exposição de “aquarelas” que vai marcar o meu retorno, se Deus quiser. Até lá!



{ FUNDADORES }

## — Raymundo Monteiro

O POETA DAS HORAS LENTAS



A presente nota histórica é revestida de vênia, de todas as vênias ao poeta Max Carphentier que ocupa a poltrona azul que pertenceu a Raymundo Monteiro, e a Almino Affonso, abençoado pelo sangue do poeta em suas veias. É que ele não pode ser dado ao esquecimento. Há de ressurgir, quando em

vez, despertando o interesse das novas gerações.

São três as facetas com as quais reabro o tema no seio dos acadêmicos: a primeira entidade literária de que Monteiro participou; a investida na política; e a vida boêmia no Rio de Janeiro. Tudo isso para quem nasceu em Humaitá, em 1882, viveu o apogeu da economia da hévea, estudou em Manaus, Rio de Janeiro, Londres e Paris, respirando as glórias de suas poesias e as de seus amigos, e terminou seus dias como serventuário de justiça pouco depois de publicar as suas *As Horas Lentas*, levando na retina a boêmia dos seus sonhos e a paisagem do rio Madeira varando a selva.

### — NA ASSEMBLEIA DOS NOTÁVEIS

Ao correr do ano de 1909 a reunião de intelectuais, poetas e jornalistas em grêmios literários era moda crescente. Em derredor de tais instituições formavam-se concertos e saraus, bem ao estilo da época de luz. Mesmo distante dos grandes centros do mundo o Amazonas não deixou de ser impregnado por esse modo de viver. Várias dessas entidades, em sua maioria de vida curta ou curtíssima, reuniram e aclamaram seus poetas e cantores, os de muitos e os de poucos versos, abrindo caminho às artes tal como se dava com as estradas de

24 seringa que, rasgadas, serviam para gerar riqueza, eram sorvidas e terminavam em abandono.

A vida literária e cultural de modo geral era muito intensa em alguns lugares do Amazonas, especialmente na capital e nas cidades próximas dos centros de seringais para onde os coronéis procuravam transportar alguns requintes urbanos e metropolitanos. Os grêmios literários eram identificados pelo nome de escritores e estilos, ou criados para definir e fixar uma identidade artística. Assim sucedeu com a Assembleia dos Notáveis de Humaitá que cumpriu a missão definida por seus heróis, intérpretes da vida, do medo, da morte, do amor, do tempo e do nada. Intérpretes da solidão e do vasto mundo sem-fim.

Raymundo Monteiro fez parte da Assembleia dos Notáveis trazendo consigo o galardão de *Voluptas*, publicado em 1905, com êxito nas rodas cariocas, credenciando-se como um dos seus mais ilustres membros da entidade, ao lado do médico Pedro d'Alcântara Bacellar que seria prefeito municipal de Humaitá e governador do Estado, de Henrique Rubim que em 1917 ajudaria a fundar o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas e de Agapito Pereira que foi desembargador, deputado estadual e deputado federal, dentre outros que ainda não foram revelados, mas cuja omissão não deve servir de ofensa à memória porque essa circunstância decorre, unicamente, da pobreza de fontes primárias confiáveis.

Em Humaitá como em outras localidades do interior amazonense brotavam jornais, folhas e folhetins para divulgar e promover os escritores e noticiar as rinhadas políticas. No rio Madeira houve tempo de larga agitação cultural quando Aníbal Teófilo residia no seringal “Três Casas”, Raymundo Monteiro no “Mirary” ou vez em quando no “Alto Machado”, ambos de propriedade de sua família, e nos quais todas as festas, por mais simples que fossem, eram regadas ao bom champanhe, a toques de poesia e música erudita sob a regência dos maestros Francisco Cristóvão Gomes Coimbra e R. Donizetti.

— VEREADOR DE HUMAITÁ

Raymundo não fugiu de todo à política. A arte que consagrou grandes líderes da humanidade sempre permeou a trajetória da família

Monteiro. O velho comendador e líder de vasta prole ao se estabelecer na região impôs comando firme e decidido, abrindo caminhos nos quais foi sucedido por outros membros do clã, inclusive fora de Humaitá, e muito além, como se deu anos depois com Almino Monteiro Álvares Affonso.

Mesmo assim a política é um capítulo novo a ser revelado na vida de Raymundo Monteiro. Não sei se porque foi uma incursão brevíssima, ou pela dificuldade de localização de fontes primárias para a pesquisa, que todos, anos a fio, estamos acostumados a enfrentar.

Recolho do tema além da novidade para a biografia do poeta, o seu desapego pelas questões da política partidária, embora o poder de sua família se esparramasse pelo vale do grande rio, como se pode comprovar da história do avô José Francisco Monteiro, de seu pai, tios e irmãos, intimamente envolvidos na vida política do Amazonas. Nem por isso ele se apegou a tal atividade.

Inscrito como eleitor em janeiro de 1907, foi eleito vereador à Câmara Municipal de Humaitá ainda designado de intendente municipal para o período de 1908 a 1910, tomando posse a 15 de janeiro de 1908, às 10 horas, em solenidade retumbante. Ao seu lado estavam os vereadores José Mariano Ferreira, capitão José Gonçalves Brasil e major Joaquim de Souza. Para o evento foi organizada ampla mobilização popular, explosão de fogos de artifício com inúmeras girândolas, e apresentação da Filarmônica de Mirary – seringal de sua família – que, sob a batuta do maestro Francisco Cristóvão Gomes Coimbra, executou o Hino Nacional e outras peças musicais, tornando o evento ainda mais solene.

Após as formalidades da posse dos vereadores seguiu-se a investidura do coronel José Francisco Monteiro como superintendente municipal, mais uma vez nomeado pelo governador, o coronel Raymundo Affonso de Carvalho. Foi o suficiente para caracterizar o impedimento legal configurado na Constituição do Estado. Raymundo Monteiro tomou da palavra e *em linguagem fluente e de estilo elevado, perorou sobre a sua incompatibilidade no lugar que havia sido empossado, devido ao grau de parentesco que o liga ao Exmo. Sr. Superintendente e citando o respectivo artigo de nossa Constituição, que o obrigava a assim proceder, resigna o seu mandato eletivo, pedindo fosse lançada na ata a resolução que acabara de*

26 tomar... É o que contam os jornais da época sobre o discurso de posse e despedida do poeta, de uma só vez, naquela manhã radiosa.

Tendo sido eleito pelo voto popular era de esperar que exercesse o mandato, ficando impedido o prefeito, porque ocupante de cargo objeto de nomeação, como era o de superintendente municipal, e até porque o velho e tradicional comendador Monteiro já havia desempenhado tal cargo em diversas outras oportunidades. Raymundo seguiu à risca as ordens do velho coronel dos seringais e declinou do cargo.

Findou-se, pois, no nascedouro, a incursão política de Raymundo de Castro Monteiro.

#### — VIDA BOÊMIA

Pelo que se vê dos estudos sobre literatura brasileira ao tempo das relações de Raymundo Monteiro com os escritores mais festejados do sul do país, a maioria não mais vivia, exclusivamente, na roda boêmia dos cafés e confeitarias, mas ficou a fama e algumas histórias cantadas e decantadas em prosa e verso, muitas delas repetidas pelo simples “ouvir dizer”, mas que alguns dão como certas e copiosamente puras.

Raymundo Monteiro esteve em convivência íntima nas rodas dos cafés nos seus tempos de boêmia na capital federal, e há os que diziam tê-lo visto vestido em riquíssimo humor, esbanjando talento. O próprio Coelho Neto, conhecido mestre daquelas artes, declarava a João do Rio: *Ah! Meu amigo, o artista não é zoilo das confeitarias à cata de jantar*, como a contradizer o futuro em que alguns escritores, distantes dos fatos e daquele vigor de época, pretendem denominar como a geração de confeitaria, em tom pejorativo. É que mesmo com a fama do passado, naqueles anos Coelho Neto já estava casado e com filho e, dando-se a uma produção literária intensa, era *o antípoda do boêmio*, como ressalta Brito Broca. O mesmo protesto é o de Olavo Bilac lançado no curso de Poesia que empreendeu na Revista Kosmos, em 1904. O tempo já parecia ser o do aburguesamento do escritor, quer pelas modificações urbanas nas cidades e principalmente no Rio de Janeiro e em Manaus, como especialmente pela fundação

da Academia Brasileira, muito embora o grupo de Paula Ney, B. Lopes e Emílio de Menezes tenha reagido à instituição acadêmica que não os incluiu.

Raymundo Monteiro há de ter frequentado o famoso salão de Coelho Neto, na rua do Rozo que *...não possuía o mesmo cunho de alto mundanismo, esse tom afetado e esnobe. Ali predominava a literatura, a cordialidade, até mesmo uma certa sem-cerimônia...* Casa de dois andares, com amplo jardim, em ambiente acolhedor, com armários manuelinos, bons livros camilianos e estudos de arte de Antônio Parreiras, sempre aberta a todos que a ela acorressem, mais ou menos pelas duas primeiras décadas do século. A mesma a que Martins Fontes chamava de *Santa Casa de Coelho Neto*. No Rio de Janeiro dava-se o que Manaus havia vivido anos antes, de 1892 a 1896: uma completa transformação urbana. Na capital da hévea, Eduardo Ribeiro desde os primeiros dias de seu governo atuou na urbanização avançada, modernização e saneamento da capital, além da construção de prédios imponentes e implantação de serviços públicos à moda europeia.

Nos volteios boêmios que se davam geralmente aos sábados, reunindo novos e antigos escritores, pianistas, violonistas, cantores, pintores e escultores, foi que Bilac foi coroado simbolicamente como “o príncipe dos poetas” em noite festiva e inigualável com recitação de Ângela Vargas e Rosalina Coelho Lisboa, e leituras de Gustavo Barroso. Lá estavam muitos dos que ficaram a manter íntima e intensa correspondência com Raymundo Monteiro, como Aníbal Teófilo, Olavo Bilac e Goulart de Andrade.

Como o salão de Coelho Neto havia outros que transpiravam arte e erudição, mais do que mundanismo. Em tal rol estavam os de Souza Bandeira e o de Inglês de Souza, nas ruas Barão de Itambé e São Clemente, por onde circulavam com frequência José Veríssimo, Bilac, Alberto de Oliveira, Graça Aranha, Alencar, Amoroso Lima, Carlos de Ouro Preto e Renato Lopes, e ao que se sabe Raymundo Monteiro.

O salão da rua do Rozo era, entretanto, o mais agitado e procurava substituir a vida boêmia dos cafés – “Java” e “Londres” – porque Coelho Neto, que era o seu animador, não mais podia varar as madrugadas nos botequins mundanos.

Verdadeiramente o outro lado “chic” estava nos cafés. Tudo começava nos cafés e confeitarias do Rio de Janeiro, mas creio que não se circunscrevia ao espírito anunciado por alguns veríssimos escritores, de inutilidade de botequins. Pouco depois, ainda nos anos 1900, as notícias são da decadência de tais festejos boêmios. O “Café do Rio”, na rua do Ouvidor com Gonçalves Dias; o “Java”, no largo do São Francisco; o “Paris”; o “Papagaio”; o “Globo,” na rua 1º de Março, todos seguiram em queda, uns mais outros menos, a partir dos fins de 1901 ou do ano seguinte. As confeitarias resistiram um pouco mais, e a “Colombo”, na rua Gonçalves Dias, a “Pascoal”, na rua do Ouvidor; a “Cailtean” e a “Castelões” ainda fizeram história por mais tempo, animando a freguesia e ouvindo as catilinárias que serviam para mangoça.

A roda de Bilac preferia, a princípio, a confeitaria “Pascoal”, mas um desentendimento com o seu proprietário o fez deslocar-se para a “Colombo”, levando consigo Dermeval da Fonseca, Emílio de Menezes, padre Severiano de Rezende, Pedro Rabelo, Plácido Jr., Oscar Lopes, José do Patrocínio, Alberto Ramos, Martins Fontes e pode-se cogitar de Raymundo Monteiro, porque foi esse o grupo com o qual o nosso poeta conviveu mais de perto.

Logo depois surgiu o grupo *esplendor dos Amanuenses*, que se reunia todas as tardes no “Café Papagaio” sob o comando de Bastos Tigre, Domingos Ribeiro Filho, Rafael Pinheiro, Amorim Jr. e Carlos Lenoir ao encontro dos quais, vez ou outra, Raymundo Monteiro se abalava em comparecer.

São inúmeras as demonstrações de que esse período boêmio e mundano não passou da primeira década daquele século e, mesmo assim, não só em cafés e confeitarias se reuniam os escritores e jornalistas, poetas e versadores, como em lugares mais amplos e apropriados, quando tudo se resolvia com quadras poéticas fosse para gracejar, hostilizar, satirizar, dar “facadas” ou sepultar autoridades.

É desse tempo a sempre contada passagem do barbeiro que reduziu a reluzente cabeleira de Raymundo Monteiro enquanto ele cochilava na cadeira após rica noite de orgia. Contam ter sido a cadeira do fígaro Guimarães, na barbearia “Ideal”, da rua dos Ourives. Foi naquela madrugada que, sob seu comando, um grupo de alegres e

descompromissados poetas, quem sabe todos do grupo *nós, as abelhas*, que ele integrava com fascínio, cantou e cantou pelas ruas o que lhes ensinara Gabriel Vicaire

*De plante em pousse...*

*De pousse em fleur...*

*De fleur em graine...*

*De graine em vert...*

*De vert em mure...*

*De mure em coupe...*

*De coupe em cerve*

*De cerve em verre...*

*De verre em bouche...*

Uma carta – poética carta – de Martins Fontes enviada de Santos para Manaus, em 1932, confirma as relações de Raymundo Monteiro com o grupo intelectual do Rio de Janeiro, com início em maio de 1902, também pelo “Café Araponga”, com Oscar Lopes, Leal de Souza e Goulart, sendo, àquele tempo, bem referenciado por Bilac e Emílio de Menezes. Para Fontes, companheiro daqueles belos dias, Raymundo Monteiro era mesmo uma figura importante de poeta e amigo – *como poeta nenhum foi primeiro entre nós, (...) ...Era assim, na ardente mocidade, o meu amado Raymundo Monteiro, que conversando uma vez sobre o ritmo dos mundos, me confidenciou, baixando a voz, que sempre tivera a superstição do ritmo!* E prossegue o missivista: *...fazia primorosos versos em francês. Bebera em companhia de Mendes, de Verlaine, de Albert Mérat e de Leon Valade...*, abrindo página especial em obra que se destinava a relembrar a época de Olavo Bilac e seus companheiros de cafés, confeitarias e saraus dando ênfase ao nosso Monteiro.

E foi tal a relação entre Raymundo Monteiro e Martins Fontes que *As Horas Lentas*, livro derradeiro, foi todo ele dedicado por Monteiro ao velho amigo. Ao receber o prêmio maior da amizade que lhe poderia ofertar o poeta humaitaense, Martins Fontes escreveu uma carta a Monteiro, toda em versos, lembrando o que se passara, tratando dos companheiros, os lugares, os banquetes na qual descreve a sua figura singular,

*Belo, tinhas as mãos pálidas, impolutas!*  
 – *Nem na terra houve nunca outra alvura melhor*  
*Publicaras há um mês o teu livro ‘Volutas’*  
 – *cujos poemas de amor eu sabia de cor!*  
*Teu vulto de rapaz, como Aníbal dizia,*  
*Logo, ao primeiro instante, impressionava o olhar.*  
*Parecias no todo e na fisionomia,*  
*Um Rodolfo – Colline, um Marcelles-Schtaunard!...*

e registrando o carinho de Bilac e Emílio pelo filho das barrancas do rio das madeiras, confirma o tempo da convivência intensa e anuncia a saudade que o dominava,

*Durante um ano inteiro, serenata à lua,*  
*Na tua intimidade eu passei, convivi.*  
*Depois – que despedida amaríssima a tua!*  
*Partiste para sempre e eu nunca mais te vi.*

E Martins Fontes era voz autorizada a falar desse modo. Ele que foi da última geração dos parnasianos e no entender de Fernando de Azevedo se excedeu na vida final da escola poética *...cuja exuberância e temperamento, comunicativo até a efusão não lhe permitia conter-se nas formas da poesia parnasiana, tão de seu gosto...*

É dessa época o livro *Voluptas* editado no Rio de Janeiro pela tipografia dos Anais – Revista de Literatura, Arte, Ciência e Indústria, da rua São José, nº 25, com 112 páginas, trazendo no pórtico duas estrofes do poeta francês Édouard Schuré, aquele que difundiu a premissa da  *fusão das artes* que correspondia à das reversibilidades e das correspondências baudelairianas,

*Lê verbe chate em moi...*  
*mais nul rayon projrie*  
*Na descelle ma bouche*  
 – *O misere! O supplice.*

Veio ao tempo de “Os Últimos Dias” de Cruz e Sousa, do festejado “No Hospício” de Rocha Pombo, e quando Euclides da Cunha, depois de publicar Os Sertões, em 1902, varara os rios para o alto Purus, em plena selva na missão oficial grandemente desejada.

Tratava-se de um livro especial no qual *todos os poemas cantam o amor e a saudade através de um doce lirismo*, conforme assinala Genesino Braga, muitos deles dedicados às mulheres que devem ter ocupado o coração apaixonado de Raymundo Monteiro. Uma certa Tereza, outra Fanny, uma Maria, a francesinha Lisette e a Ninon que parece ter sido a sua preferida, e a beldade romântica de Bergonha. Poesia bem à moda do seu tempo que Afrânio Peixoto classifica como a *...fase simbolista-impressionista-decadente brasileira, de 1890 a 1910, revelou os mesmos valores estéticos: intimismo, misticismo, esteticismo, individualismo, gosto do mistério, da interiorização...*

Th. Vaz em artigo de jornal lançado na ocasião bem confirma o sentimento de Genesino: *...O poeta diz com correção gramatical e métrica, com harmonia e sinceridade, tem imagens preciosas, e, sobretudo, deixa transparecer a cada passo um quer que seja de terno e íntimo, prova viva de que o coração foi o seu grande colaborador...*

Eis revelados alguns segredos do nosso poeta em gesto que há de servir para resplandecer sua vida depois do encantamento, e instigar outras pesquisas.

{ ORATÓRIA }

## — Abertura<sup>1</sup>

posse do acadêmico RENAN FREITAS PINTO<sup>1</sup>

Esta Casa, com justificadas razões, enche suas históricas colunas culturais com as florais do mais justificado regozijo, pelo advento, na noite de hoje, em sua composição de selecionados membros, da figura de um intelectual brilhante que vem enriquecer os quadros da Academia com o renome de suas qualidades morais e intelectuais.

Falo de Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto, que chega neste instante à casa veneranda de Adriano Jorge trazendo na contribuição de seus conhecimentos e polimorfa cultura, os elementos que lhe valeram, pela admiração de seus pares, a eleição para a Cadeira nº 32 da Academia.

Graduado em Letras pela Universidade do Amazonas, em 1969, ele insere em suas qualificações intelectivas, o curso de mestrado em Sociologia, concluído, em 1982, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul; o de doutorado, na Universidade de São Paulo, concluído neste ano de 2012, sendo ainda, como reconhecimento pleno de seus altos e refinados pendores para o saber, professor da Universidade Federal do Amazonas.

No somatório do seu saber cultural, desenvolveu ainda pesquisas sobre o pensamento social brasileiro (com financiamento do CNPQ) e atualmente ministra cursos e desenvolve pesquisa sobre a Teoria Crítica no Brasil. É autor do livro *A Viagem das Ideias* (Editora Valer) e *A Sociologia de Florestan Fernandes* (Editora da Universidade Federal do Amazonas). Tem publicado artigos sobre arte e cultura em jornais locais desde a década de 1960 até o presente, e também participado como autor e organizador de várias obras coletivas em âmbito nacional e local.

Justifica-se plenamente, portanto, o regozijo que invade os corações e a consciência de quantos compõem este histórico sacrário do

1. Cadeira nº 32, de Bernardo Ramos, em 26 de outubro de 2012

- 34 saber amazonense, pela chegada um tanto humilde – diríamos, no reconhecimento da verdade dos fatos –, da figura magnífica de Renan Freitas, a quem laureamos neste momento, com a sinceridade da nossa admiração e profundo apreço.

¶ ARLINDO PORTO



## — Discurso

*posse do acadêmico* RENAN FREITAS PINTO

Desejo nesse momento manifestar minha satisfação em tomar posse na Academia Amazonense de Letras e dizer a todos os presentes dos motivos de minha alegria. Isso por que de certa maneira, desde que passei a viver em Manaus quando tinha 19 anos, tive a oportunidade de começar a viver experiências que posso claramente reconhecer como situações relacionadas com a vida literária e artística de Manaus. Foi nessa época que tive a feliz ocasião de conhecer os meus dois primeiros amigos amazonenses, que já eram então escritores reconhecidos. Estou me referindo a Elson Farias e Luiz Bacellar. O fato de conhecê-los, tão logo que passei a viver aqui, é algo que devo certamente reconhecer como um privilégio. Tive posteriormente a satisfação de escrever apresentações para livros de ambos, o que para mim significou algo de muito especial.

Ambos frequentavam as sessões musicais na casa de meu avô, o também poeta Raimundo Freitas Pinto, e foi nesse ambiente que tive a oportunidade de conhecê-los. Foi por intermédio desses dois escritores – que me impressionaram primeiramente pelo conhecimento que possuíam de literatura em seu sentido mais universal – e que aos poucos fui conhecendo também seu domínio do fazer poético, e a partir do que tive uma impressão extremamente positiva do ambiente artístico e cultural da cidade.

Se é verdade que a biblioteca de meu pai já me despertara um certo gosto pela leitura, foi em Manaus e através desses amigos que passei a conhecer melhor não apenas o campo literário, mas também o de outras artes com as quais fui travando contato, sobretudo através do Movimento Madrugada. Foi então a partir dessa experiência ampliada que tive a oportunidade de conhecer os artistas plásticos Moacir Andrade, Álvaro Páscoa, Getúlio Alho, Afrânio de Castro, que

36 eram juntamente com outros mais novos como Gualter Batista, Enéas Valle, Zéca Nazaré, Van Pereira e Hahnemann Bacelar, os responsáveis pela criação de um novo modo de ver e representar o mundo através do desenho, da gravura, das ilustrações e de tintas e pincéis, conectando a Amazônia com movimentos de renovação que estavam em curso em outras cidades brasileiras.

O Movimento Madrugada, em associação com outros movimentos culturais da cidade como o representado pelo Grupo de Estudos Cinematográficos, do qual guardo a lembrança do lançamento do *Mostrador de Sombras* – primeiro livro de Márcio Souza sobre cinema –, assim como das críticas sobre filmes escritas por Luiz Ruas, que para nós era um decifrador de filmes. A combinação da ação desses movimentos exerceu a importante tarefa de difundir os artistas e movimentos de vanguarda, entre os quais deve ser lembrado o Concretismo e o neoconcretismo e mesmo movimentos como o cinema novo, a *nouvelle vague* francesa, o neorealismo italiano, o *Nouveau Roman*, assim como de outras tendências no campo das artes visuais que aqui de algum modo se refletiam no trabalho de artistas da geração mais jovem.

Esse contato com escritores e artistas do Clube da Madrugada foi de extrema importância para minha aprendizagem em sentido abrangente, pois em torno do grupo principal de artistas plásticos e escritores gravitavam jovens ligados a um tipo de ativismo cultural e político. Sim, porque havia também uma clara compreensão de que o campo da cultura e da arte estava fortemente em conexão com os ideais políticos, em particular aqueles relacionados com as possibilidades de resistência contra o regime autoritário que se instalara em 1964. A arte e o campo cultural apareciam entre as últimas possibilidades de se desenvolverem atividades de resistência ao regime ditatorial e de luta pela reconquista da democracia e do estado de direito. Isso para lembrar que apesar de todas as dificuldades típicas das regiões mais afastadas do epicentro cultural do país, Manaus estava conectada culturalmente e de um modo particular com o Rio de Janeiro.

Com vários incidentes que envolveram artistas e intelectuais, o Movimento Madrugada conseguiu habilmente sobreviver aos anos

mais duros anos da ditadura, sem deixar obviamente de sofrer as restrições que eram impostas à vida cultural do país. Conseguiu na verdade conectar a produção literária e artística de modo amplo com as principais correntes e tendências da arte brasileira, sendo esse papel provavelmente o mais importante de sua história. Uma história que, em certo sentido, durou enquanto durou o fechamento político do país, de uma vez que, com a abertura e a recomposição lenta, prolongada da vida democrática, na verdade, ainda em curso, o movimento como que perdia sua força inicial até praticamente se diluir na dispersão de seus componentes.

São essas as primeiras impressões que tive da vida intelectual e espiritual do Amazonas, as quais foram se acrescentando outras igualmente marcantes que passo a mencionar de forma necessariamente breve e que tem muito a ver com o contato com algumas personalidades singulares da vida cultural local, das quais devo destacar em consideração a este momento de meu ingresso na Academia, aqueles que tive a oportunidade de conhecer pessoalmente. Entre essas personalidades, todas elas tendo seus nomes identificados com a Academia, lembro com especial deferência João Chrysóstomo de Oliveira, Agenor Ferreira Lima, André Araújo, Mário Ypiranga Monteiro, Arthur César Ferreira Reis, Djalma Batista e Samuel Benchimol, com os quais aprendi diversas lições quer como professores, desde o Colégio Estadual até a Universidade do Amazonas, quer como autores de obras fundamentais para o conhecimento da Amazônia. Todos esses nomes fizeram história na Academia Amazonense de Letras e imprimiram a ela a marca de seus pensamentos originais que fazem parte da formação de um pensamento sobre a Amazônia que, por sua vez, está fortemente integrado ao pensamento social brasileiro.

Ao nos referirmos à representatividade das obras e das ideias de alguns desses intelectuais que acabamos de mencionar para a formação e o desenvolvimento do pensamento brasileiro temos claramente em perspectiva a convicção de que esse pensamento vai se constituindo com a participação não apenas dos pensadores situados nos centros culturais e políticos mais densamente atuantes, mas nos centros mais distantes, espalhados pelas diferentes regiões do país, ou seja, a ideia de que a cultura brasileira pode ser represen-

38 tada pelas imagens do arquipélago formado por ilhas maiores e menores ou mesmo pela ideia de constelações que confere ao conjunto a condição de um sistema em conexão, e no qual cada um dos elementos é imprescindível para formar a ideia de totalidade.

Assim, a literatura, como a cultura de um país, não é só aquela que se desenvolve e se propaga nos grandes centros metropolitanos, mas também aquela que tem sua origem em locais afastados desses centros, como tem demonstrado fartamente o processo de formação da literatura e da cultura brasileira em seu sentido mais abrangente, desde seus momentos inaugurais até o presente. Sabemos entretanto, das dificuldades existentes para rompermos com as desigualdades existentes entre as regiões, em especial quanto ao reconhecimento de formarmos uma constelação de diferenças e que essas diferenças constituem o nosso maior potencial criativo.

Dos autores mencionados destacarei apenas aqueles com os quais já tive algum tipo de participação, seja escrevendo sobre eles e sobre alguma de suas obras, seja empreendendo ou acompanhando pesquisas no ambiente da Universidade, onde praticamente desenvolvo até o presente o trabalho de professor e pesquisador. Devo mencionar a respeito desse trabalho de pesquisa na Universidade que um dos nossos empenhos maiores tem sido o de compreender e interpretar o pensamento que tem se produzido na Amazônia como parte constitutiva e representativa do pensamento brasileiro. É, portanto, nessa perspectiva que estamos tomando alguns desses autores e de suas obras e respectivas contribuições.

Vou começar mencionando André Araújo, cuja obra para nós das Ciências Sociais possui um particular interesse, pois foi reconhecidamente o autor das primeiras obras de sociologia sistemática da Amazônia. Como orientador de pesquisas no âmbito de mestrados da Ufam, orientei dois trabalhos de pesquisa envolvendo, o primeiro, seu pensamento educacional e o segundo, o pensamento sociológico do autor de *Introdução à Sociologia da Amazônia*, obra que tive a oportunidade de participar de sua reedição quando me encontrava à frente da Editora da Universidade Federal do Amazonas, a Edua, em trabalho de coedição com a Editora Valer cujo programa editorial encontrava-se sob a direção de Tenório Telles e hoje membro da Academia.

Do professor André Araújo, guardamos a viva lembrança de um professor e intelectual sem qualquer tipo de vaidade ou arrogância. Era um homem de fácil convivência, desprendido, que possuía um humor irreverente e que apreciava manter com seus alunos uma boa conversa em torno de leituras e de autores sobre os quais recomendava as obras.

Ocupou várias posições e cargos na estrutura do poder local, mas preferimos destacar o que existe de original em sua trajetória de homem de ação, porque os cargos de secretarias de governo e outros da vida pública podem ser ocupados, como de fato acontece, sem que haja qualquer mérito, muitas vezes significando exatamente o contrário, quando se trata de simplesmente deter fatias do poder, do que resulta em boa parte no descompromisso, mediocridade e irresponsabilidade que, hoje como ontem, estão presentes na vida pública brasileira, muitas vezes de forma vergonhosa.

Portanto, André Araújo não era apenas um professor dedicado a estudar e escrever sobre as questões fundamentais da formação social amazônica, trabalho que realizava através de uma escrita rigorosa e reveladora de um sentido crítico presente em suas abordagens dos problemas investigados. Era também o que chamamos de homem de ação. Foi o primeiro Juíz de Menores do Amazonas e em relação aos menores e a família e a questão social em sentido amplo, produziu não apenas obras importantes, mas foi responsável por várias iniciativas no campo da educação voltadas para crianças e adolescentes necessitando de atenção especial. Na condição de presidente da Cruzada Nacional da Educação ajudou a fundar perto de 100 escolas de alfabetização no interior do Estado.

Dedicou-se ao estudo da cultura popular amazônica, sobre a qual deixou registros relevantes em sua obra *Sociologia de Manaus* e sobretudo através de documentação fotográfica que produziu pessoalmente. Uma parte substancial de sua obra dedicada aos problemas da infância e da família sendo recuperada através de edições promovidas pela Secretaria de Cultura do Estado.

Fui aluno do prof. Mário Ypiranga Monteiro no Colégio Estadual do Amazonas, onde ele dava aulas de geografia. Poucos anos depois fui seu aluno de Literatura no Curso de Letras da Universidade do

40 Amazonas, ocasião em que também fui aluno de outro professor que pertenceu à Academia Amazonense de Letras, o prof. João Chrysóstomo de Oliveira. A contribuição de ambos certamente ainda não foi devidamente avaliada, mas já podemos registrar no âmbito da pós-graduação da Universidade Federal do Amazonas, dissertações de mestrado que têm como objeto de investigação a obra de Mário Ypiranga Monteiro e podemos prever que a contribuição de João Chrysóstomo para os estudos filológicos da língua portuguesa não tardará em ser inventariada e interpretada em pesquisa de cunho acadêmico.

A contribuição de Mário Ypiranga Monteiro para o conhecimento da Amazônia se manifesta em diferentes campos de investigação. Há contribuições originais para a história social e cultural, em estudos sobre tipos urbanos de Manaus, a história das ruas, a gastronomia, da mesma forma que sua ampla contribuição para a história da literatura regional, para os estudos etnográficos e da cultura popular.

Djalma Batista – sobre quem cultivamos uma admiração particular, possui um lugar especial na história cultural da região amazônica e sua vida devotada aos estudos da Amazônia inclui a Academia como uma das expressões da vida intelectual local que mereceu uma dedicação especial de sua parte. Ele reconhecia na Academia um papel fundamental para uma nova organização da cultura no Amazonas, sobretudo porque via na produção intelectual de escritores, historiadores e artistas a ela vinculados, a manifestação das mudanças que estariam ocorrendo em termos de desenvolvimento, ou mais precisamente, segundo seus próprios termos, da superação do subdesenvolvimento que era fundamentalmente um problema cultural.

A Amazônia só se desenvolveria – essa é tese principal de sua obra maior, *O Complexo da Amazônia* – através de mudanças estruturais no âmbito da educação e da cultura, na medida em que só poderemos conseguir mudar aquilo que conhecemos em profundidade. Esse conhecimento profundo da região não acontece apenas através das ciências aplicadas, mas também através da literatura, das artes visuais, do jornalismo crítico e comprometido com as questões fundamentais da região, do país e do tempo presente. Jornalismo que ele praticou com especial talento e sensibilidade, abordando temas muitas vezes

surpreendentes. Em um desses artigos, ao concluir a leitura do manuscrito de Galvez, *o Imperador do Acre*, que lhe fora entregue por Márcio Souza, prenuncia o surgimento de um escritor que está propondo um novo marco para a literatura brasileira a partir da Amazônia.

Djalma Batista vivenciou o ideal de homem de ciência e homem de ação. Como médico foi exemplo do compromisso do cientista com as questões sociais que a perspectiva da saúde pública põe em destaque, em especial em uma região como a nossa, marcada pelas desigualdades profundas entre as grandes cidades e as pequenas aglomerações humanas do interior da região.

Sua obra *O Complexo da Amazônia* inaugura em alto estilo a perspectiva de se perceber a Amazônia como um tema a ser tratado não apenas por disciplinas autônomas e pesquisadores ciosos de suas especializações. Ela exemplifica que é através do reconhecimento de sua complexidade que devemos buscar desvendá-la, decifrar seus enigmas passados e presentes.

Sobre essa obra tive a satisfação de ser um dos responsáveis por sua reedição, juntamente com Tenório Telles da Valer e o Jorge Rebelo, que na ocasião era o coordenador editorial do Inpa. Devo mencionar ainda que o acadêmico que nesse momento me recepciona em nome dos demais membros da Academia, o médico de trajetória exemplar que é Marcus Barros, também participou dessa reedição do *Complexo da Amazônia*, escrevendo seu posfácio, na condição de alguém que aprendeu o sentido comprometido da medicina ao trabalhar durante vários anos como assistente do Dr. Djalma.

Temos sempre, quando acontece a oportunidade, o compromisso de lembrarmos a importância do prof. Samuel Benchimol para o desenvolvimento do pensamento brasileiro a partir das reflexões de intelectuais da Amazônia. Ele nos legou com as suas aulas e suas obras o exemplo do pensador profundamente comprometido com o destino de sua região e de seu povo. E nesse sentido sua obra apenas começa a ser devidamente revelada através de estudos mais pacientes, sobretudo graças ao ambiente de pesquisa que se desenvolve na experiência da pós-graduação. E é do professor Samuel Benchimol a afirmativa de que, com o novo movimento de pesquisas em curso na Amazônia, que estamos deixando de nos ver a nós mesmos através do

42 olhar dos autores estrangeiros para nos vermos com os nossos próprios olhos.

Como está previsto nos discursos de posse da Academia, aquele que está sendo investido da condição de novo membro, deve traçar um breve retrato daqueles que o antecederam buscando acentuar os traços mais singulares de suas personalidades e as suas mais relevantes contribuições para a sociedade de seu tempo. As três personalidades a quem devo me reportar por estarem na condição dos ocupantes anteriores da cadeira 32 da Academia Amazonense de Letras possuem perfis bem diferenciados que devem aparecer em seus breves retratos que tenho neste momento a satisfação de esboçar em seus principais traços.

Como já existem registros de suas biografias em publicações como o *Dicionário Biográfico dos Acadêmicos: Imortais do Amazonas*, de autoria de Almir Diniz de Carvalho, obra fundamental para o estudo da história e da formação espiritual da Academia, buscarei imprimir às minhas referências sobre as três personalidades, aqueles elementos que resultam da leitura das informações facilmente disponíveis e que distinguem o contexto em que atuaram, mas, sobretudo, no sentido em que devem buscar acentuar a marca distintiva de suas respectivas ideias e ações. Cada um a seu modo, é possível afirmar, pode ser lembrado como uma personalidade representativa de seu tempo. A começar por Bernardo Ramos, escolhido como patrono da cadeira nº 32. Sobre ele recorreremos às informações reunidas por Agnello Bittencourt em seu *Dicionário Amazonense de Biografias: vultos do passado*. Edição da Academia Amazonense de Letras e Editora Conquista do Rio de Janeiro, 1973.

Bernardo Ramos tornou-se conhecido como o colecionador cujo acervo de sua propriedade deu origem ao Museu de Numismática do Amazonas, coleção essa que possui até o presente, entre as existentes no país, o reconhecimento de se constituir em uma das mais amplas coleções de moedas de várias épocas e procedências. Entretanto, não se limitou apenas a colecionar moedas e o que restou de seu acervo, além da coleção de moedas, foi destinado a constituir o patrimônio do IGHA, do qual foi também um dos fundadores e seu primeiro presidente.

A atribulada história dessa coleção reflete, de diversos modos, a ausência de uma percepção clara de seu valor e importância como patrimônio cultural brasileiro por parte de nossos governantes e autoridades do campo da cultura, pois ao longo de sua existência, como indicam vários registros historiográficos, ficou encaixotada ou sob a guarda do Tesouro estadual, e só em data relativamente recente foi restabelecida como uma coleção organizada segundo os procedimentos técnicos indicados e exposta ao público. Poderíamos reconhecer portanto, em se reconhecimento tardio, um caso típico de falta de uma consciência museológica, que poderia ajudar-nos a compreender em termos mais abrangentes a ausência de continuidade de uma política de museus como uma das marcas de nossa história cultural.

Nasceu em Manaus em 1858, no seio de uma família pobre e ficou órfão de pai muito cedo. Começou a trabalhar no Correio local. Aos 21 anos passou a trabalhar como amanuense na Comissão de Limites Brasil-Venezuela e dessa época há lembranças de histórias com lances romanescos, mencionadas brevemente por Agnello Bittencourt.

Um fato certamente digno de registro é que Bernardo Ramos viveu no Amazonas a transição do regime monárquico para a República, tendo sido eleito vereador de Manaus, recusando nessa condição de representante político da cidade, a receber qualquer remuneração.

Vai se dedicar ao comércio numa época em que a cidade vivia uma situação excepcional de riqueza. Tornou-se um comerciante de moda, um setor que prosperou na proporção das necessidades dos consumidores de acompanharem o estilo de vida e de consumo das metrópoles europeias, mas em especial de Paris.

A riqueza adquirida com o sucesso e a expansão dos negócios lhe deu a chance de empreender viagens à Europa e Oriente Médio. E as informações disponíveis indicam que percorreu a Palestina e o Egito, lugares em que permaneceu tempo suficiente para adquirir algum conhecimento de línguas antigas como o hebreu, o fenício e o sânscrito. A nosso ver, a descrição dessas viagens possui elementos fantasiosos, mas, de qualquer modo, parece certo que sua coleção de moedas tem a ver com essas viagens e o próprio perfil intelectual que se beneficiou e se acentuou a partir de suas atividades proporcionadas pela situação financeira conquistada.

Bernardo Ramos nos lembra um daqueles personagens sugeridos pelos escritos de Baudelaire e Walter Benjamin sobre o homem da metrópole e o colecionador, típicos da modernidade particularmente presentes na passagem do século 19 para o século 20. É sempre bom lembrar que Manaus era parte, mesmo que se encontrasse distante e no coração da floresta equatorial, desse universo retratado em textos como *Paris Capital do século 19*.

Sobre o fato de ser Bernardo Ramos um comerciante de moda e, portanto, ser alguém diretamente ligado a um dos signos dessa época de mudanças no comportamento da sociedade, tal fato a nosso ver, pode ser tomado como uma evidência de que ele personifica como comerciante, juntamente com outros personagens como o planejador urbano, o engenheiro, o jornalista e propagandista, os principais responsáveis pelo sentido que tomavam as principais transformações da época, que tem sua clara expressão na fisionomia de Manaus de seu tempo.

Em função de sua atividade de comerciante de moda tornou-se um viajante, percorrendo o caminho inverso das mercadorias que importava da Europa. Era atraído, portanto, pelas cidades que alimentavam as principais rotas de mercadorias destinadas aos locais mais distantes de seus centros de produção e irradiação.

A moda retrata melhor do que os outros elementos as tendências de uma época e de uma sociedade, concordando com a convicção do filósofo Walter Benjamin, para quem “o aspecto mais interessante da moda é a sua extraordinária capacidade de antecipação”. Ou seja, a ideia de que a moda já encerra em sua manifestação traços do que acontecerá no futuro.

Bernardo Ramos, ao se tornar um bem-sucedido comerciante de moda, se transforma também em um dos agentes da modernidade de Manaus, perfil que se completaria com sua condição de viajante e colecionador. E sobre o colecionador nada mais apropriado do que as passagens e fragmentos colhidos por Walter Benjamin para compreendermos o significado tanto do impulso do colecionador como dos objetos capturados pelo sentido de descobrir em cada um deles sua história e a de seus possuidores anteriores. Como assinala Walter Benjamin, “o colecionador retira o objeto de suas rela-

ções funcionais e sobre ele lança um olhar incomparável, um olhar que vê mais e enxerga diferentes coisas do que o olhar do proprietário profano e o qual deveria ser melhor comparado ao olhar de um fisiognomista”. Para o colecionador, anota ainda, este olhar se fixa a cada instante de uma maneira mais aguda, na medida em que (p. 241), para o colecionador, o mundo está presente em cada um de seus objetos e ademais, de modo organizado. E citando textualmente Walter Benjamin:

*Organizado, porém, segundo um arranjo surpreendente, incompreensível para uma mente profana. Este arranjo está para o ordenamento e a esquematização comum das coisas mais ou menos como a ordem num dicionário está para uma ordem natural. Basta que nos lembremos quão importante é para cada colecionador não só o seu objeto, mas também todo o passado deste, tanto aquele que faz parte de sua gênese e qualificação objetiva, quanto os detalhes de sua história aparentemente exterior: proprietários anteriores, preço de aquisição, valor etc. Tudo isso, os dados “objetivos”, assim como os outros, forma para o autêntico colecionador em relação a cada uma de suas possessões uma completa enciclopédia mágica, uma ordem do mundo, cujo esboço é o destino de seu objeto (p. 241).*

E concluímos essa referência a Walter Benjamin retirando dos seus apontamentos sobre o colecionador a observação segundo a qual seu motivo mais recôndito seja a luta que ele empreende contra a dispersão em que se encontram as coisas no mundo. Ao contrário do alegorista que desistiu de elucidar as coisas através de seus nexos e que as desliga de seu contexto e desde o princípio confia na sua meditação para elucidar o seu significado, o colecionador reúne as coisas que são afins e consegue, deste modo, informar a respeito das coisas através de suas afinidades ou de sua sucessão no tempo. Mas o mais importante que todas as diferenças que possam existir entre eles, é que em que cada colecionador se esconde um alegorista e em cada alegorista, um colecionador (p. 245).

O cônego Walter Nogueira é o personagem que passamos retratar em seus traços essenciais. O que caracteriza os acadêmicos que

46 nos coube destacar é que possuem entre si elementos que os aproximam, e o principal deles é que, cada um em seu contexto de época, são intelectuais fundadores e organizadores de instituições que se tornaram marcos e referências para o desenvolvimento da Amazônia. Se destacamos em Bernardo Ramos o fundador do Museu Numismático e do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, o cônego Walter Nogueira é lembrado como o fundador e organizador do curso de filosofia da então Universidade do Amazonas.

O escritor Almir Diniz que editou o *Dicionário Biográfico: Acadêmicos Imortais do Amazonas*, nos oferece um verbete contendo as informações essenciais para compormos um retrato que certamente se apresenta como elemento de leitura norteadora para futuros estudos sobre o cônego Walter Nogueira. Dessas informações nos valem para aqui traçar seu breve retrato intelectual.

Nascido no município de Coari em 1926, iniciou seus primeiros estudos em sua cidade natal. O secundário cursou-o no Colégio Dom Bosco em Manaus e o Salesiano em Belém, onde também ingressou no Seminário Nossa Senhora, aí cursando Filosofia. Em Belo Horizonte – Minas Gerais, cursou Teologia. Foi ordenado sacerdote secular em 1949 por Alberto Gaudêncio Ramos, na Catedral de Manaus, depois do que, cursou Direito Canônico na Universidade Gregoriana na Itália e concluiu também o curso de Direito na Universidade do Amazonas. Cursou também Ciências Sociais e Econômicas no Ateneu Romano. Realizou estudos pós-graduados na Universidade Internacional de Estudos Sociais de Roma, com estágio em Colônia, na Alemanha.

Dedicou-se às atividades do magistério tendo sido professor de latim, grego, francês e filosofia no Colégio Estadual do Amazonas e no ensino superior foi professor de História Econômica e Princípios de Sociologia Aplicada na Faculdade de Ciências Econômicas da então Universidade do Amazonas, atividades que conciliou com o exercício de várias funções públicas, dentre elas a de secretário de Educação.

Provavelmente, entretanto, sua maior realização como intelectual e homem de ação foi a de idealizar e colocar em funcionamento o curso de filosofia da Universidade do Amazonas, contribuindo assim para consolidar um dos fundamentos essenciais dos estudos huma-

nísticos em nível superior em seu Estado, experiência que ele mesmo documentou com rara riqueza de detalhes em livro intitulado *Sindérese sobre a Faculdade de Filosofia do Amazonas*.

Há alguns aspectos do perfil de Ruy Alberto da Costa Lins que se aproximam em alguns traços daquele que acabamos de esboçar da trajetória do cônego Walter Nogueira. E certamente o mais evidente deles é o de que contribuíram, cada um em seu campo de atuação, para consolidar o projeto da Universidade do Amazonas, ao mesmo tempo em que se afirmavam como homens de ação desempenhando funções públicas ligadas à administração de instituições, na maior parte dos casos, identificadas com o propósito de promover o desenvolvimento do Amazonas. Portanto, mais do que mencionar os cargos e funções que ocupou, como já afirmamos há pouco, a nosso ver, é mais importante assinalar que ele foi um dos representantes típicos de toda uma geração envolvida com um processo de mudanças, responsável por um novo modo de perceber o papel das organizações, tanto do Estado como da esfera empresarial, na implementação do que se transformou no atual modelo de desenvolvimento regional.

No caso de Ruy Lins, ele personifica mais intensamente a crença de que as instituições têm um papel especialmente forte a cumprir no processo de desenvolvimento da região. Em outras palavras, sua experiência e sua própria formação estão identificadas com a Amazônia vista na perspectiva do planejamento e das políticas públicas de governo caracterizadas por grandes investimentos federais na região, mas também da criação de uma nova mentalidade empresarial identificada com a necessidade de formação de novos quadros para dirigir as instituições regionais e locais a partir de um novo fundamento que envolve a globalização econômica, a mundialização da cultura, uma nova estratégia geopolítica e sobretudo um novo significado da Amazônia como parte do país e do mundo.

A Universidade do Amazonas era pensada como uma dessas estruturas modernizadoras que deveria assumir a condição de formadora de uma nova geração de administradores e gestores em sentido bastante amplo. Era necessário capacitá-la prioritariamente para transformá-la nesse instrumento formador de uma nova elite diri-

48 gente. E foi esse o perfil que predominou na Universidade do Amazonas, ou seja, aquele projeto de Universidade que Ruy Lins, sob muitos aspectos personifica, até que ela fosse reorientada pelo projeto de desenvolvimento da pesquisa e da pós-graduação, projeto esse na verdade, pelo menos naquele momento, mais induzido pela política federal de ensino superior vinculado ao fomento de ciência e tecnologia, do que concebida por iniciativa da própria Universidade.

Traçado esse breve quadro em que vão ocorrer mudanças significativas na ideia de desenvolvimento regional, torna-se mais fácil e mais clara a compreensão do perfil intelectual de Ruy Lins e de toda uma geração de profissionais que personificaram e ainda personificam essa mudança na orientação do desenvolvimento regional, no qual o Amazonas tem um papel de condutor e de representante típico no contexto do conjunto dos Estados da Região Norte. Ruy Lins vivenciou praticamente todos os momentos mais marcantes desses processos.

Tenho lembrança de convite que recebi da Codeama para participar de um levantamento socioeconômico dos municípios do Amazonas de cujo conjunto seria possível a realização de um diagnóstico das necessidades de cada uma das áreas pesquisadas e do Amazonas em sentido abrangente. Ruy Lins foi um dos responsáveis por esse trabalho de pesquisa, que deveria na verdade ser um novo ponto de partida para o mapeamento dos problemas responsáveis pelo subdesenvolvimento do Estado.

Concluídas essas breves referências aos nossos ilustres patronos e antecessores resta-nos um breve e final pronunciamento sobre o significado que, para nós, possui a Academia Amazonense de Letras.

Estou convicto de que a Academia Amazonense de Letras tem sido uma instituição aberta e que adota processos claros para o ingresso de seus membros. E que tem sido também uma instituição cultural que tem acompanhado e vivido as transformações que se processam na sociedade, às vezes de modo bastante rápido. O seu diálogo com outras instituições tem sido permanente, o que tem servido para o seu fortalecimento e, sobretudo, a sua presença no cenário cultural, o que fica evidenciado pela importância de sua biblioteca, de suas

edições de livros, revistas e informes, da atuação de seus membros como conferencistas e participantes dos eventos culturais da cidade e da região. Dessa forma, sua contribuição tem sido fundamental para o conhecimento da Amazônia em termos de sua história intelectual, o que tem sido feito através do conjunto da produção de seus membros no passado e no presente, com alguns de seus autores, especialmente, transbordam as próprias fronteiras de seu marco institucional, dentre os quais traçamos há pouco rápidos retratos.

Sob certos aspectos a sua história já está sendo escrita através de estudos e pesquisas que têm como objeto os autores que figuram em estudos e pesquisas desenvolvidos em programas de pós-graduação em âmbito regional e nacional. Ou seja, já participamos como personagens de nosso tempo, de um momento em que a Academia se transformou em fonte de conhecimento da cultura regional e brasileira.

Eu pertenço, já algumas décadas, de uma outra academia, a universidade. Essa academia, é necessário lembrar, sempre esteve associada à Academia Amazonense de Letras de várias maneiras, como indicamos há pouco, através de seus representantes e de pesquisadores de diferentes campos de investigação. É preciso insistir no fato de que essas ligações estão hoje mais presentes do que antes, pois com a expansão mesmo que tardia da pós-graduação, várias áreas de conhecimento como a literatura, a história, a geografia, a filosofia, a antropologia, a medicina vem alargando seus campos de interesse, o que invariavelmente implica na necessidade de inclusão de autores pertencentes ontem e hoje, à Academia Amazonense de Letras.

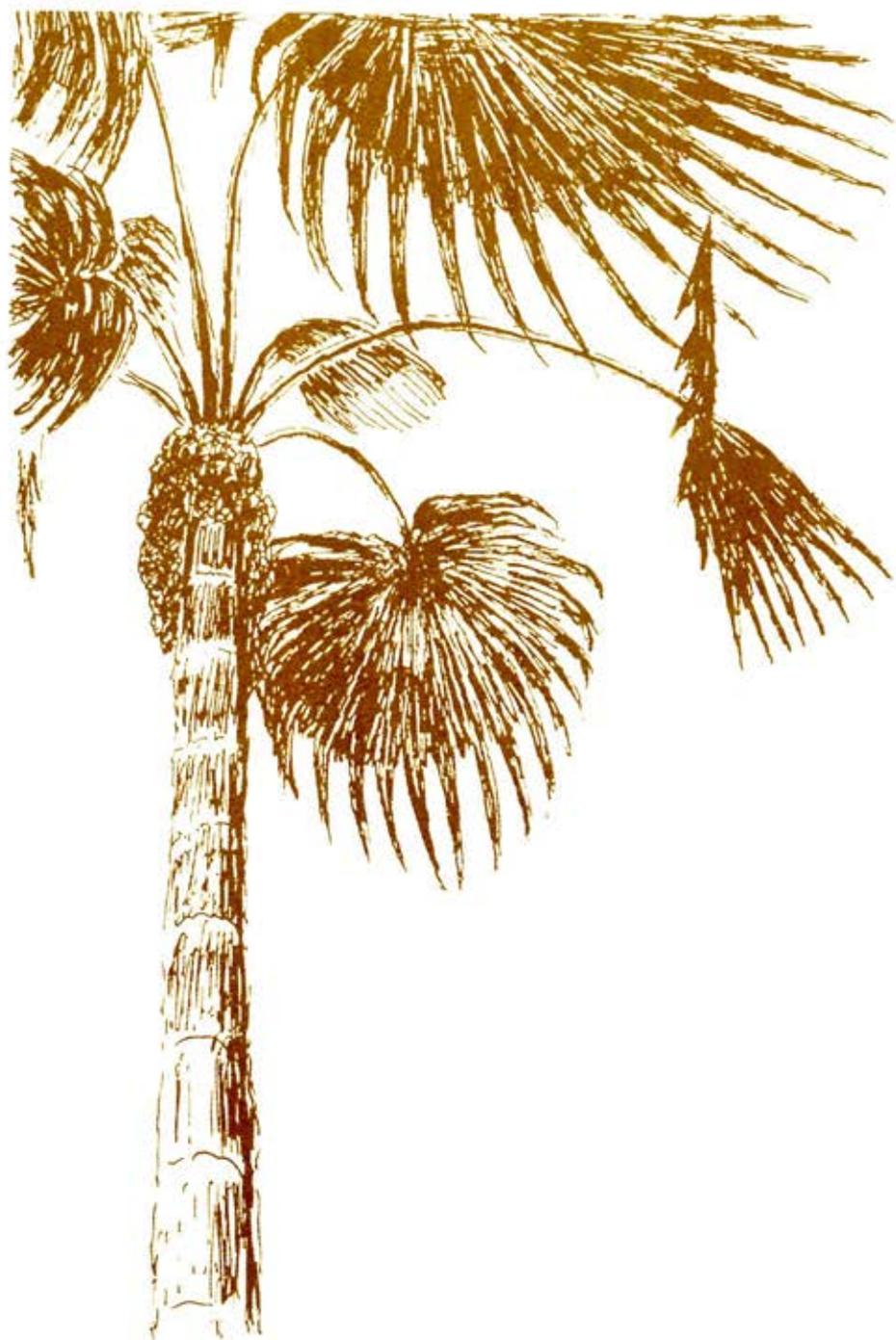
Os estudos sobre a formação do pensamento brasileiro na Amazônia, sobre a história das ideias, sobre a vida espiritual e sobre sua própria história social e cultural são atualmente responsáveis, dentre tantos outros temas e questões, por essa aproximação. Aqui nesta noite estão presentes vários autores que vêm promovendo esse novo momento do conhecimento, autores das duas academias. E aqueles que mesmo ausentes estão fortemente presentes em nossa lembrança.

A todos os que tive a chance de mencionar aqui e aos que lembrei de passagem, desejo dedicar essas palavras e que, de modo especial,

50 elas sejam dedicadas a Narciso Lobo e Luiz Bacellar, que já se foram, mas deixaram conosco a iluminada marca de suas passagens.

Assim comemoro esse meu ingresso na Academia. Obrigado a todos.

RENAN FREITAS PINTO



## — Saudação

posse do acadêmico RENAN FREITAS PINTO

*O saber a gente aprende com os mestres e com os livros.  
a sabedoria a gente aprende com a vida e com os humildes*  
Cora Coralina

Vou lhes apresentar um mestre, um sábio e um homem marcadamente humilde.

Devo, de pronto, expressar-lhes o meu orgulho e alegria por estar aqui, escolhido que fui, para apresentar à nossa Academia de Letras o professor doutor Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto, como novo acadêmico. Pertencem a este Silogeu alguns de seus melhores amigos e portanto conhecedores de sua vida pessoal e acadêmica. Dentre eles destaco Elson Farias, Marilene Corrêa, Márcio Souza, Aldisio Filgueiras, Moacir Andrade e Tenório Telles, para citar apenas alguns. Muito gostaria de ouvi-los falar sobre o Renan, porque deles adviriam um relato cheio de poesia, cultura, arte, ciência e história. Mas como coube a mim esse privilégio, o farei com todo meu sentimento e reverência a esse homem culto, brilhante e dono de uma simplicidade sem par.

Era 1966 quando conheci Renan Freitas Pinto. Éramos então servidores públicos, atuando no antigo Departamento de Promoção e Turismo do Amazonas, depois Emantur. Este era um espaço de importante agitação cultural capitaneada por Joaquim Marinho, seu diretor. Estávamos juntos com Anibal Beça, Arthur Engrácio, Deocleciano Bentes. Era também um ponto de encontro da *inteligência* da cidade. Márcio Souza sempre estava por lá, assim como Hanheman Bacelar e outros artistas e escritores locais e nacionais. Joaquim Marinho promovia, com sua *troupe*, os festivais de cinema, de música, as exposições de fotografia e outras manifestações artísti-

52 cas. Dessa experiência no Depro surgiu uma amizade que atravessou os tempos e me abriu horizontes, sensibilizando-me sempre para muito além dos ensinamentos da Faculdade de Medicina. Com Renan aprendi a ler e dele recebi meu primeiro livro com engajamento político. Era o *Bar Don Juan*, de Antônio Calado, um romance que mostrava a resistência ao regime militar. Estávamos nos meados da década de 60.

Acompanhei, assim, o desenvolvimento de um dos mais importantes intelectuais e cientistas sociais da Amazônia.

#### — FORMAÇÃO ACADÊMICA:

É invejável a formação acadêmica do professor Renan. Começa com um curso de Aperfeiçoamento em Português, na Universidade Federal do Paraná, em 1972 e culmina com o pós-doutorado em 2012, na Universidade de São Paulo-USP, com a obra *A recepção de Theodor W. Adorno no Brasil*, sob a orientação do professor doutor Wille Bolle. De permeio, a graduação em 1969 em Letras, Língua e Literatura Inglesa pela Universidade Federal do Amazonas. O mestrado foi em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1982 e o doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 1992. No doutorado, analisou a *Obra de Florestan Fernandes e a Formação do Brasil* sob a orientação de Octavio Ianni. No mestrado, analisou *A Economia da Juta em Região do Médio Amazonas*. Hoje é professor titular da Universidade Federal do Amazonas e se concentra na área de Sociologia com ênfase em Sociologia do Desenvolvimento, atuando principalmente nos seguintes temas: Amazônia, Pensamento Social, História das Ideias, Desenvolvimento Regional e Trabalho Feminino.

Além do lado formal, a erudição de Renan tem grande profundidade no cinema, na música, na literatura, no teatro, na filosofia, na história, em especial na história da Amazônia.

Aqui, ele também estuda com marcada competência *O Pensamento Social de Djalma Batista* e publica essa obra na nossa *Revista da Academia Amazonense de Letras*, em 2002.

Destaco três de seus livros publicados: o primeiro, em parceria com Marilene Corrêa, *Amazônia: a natureza dos problemas e os problemas da natureza*. No ano seguinte veio *Viagem das Ideias*, da Editora Valer, onde o autor resgata artigos publicados na imprensa entre 1997 e 1999, nos brindando com ricas análises sobre a formação do pensamento social da Amazônia. Discorre sobre autores clássicos como Hegel, Montaigne, Buffon, Montesquieu, depois recupera os relatos de Acuña, La Condamine, Avé-Lallement, Alfred Wallace, Louis e Elizabeth Agassiz. Em seguida são analisadas as interpretações sobre a Amazônia, presentes nas obras de Samuel Fritz, João Daniel, Alexandre Rodrigues Ferreira, Euclides da Cunha, Theodor Koch-Grünberg. Por fim analisa as obras de autores que nasceram e viveram na Amazônia: Araújo Lima, Eduardo Galvão, Djalma Batista, Arthur Reis.

Para dar divulgação mais ampla à sua tese de doutoramento publica pela Edua, em 2008, *A sociologia de Florestan Fernandes*.

Organiza com outros cientistas sociais *Vozes da Amazônia: Investigações sobre o Pensamento Social Brasileiro* publicado em 2007, pela Edua.

Com a colaboração de outros pesquisadores, organiza e publica *O diário do padre Samuel Fritz*, em 2006. São onze seus artigos publicados em periódicos especializados. Destaco “O Brasil mais esquecido” – Teoria e Debate, 1994.

Dos onze capítulos de livros que escreveu, aproveitou para homenagear a lembrança do querido poeta recém-desaparecido: “Luiz Bacceller e a arte Haiku” in *Satori*.

Renan, além de haver publicado nove trabalhos em anais de eventos científicos de sua área de concentração, também divulgou, através de artigos em jornais locais, cento e quarenta e nove artigos, versando sobre arte, cultura, fotografia, cinema, arquitetura e desenvolvimento econômico da Amazônia. Foi de Euclides da Cunha a Milton Hatoum, de Gorki a Hélio Oiticica, de Levy-Strauss a Buffon, de Foot-Hardman a Arthur Reis. Começou pelo *O Jornal* em 1966, *Diário da Tarde*, *A Crítica* e os últimos no *Amazonas Em Tempo*. Em revistas estrangeiras publicou “Géographie de l'exotique”, na *Revue IRIS*, Paris, France, 2004.

Teve participação em cento e vinte eventos científicos. Iniciou em 1966 “Por uma Arquitetura Tropical” e sua última participação, em 2012, com “A Teoria Crítica no Brasil”.

Orientou onze teses de mestrado e outras onze teses de doutorado.

O professor Renan Freitas Pinto é poliglota e tradutor de várias obras para o português.

Ensinou-me, há 40 anos, a manejar minha primeira Câmera Canon, a enquadrar, a valorizar a iluminação natural, a revelar. Com ele, via as imagens branco e preto nascerem do papel virgem, mergulhado nas soluções reveladoras. Foram dele as fotos da minha primeira campanha eleitoral, quando ainda pagávamos com nossos próprios salários os nossos impressos. Como os tempos mudaram...

Como era de se esperar de um intelectual dessa linhagem, o produto de seu trabalho deveria ser a literatura, os textos filosóficos, sociológicos... Convivi com Renan durante o regime ditatorial e pude acompanhar o intelectual orgânico, como em Gramsci. Sua produção contestava a falta de liberdade, reclamava pela volta à democracia. Quando foi possível, engajou-se em partido político, militou nas ruas e até candidatou-se a deputado federal. Àquela altura eu era candidato ao Governo do Estado e a confreira Marilene Corrêa à vice-prefeita de Manaus. Àquela altura, eu me recordava de Picasso diante da Guerra Civil espanhola: “A princípio pensei combatê-los com meus pincéis e cinzéis, mas frente a tanta opressão e desgraça os combati com todo o meu ser...”.

#### — O INTELLECTUAL GESTOR

Confesso que também me surpreendeu a capacidade gestora do professor Renan como diretor superintendente da Televisão Educativa do Amazonas. Os anos de 1973 a 77, de sua gestão, foram marcados por grande impulso na produção da TVE e na radiodifusão. Destaco os documentários cinematográficos “Palco Verde”, “Projeto Sumaúma: educação pelo rádio”, “Viagem Filosófica” e “Rita e Zuazo”.

Frente a tudo isso não exitei. Ao chegar à Reitoria da Universidade Federal do Amazonas, o convidei para criar uma política cultural a partir da instalação do Centro de Artes que denominamos

“Hannheman Bacelar”. Foi um sucesso que muito projetou a Universidade do Amazonas. 55

Após criarmos a Editora da Universidade do Amazonas – Edua, logo tivemos Renan como um dos seus mais competentes gestores. Foi uma fase das mais produtivas, quando trouxemos a lume parte expressiva da produção científica e literária de nossos professores.

Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto nasceu em Maceió. Àquela altura seu pai servia ao Exército em Alagoas. Logo veio para o Recife, onde viveu a infância e a adolescência. Daí para Manaus, que o viu crescer, crescer, crescer, até se immortalizar... Orgulha-nos sua chegada a esta Casa, doutor Renan... continue esse mestre, sábio e humilde, a nos ensinar. Seja bem-vindo!

Muito obrigado.

# — História da Faculdade de Ciências Econômicas<sup>1</sup>

ÉTICA E MEMÓRIA

1. Palestra proferida  
em 18 de junho de 2011  
na AAL

Início esta palestra como um dos membros integrantes da Academia Amazonense de Letras, fundada em 1º de janeiro de 1918, portanto nonagenária (93 anos) e já vislumbrando no horizonte as luzes da aurora de sua centúria em 2018. Os sacerdotes egípcios entoavam cânticos com a finalidade de acordar o sol à hora do aurorescer. Assim também, quando chegada a hora do centenário da Casa de Adriano Jorge e Péricles Moraes, seus fundadores, serão entoados os cânticos do saber, do cultivo das letras e da erudição dos inúmeros escritores que por aqui passaram e deixaram em imortalidade suas obras. Assim acordar-se-á o sol nascente da escrita com o intuito de lembrar que essas obras estão aqui, perenes na biblioteca deste Silogeu, e nas bibliotecas públicas ou privadas de amazonenses cultores da arte literária.

A biblioteca é considerada um dos mais antigos sistemas de informação já existentes na História da Humanidade. Aqui em Manaus, em 1945, no passado século 20, nossa Biblioteca Pública sofreu um incêndio. Não sobrou um livro sequer. Inclusive obras raríssimas. Foi o saudoso escritor Genesino Braga, membro desta Academia e então responsável pela administração da Biblioteca Pública que encetou uma campanha regional para doação de livros que a recompueram.

Sobre a leitura lembro-me de um memorável ensaio de Pedro Salinas, em seu livro intitulado *Defesa da Leitura* que dizia: “existem leitores e leitores. O primeiro é superficial, mecânico, e o segundo profundo e sossegado. Este último é o que lê por ler, por amor invencível ao livro, por pura vontade de ficar horas e horas com ele da mesma forma que um enamorado ficaria com o ser amado”.

Para a leitura é requerido uma lenta aprendizagem do espírito porque implica ascender a um nível superior de sensibilidade e inteligência.

Pertenço à Academia de Letras desde 1994 ocupando a cadeira 33 cujo patrono é o tupinólogo amazonense Antônio Brandão de Amorim.

Ano passado, por ocasião da colação de grau de alunos em Economia do Uninorte, fui convidada através do ilustre professor e coordenador do curso de Economia Antônio Gadelha para proferir palavras aos formandos que acertadamente escolheram o dia 13 de agosto, Dia do Economista para a tão ansiada formatura.

Retrocedo agora meu discurso aos formandos do Uninorte e transmito certos trechos apropriados ao momento de hoje. Disse eu:

Adentrei neste sodalício como escritora e articulista dos jornais de Manaus desde 1978, portanto há 33 anos. Primeiramente nas páginas do revolucionário e já extinto *A Notícia*, depois no centenário *Jornal do Comércio*. Por quinze anos em *A Crítica* e no jornal *Amazonas em Tempo* desde o ano 2000 até os dias atuais. E foi dessas lides jornalísticas que compus meus oito livros já publicados a maioria dos quais versando sobre Manaus.

Todos ou em versos, ou em crônicas de prosa poética, gênero literário preferido de nosso poeta gaúcho Mário Quintana e do poeta e jornalista espanhol Gustavo Adolfo Bécquer dos quais obtive a inspiração de estilo. (Falar sobre Manaus. A cidade em que nasci... Era “jitinha, jitinha”. Hoje, grandiosa megalópole de dois milhões de habitantes. Mas no aspecto violência e insegurança engoliu-nos vorazmente. Como aqueles deuses tremendos da pintura de Goya que matavam e comiam sem dó seus próprios filhos. Para isso criei o *Decálogo de Manaus*. Este escrito foi publicado em jornais. Editado em livro. E agora feito poster do qual será feita a entrega a cada um dos professores e alunos presentes, além do livro *Violeta Branca registro biográfico-afetivo*, também de minha autoria. Tudo como forma de referendar o compromisso com a leitura que deve reger o “homo sapiens”.)

Mas dirão vocês o que tem a dizer uma poeta da AAL aos integrantes do curso de Ciências Econômicas? Ora, sabe-se que as ciên-

58 cias humanas requerem urgentemente uma “Via Lucis”. Esse caminho de luz preciso para o terceiro milênio navegar sem turbulências. Este é o caminho da Ética. Para exercê-la necessita-se da sensibilidade do poeta e o caráter norteador dos comportamentos humanos ofertados pela Teologia da qual sou bacharel pela Universidade Santa Úrsula e Cenesc.

#### — SOBRE ETICIDADE

Instalou-se no mundo uma crise ética e da ética, pois aceita-se como normal as agressões à dignidade do ser humano nos mais variados campos do saber. Na ética pública, na mídia e na ética econômica... Foi dessa carência de eticidade o advento da crise mundial da economia.

O economista dos dias contemporâneos vê-se acuado com a crise do sistema econômico mundial. Causas da crise: Para isso costumo citar o pensador espanhol Ortega y Gasset a afirmar: “O capitalismo do século dezenove desmoralizou a humanidade. Sem dúvida, criou uma fabulosa riqueza material, mas empobreceu a consciência ética do homem”. Na Europa, por exemplo, as universidades retomaram para seus mestres a cátedra da Ética como obrigatória e já são instaladas faculdades de Ética em muitas cidades europeias inclusive já existem algumas americanas tanto do Norte como do Sul. Aqui em Manaus, salvo engano, funcionará uma, ano que vem (Faculdade Salesiana).

Toda crise econômica é proveniente, fala Ortega y Gasset, do “cultivar com insensato exclusivismo o nervo do interesse e o dogma da utilidade a embotar nos indivíduos todas as emoções propriamente morais”. Daí a crise pós-moderna aniquilar os valores imprescindíveis da fraternidade e solidariedade. Esses sentimentos que aprendemos em nossa infância. Esses com o toque de ternura só advindo de Deus.

Vocês, estudiosos e estudantes de Economia, querem um exemplo amazonense para muitos de economista ético? Citarei um que se foi em abril do ano passado: Ruy Lins, professor da Universidade do Amazonas e membro da Academia Amazonense de Letras. Teve nas mãos o poder. Foi superintendente da Suframa. Não se corrompeu. Não se vergou a esses vícios sociais. Continuou retilíneo.

Sua dinâmica de espírito. Ser sempre mais e não o ter... demais. A solução era o eticismo para o viver em plenitude sua profissão de economista. 59

— TEMA DA PALESTRA

O tema desta palestra é a “Participação da Academia Amazonense de Letras na Construção e na Preservação do Pensamento Amazônico”. Inserida nesta temática direciono minha palavra para este segmento do saber:

As Ciências Econômicas. Tudo para dar ênfase necessária aos nomes pertencentes a esta Casa e que contribuíram sobejamente para a formação das primeiras turmas de Economia na nascitura Faculdade de Ciências Econômicas do Amazonas em 1958.

O pensamento regional era a economia extrativista e agrícola. E os intelectuais da Academia indicaram, como docentes da faculdade recém-nascida, sua vocação industrial, numa visão futurística do que emergiria com a instalação da Zona Franca de Manaus em 1967.

— O LIVRO DE RUY LINS

Ruy Lins escreveu numerosos livros. E um deles é genuinamente adequado para a não desmemória dos economistas de hoje e do amanhã. Intitula-se: *A trajetória da Faculdade de Ciências Econômicas (de 1958 a 1976) – uma contribuição para sua história*. Este livro foi gentilmente cedido por sua viúva e amiga Dr<sup>a</sup> Regina Assi Lins.

Muitos deste terceiro milênio afirmarão: “A vida não se baseia em história, a vida é o futuro!”. Usurpando então a afirmativa do crítico Mijail Epsthein, declaro: “Separar, o passado do futuro, são duas formas privilegiadas de tempocídio (um crime que foi típico do século vinte, junto com o genocídio e o ecocídio) que se estende até a contemporaneidade”.

Principio, pois, a extração de textos fundamentais do livro do acadêmico Ruy Lins.

60 Já no prefácio surgem as palavras de Samuel Benchimol – professor emérito de Ciências Econômicas, título concedido pela Ufam e também membro desta Academia:

*Essas recordações servem para mostrar as dificuldades que os governos estaduais tinham de enfrentar para criar escolas superiores, para a formação de suas lideranças intelectuais e profissionais...*

*Após décadas de crise econômica e social seguidas, depois do apogeu do ciclo da borracha durante o qual foi fundada 'A Escola Universitária Livre de Manaus' em 17 de janeiro de 1909. O Estado do Amazonas assistiu a extinção de um a um, de todos os cursos de ensino superior com a exceção da Faculdade de Direito...*

#### — 1958 – UM ANO PARA NÃO SE ESQUECER

Somente depois de quatro décadas o Amazonas iria presenciar em 1958 a criação da Faculdade de Ciências Econômicas, pelo então governador Plínio Ramos Coelho – também membro efetivo desta Academia. Ele assim fala no livro de Ruy Linç:

*Havia um grande deserto de profissionais economistas. O Estado não possuía projetos econômicos ou economistas a plasmar, apreciar e analisar dados sob os critérios da Economia... Por isso tentamos oferecer ao Amazonas do Futuro os holofotes científicos que focassem a estrada real a permitir a decifração da esfinge do Estado-Problema em que vivíamos. Daí a criação da Faculdade de Ciências Econômicas. E o Amazonas passou a contar com economistas tão bons quanto os das melhores universidades mundiais, alguns inclusive com o curso de Direito. Acredito que a Zona Franca não teria alcançado o estágio atual se não existisse a faculdade que criamos, hoje uma das células vitais do Estado.*

E no livro de Ruy... O testemunho do professor Oyama César Ituassú, outro insigne membro desta Academia.

*O núcleo fundamental da novel Faculdade de Ciências Econômicas foi constituído por professores da Faculdade de Direito que sem nenhuma re-*

*muneração formaram o corpo docente da entidade inclusive o autor destas linhas. Davam aulas à noite, terminadas as de suas cátedras na Faculdade de Direito...*

*...A Faculdade sem prédio próprio funcionou em vários locais. No Grupo Escolar Princesa Isabel (anexo ao Instituto de Educação) os alunos sentavam-se em cadeiras de crianças. Depois no Grupo Escolar Luizinha Nascimento (Praça 14) já com as cadeiras e carteiras ergonomicamente compatíveis para adultos, no entanto sem luz elétrica sob a luz de candeeiro marca Aladin. Depois ficou num prédio à Rua José Paranaguá com a R. Floriano Peixoto onde fui professor até 1962. Afastei-me por motivos de saúde.*

*...Nesse testemunho histórico, é de ressaltar a dedicação, o esforço e o voluntariado dos mestres. Dessas salas de aula saíram gerações inteiras que se têm destacado em sua especialidade: secretários de Estado, políticos de renome, dirigentes de órgãos públicos federais, professores de elevado gabarito. Um corpo de vencedores!*

#### — OS ALUNOS DE 1960-1976

É indispensável elencar aqui alguns nomes constantes nas relações de bacharelados de cada ano onde podemos pinçar, aqui e ali, nomes conhecidos por todos nós. Lembro aqui: Ruy Lins, Francisco Ritta Bernardino, Frank Abraham Lima, José Carlos Reston, Moisés Sabbá, Isper Abraham Lima, Rodemarck Castelo Branco, José Maria Pinto, Serafim Corrêa, Flávia Skrobott Grosso, Osiris Silva e Antônio Germano da Costa Gadelha formando de 1976, professor e coordenador de Ciências Econômicas do Uninorte.

#### — AS PRIMÍCIAS – OS MESTRES

Diz Ruy Lins: “Manaus sempre foi grande no formato e conteúdo. O capital humano alicerçado em uma excelente base cultural resultou com que fosse desnecessário importar algum professor ou especialistas em organização de escola superior para o funcionamento per-

62 feito da faculdade. Todos possuíam conhecimento técnico-científico, somente um com mestrado em Economia e Sociologia nos Estados Unidos. A relação dos membros desta Academia que ofereceram seu contributo não remunerado foram nove:

PLÍNIO RAMOS COELHO – criador e mestre da faculdade

OYAMA CÉSAR ITUASSÚ – mestre

JEFFERSON PÉRES – mestre

JOÃO MENDONÇA DE SOUZA – mestre

ARTHUR REIS – mestre

SÓCRATES BONFIM – mestre

SAMUEL BENCHIMOL – mestre

ÁDERSON DUTRA – em 1970 já reitor da UA hoje Ufam foi denominado o “reitor da consolidação” – no reconhecimento junto ao ministério dos cursos de Ciências Econômicas.

RUY LINS – surgiu posteriormente e se sobressaiu em brilhante *curriculum* como mestre da Faculdade tendo o título *Honoris Causa* da Ufam em 1985. Integrou o Conselho Universitário que fundou e instalou a Universidade do Amazonas em 1965, além de ter sido superintendente da Suframa de 1975 a 1983.

Esta palestra foi feita com a intenção de apresentar os nove integrantes da Academia Amazonense de Letras e seu contributo para edificação e preservação do pensamento amazônico, ou seja, evidenciaram numa visão macroeconômica amazônica, como desenvolver salutarmente a recém-fundada faculdade. Mudaram o quadro de estagnação deflagrando processo de inquietação crítica ao atraso econômico e social a que estava presa o Amazonas.

#### — ANOS HEROICOS

E no livro de Ruy... É transcrito um texto do economista e professor renomado Francisco Assis Mourão sobre a figura de seu pai, Fueth Mourão (este também um dos mestres voluntários). Nesse texto, existe uma frase lapidar. Essa frase demonstra a ânsia do SER daquela geração dos anos heroicos.

Diz Assis Mourão: “Fueth significa ‘amor profundo’” em idioma árabe. Meu pai pertenceu a uma geração que fazia do magistério amazonense não uma profissão mas uma profissão”. 63

Digo eu: Profissão é seguir as vontades do coração.

Profissão: é seguir os ditames da razão.

Profissão: é pôr em primeiro lugar os valores eternos.

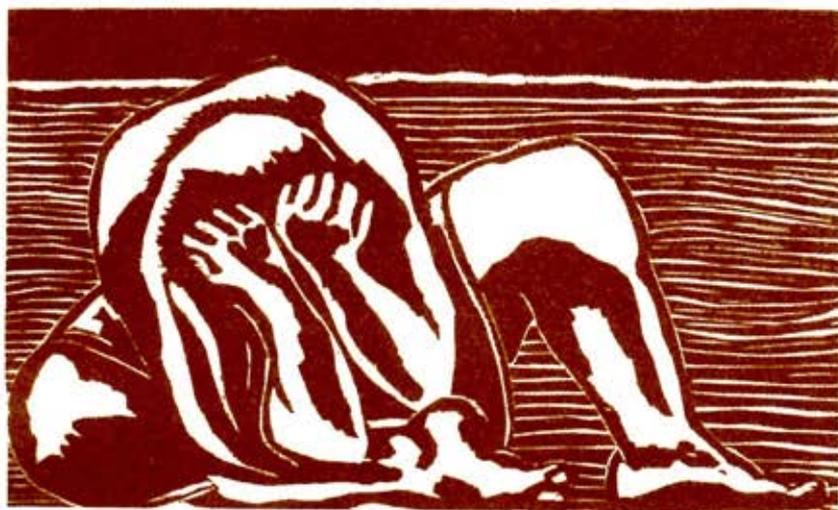
Profissão: é só o tilintar das moedas. O efêmero.

Profissão: é “ter pouco e dar muito”.

Profissão: faz-nos homens. De corpo e alma.

Profissão: faz-nos homens. De corpo e alma e imortalidade.

¶ CARMEN NOVOA



## — Um libelo contra a tortura<sup>1</sup>

<sup>1</sup>. Discurso proferido pelo deputado Almino Affonso (PSDB/SP), Brasília, na Sessão do dia 2/10/1995

A Câmara dos Deputados, ao aprovar o projeto de lei de autoria do Poder Executivo, que reconhece como mortos, para todos os efeitos legais, os cidadãos “desaparecidos ao longo do regime militar, vira uma das páginas mais condenáveis de nossa história.

Na justificativa que acompanha a referida proposição, os ilustres ministros que a subscrevem assinalam que ela é “destinada a preencher uma antiga lacuna na recente história do país que visa traduzir a consolidação de sua plena democracia, alicerce maior do Estado de Direito, e norteia-se pela ideia da reconciliação e pacificação nacional, desenvolvida a partir da Lei de Anistia”.

Dizem ainda, com inegável grandeza política, os ministros signatários do projeto: “O reconhecimento pelo Estado dos desaparecidos e das pessoas que tenham falecido por causa não naturais em dependências policiais ou assemelhadas, na forma apresentada na anexa proposta de lei, traduz o restabelecimento de direitos fundamentais de tais pessoas e uma forma de reparação que, sem sentimentos de retaliação, alcance a justiça que o Estado Brasileiro deve a quem seus agentes tenham causados danos”.

Por fim, referindo-se ao procedimento arbitrário a partir do qual configurou-se o “desaparecimento” de cidadãos, os ministros na justificativa arrematam: “caracterizou-se, assim, um ilícito de gravidade máxima praticado por agentes públicos ou a serviço do poder público: deviam guardar quem tinham sob sua responsabilidade e não o fizeram”.

Em vão, Cesare Beccaria condenou-a, com toda a força de seu gênio, há mais de dois séculos. A humanidade, desgraçadamente, tem convivido com ela. A Alemanha nazista valeu-se dela, ao praticar o mais horrendo genocídio. Os americanos não se pejaram de recorrer a esse método, ao se sentirem encurralados nas selvas do

Vietnã. O Estalinismo, envilecendo os ideais socialistas, converteu-a em prática política.

A própria França, em cujas instituições o humanismo permeia, sucumbiu diante da barbárie que a tortura encarna. Ela, a iluminada depois, esquecida de sua história de grandezas, valeu-se da tortura na ilusão de sufocar os anseios de independência do povo argelino.

No prefácio à obra de Henri Alleg *A Tortura*, Jean-Paul Sartre escreveu uma página imorredoura, de revolta e de nojo, diante da evidência da tortura praticada pelos oficiais franceses contra os argelinos insurgentes.

Diz Satre: “Em 1943, na rue Lauriston (em Paris, onde estava instalada a Gestapo), havia franceses que gritavam de angústia e de dor; a França inteira os ouvia. O resultado da guerra era ainda incerto e não queríamos pensar no futuro. Uma coisa única parecia-nos impossível: que um dia, em nosso nome, se pudesse fazer outros gritarem”.

Passados quinze anos, os franceses repetiam os nazistas, buscando dobrar a altivez da Argélia. Sartre, refletindo sobre a tortura, escreve em seu admirável prefácio: “Felizes aqueles que morreram sem terem nunca precisado perguntar a si mesmos: Falarei se me arrancarem as unhas? E mais felizes ainda os que não foram obrigados, apenas saídos da infância, a fazer a outra pergunta: Que farei se meus amigos, meus companheiros de armas ou meus chefes, arrancarem na minha frente, as unhas de um inimigo?”.

Como se não bastasse a brutalidade dos homens, ainda cabe recordar a ação iníqua dos sacerdotes que em nome da fé em Deus torturaram para salvar a alma de suas vítimas. É impossível reler a história do Tribunal da Santa Inquisição sem nos perguntarmos até onde vai o limite da dignidade humana. Podemos todos, enganando-nos com as mais diversas motivações, degradar-nos tanto em nome da pátria, da ordem social ou até mesmo de Deus?

Tive a oportunidade de visitar, faz muitos anos, em meio às belezas históricas da capital peruana, um museu do Tribunal da Santa Inquisição. Não sei até onde tudo o que ali pude ver, distribuído nos vários pavimentos do calabouço, eram apetrechos do cárcere subterrâneo, a história da tortura ia se reproduzindo com uma riqueza de detalhes impressionante.

Aqui, era o cepo com olhais, em cujas cavidades se atavam as pernas da vítima à altura dos tornozelos; agravando o suplício, às vezes, com as palmas dos pés desnudados de gordura, enquanto um brazeiro de metal, a fogo brando, na proximidade, acentuava o horror do sofrimento. Ali era a barrica com água pela metade, onde se mergulhava a cabeça do prisioneiro, em sucessivas asfixias, no limite do afogamento. Ao rés do chão, no fundo do calabouço, estendia-se um tablado, em cujos cantos estavam ajustados torniquetes de madeira. Ali o acusado, cuja impenitência fosse considerada grave, era atado pulsos e tornozelos, enquanto os torniquetes, gradualmente, iam distendendo-lhe o corpo num processo de esquartejamento. Não me alongo, para não ser cansativo. Apenas arremato dizendo que, à exceção do choque elétrico à época inexistente, tudo o mais que a tortura inquisitorial já fazia por igual hoje se faz, com variações irrelevantes ou criatividade do torturador.

Apesar de toda a paramenta sacerdotal, ali estava o bicho homem, em toda a sua inteireza. Nenhum animal irracional, até onde possa chegar o meu conhecimento, entrega-se à prática da tortura. Lutam entre si, é verdade, até à morte: tangidos pela fome ou pelo amor. Valem-se da força para dominar num simples lance, o mais fraco; mas o fazem, paradoxalmente, em nome da vida. Envergonha dizer, mas a vilania da tortura é privilégio do homem. Nem é coisa do passado. Ainda há pouco, durante anos seguidos, a Bósnia dessangrada viu suas filhas esmagadas pela tortura física e moral, vilipendiadas pelo estupro que a degenerescência sérvia lhes impunha. A Declaração Universal dos Direitos do Homem de 1948, em seu artigo 5º, proclama: “Ninguém será submetido à tortura, nem tratamento ou castigo cruel desumano ou degradante”. Apesar desse enunciado, a mulher bosniana, à luz dos olhos de todos os povos, tem sido degradada pela simples razão de ser muçulmana.

Na nossa própria história a tortura também reponta, reiterada e impune. Na voragem repressiva do Estado Novo, não foram poucos os cidadãos que sucumbiram, vítimas da brutalidade dos torturadores. Nem foi diferente ao longo do regime instaurado em 1964, conforme o testemunho de tantos que lograram sobreviver à sanha de seus algozes. Quantos foram mesmo, ao todo os que conheceram

a violência da tortura? Um memorial assinado pelas personalidades chilenas de maior renome, parlamentares, escritores, artistas, líderes sociais, enviado a U. Thant em 1966, àquela época secretário-geral da ONU, denunciando o regime militar brasileiro, arrolava centenas de nomes de cidadãos, muitos deles mortos durante as trágicas “sessões”.

Tinha sentido, por isto mesmo, a emenda ao projeto de lei que determinava a verificação dos fatos que envolveram a morte dos “desaparecidos”. Não para reavivar o ódio que dividiu o país, numa hora que se necessita a consolidação das instituições democráticas. Mas para desvendar a consciência nacional, que atravessou duas décadas de regime militar de olhos apagados para o que acontecia nas prisões legais ou nas masmorras montadas à margem da lei. Sobretudo para sacudir a alma da cidadania e todos pudéssemos dizer, com absoluta determinação, “tortura nunca mais!”. Contudo, para manter-me fiel à linha geral do projeto enviado pelo Poder Executivo que, sem dúvida, representa um grande avanço político, votei contra a emenda, para não revolver as responsabilidades penais que a Lei da Anistia, em nome da redemocratização, apagara. Mas me confesso dividido: de um lado, o direito de o país saber a monstruosidade de tantos crimes perpetrados na escuridão da noite e, de outro, o dever de virarmos a página e recomeçarmos o grande sonho de um país livre e justo.

Li, sucessivas vezes, a relação dos crimes constantes do projeto de lei. Nem todos, na verdade, me lembraram um vínculo pessoal. Mas com respeito eu disse em voz alta, para mim mesmo, nome a nome, como se rezasse o ofertório na Santa Missa! Tantos jovens, moças e rapazes, em pleno amanhecer dos vinte anos! Tantos homens, cuja maturidade sexagenária parecia remoçada pelo ideal da luta! O país inteiro, ali representado, como se na relação dos nomes, vinculados a todos os Estados caprichosamente, se quisesse demonstrar a unidade de nosso povo rebelando-se contra o regime da opressão!

Relembro desde logo a figura de José Porfírio de Souza, o combativo líder camponês, que teve a audácia de erigir em Trombas e Formoso uma cidadela rural. Quando o Golpe de Estado de 1964, em poucas horas, consolidou-se, Porfírio deixou de imediato a região e tomou o rumo de Carolina, no Maranhão. Meses depois foi preso e re-

68 cambiado para Goiânia e Brasília. Segundo depoimento de Sebastião de Barros Abreu em sua obra *Trombas, a Guerrinha de Zé Porfírio* foi “barbaramente torturado durante vários dias”. E desapareceu para sempre. Sem dúvida alguma, há muito que está morto. Mas o ideal de sua vida ressurge em cada canto do país, pela pregação da reforma agrária que os camponeses estão recolocando na ordem do dia.

Da relação salta o nome de Paulo Stuart Wright, na frieza sumária de uma ficha. Quantos o recordam nesta hora de reconhecimento coletivo? Era um pastor evangélico. Sua voz mansa, sua argumentação serena, os olhos azuis de uma paz infinita, tudo nele significava solidariedade. Devia doer-lhe muito o antagonismo que o separava dos que, pela violência, se impunham no poder. Era um militante da causa democrática. Era um pregador. Não creio que soubesse usar outra arma que não fosse a palavra que convence e que ilumina. Por que o mataram? Não conheço os detalhes de sua prisão. Mas por que a tortura em quem só conhecia a mensagem da fé? Posso imaginar a revolta de seus algozes ao vê-lo firme, inabalável em sua convicção de que o povo, cedo ou tarde, recomeçaria a construção da sociedade igualitária pela qual trabalhou, lutou e morreu. Permita Deus não ter morrido em vão.

Dentre tantos outros que eu poderia evocar, numa homenagem a todos os que deram a própria vida combatendo pelas liberdades públicas e pelas reformas sociais eu me detenho na figura admirável do deputado Rubens Paiva, meu companheiro de lutas desde a juventude, meu amigo fraterno. Partilhamos juntos os mesmos ideais: no movimento estudantil, no Partido Socialista Brasileiro, na campanha do “petróleo é nosso”, no “Jornal de Debates”, na Câmara dos Deputados, na “Frente Parlamentar Nacionalista”, no exílio, no combate à ditadura militar.

Era um homem público, por excelência. As questões nacionais do petróleo aos minerais atômicos, da reforma agrária às empresas estrangeiras de energia elétrica eram o centro de suas inquietações políticas. E embora fosse, pela sua história familiar, integrante das classes altas, suas ideias e sua militância política sempre estiveram conjugadas em defesa dos interesses dos mais pobres e, portanto, em luta aberta pelas reformas sociais. Era a época das chamadas “reformas de

base”, pregadas com enorme entusiasmo pelo presidente João Goulart. Admirável traço psicológico unia a ambos a João Goulart e a Rubens Paiva, ambos, por direito próprio ou por expectativa de herança, eram ligados a grandes propriedades de terras. Nem por isto deixaram de ser, com intransigência, defensores da reforma agrária.

Passados vinte e quatro anos que Rubens Paiva foi preso, no Rio de Janeiro, e levado à Aeronáutica, vêm à luz os depoimentos dos que o viram, desfigurado pela tortura, sangrando por todos os poros, no cárcere dos que, em nome do Estado, tinham o dever de preservá-lo a vida. Com que sofrimento e com que revolta eu o recordo! Mas me resta o orgulho de vê-lo, como sempre o vi, na inteireza de seu caráter: coerente com seus ideais, como uma linha reta ao longo de sua vida; solidário, como se houvesse nascido para servir os outros; honrado, sem que ninguém lhe pudesse arranhar o nome; leal, como só homens maiores sabem sê-lo. Assim era Rubens Paiva, talhado para a grandeza da vida pública.

E tantos outros que o projeto de lei, em seu anexo, sequer relaciona! Tantos que foram submetidos às mais brutais das penalidades, a que se aplica antes mesmo que o réu seja julgado. Pois a tortura é a pena por antecipado. Na sua abjeção a tortura se impõe quando o acusado ainda está em pleno interrogatório: e, o que é mais revoltante, leva o réu à confissão, ainda que falseie os fatos, na esperança vã de escapar aos sofrimentos. Como pôde o homem, na infinita maldade, inventar a tortura?

A pena, na imensa maioria dos casos, inclusive a de natureza física, se esgota no tempo prescrito e nas dimensões da própria dor infligida. A tortura não. A tortura se renova, se repete, se refina na busca de recriar novos sofrimentos. Não há regras que a delimite. A rigor, a cada instante ela é improvisada pelo sadismo do torturador. Pobre homem que se apequena tanto, até que encontra a gratificação do próprio gozo no suplício alheio!

Com o que nos sobre de grandeza, é preciso expelir, de uma vez para sempre, a prática da tortura de nossos costumes. Não a defendamos com a hipocrisia. Pois todos nós sabemos e fingimos ignorar quanto ela está institucionalizada, quanto ela dá sustentação aos interrogatórios policiais. Os próprios juízes, encapuzados no forma-

70 lismo, sabem e aceitam que os réus desdigam na justiça o que confessaram nos inquéritos policiais com os quais se fundamentam as denúncias e se instauram os processos crime. Vale dizer: a tortura arranca dos acusados a peça-chave com a qual a engrenagem da justiça, em boa parte, funciona. E por que silenciámos? Porque seria impossível viver em paz com a consciência, se aceitássemos ver, em toda a sua brutalidade, o que é a prática da tortura em nosso país.

A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 5º, inciso III, repetindo a Declaração Universal dos Direitos do Homem, prescreve: “ninguém será submetido à tortura nem a tratamento desumano ou degradante”; e no inciso XVIII, com enorme força, determina que a lei considere a prática da tortura como crime inafiançável e insuscetível de graça. Mas, até hoje, é letra morta. Em nome dos que morreram destroçados pela tortura, em nome dos que gritam nas cadeias sem que ninguém os queira ouvir, é hora de enfrentar a questão da tortura, regulamentando severamente a norma constitucional, se é que somos dignos de nós mesmos. Mas não basta a norma jurídica. É preciso a vontade política, de modo que o Estado faça respeitar a integridade física e moral dos que, em nome da sociedade, são entregues à sua guarda como detidos ou condenados.

O presidente da República Fernando Henrique Cardoso engrandeceu-se ao assumir a responsabilidade de enviar à Câmara dos Deputados o projeto de lei através do qual o Estado reconhece como mortos, para todos os efeitos legais, os cidadãos “desaparecidos ao longo do regime militar”. Nada semelhante se encontra em nossa história. Agiu como chefe supremo das Forças Armadas, com indisfarçável coragem cívica. Projetou-se como estadista, ao condenar as omissões implícitas dos governos que por natureza são transitórios e ao reivindicar a responsabilidade do Estado diante dos cidadãos. Getúlio Vargas também deveria ter assumido grandeza igual, em face dos crimes do Estado Novo. Porém silenciou. A repressão desenfreada, durante o governo de Floriano Peixoto, também merecia reparos semelhantes. Contudo, o silêncio também prevaleceu. Talvez se aponte a diferença: no caso em análise, o presidente Fernando Henrique Cardoso condena fatos ocorridos em outros governos. Mas, por isso mesmo, não lhe era mais embaraçoso o confronto?

Vale ainda destacar, para fugir à justiça do reconhecimento, quanto foi acertado de sua parte delegar a elaboração do projeto de lei ao Dr. José Gregori, chefe de Gabinete do Ministério da Justiça. Não sei de alguém que, no atual governo, tenha se dedicado tanto à causa dos torturados, dos “desaparecidos”, dos perseguidos da ditadura militar. Como presidente da Comissão Diocesana “Justiça e Paz” em São Paulo, José Gregori foi um incansável trabalhador da admirável causa dos direitos humanos, ao lado da figura apostólica do eminente cardeal dom Paulo Evaristo Arns. Sem o saber, José Gregori preparou-se, anos a fio, para cumprir a missão que agora lhe coube. Porque não tinha antecedentes jurídicos e políticos que lhe mostrassem o rumo. De todo modo, soube defini-lo com grande sabedoria. É provável que não lhe tenham faltado horas de incerteza. Mas, seguramente, os incomparáveis versos de Antônio Machado, aflorando-lhe à memória, as superaram: “Caminante no hay caminos. Se hace camino al andar”.

O projeto de lei aprovado nesta Casa, para atender determinados objetivos jurídicos e humanos, limitou-se à questão dos “desaparecidos”. Mas o débito de todos nós vai além, num reconhecimento a todos os mortos do regime militar. As circunstâncias em que a morte os envolveu nas enxovias, nos descampados, nas emboscadas, torturados ou fuzilados, não diminuem a grandeza com que lutaram no imenso “front” da Resistência Democrática.

Não cabe diferenciar em categorias os que se entregaram à tarefa de enfrentar o regime militar, seja na indormida batalha política, renovada a cada instante, quando tudo parecia negar-nos a esperança; seja na audácia dos que pegaram em armas, morrendo ou sobrevivendo, com igual bravura. Mas hoje, nesta hora de evocação solene, eu quero referir-me tão só aos que tombaram e, tornando-lhes a lição da vida, nos comprometermos a fazer com que o sangue desses bravos seja sempre para todos nós a argamassa da sociedade livre, justa e igualitária com a qual sonharam e em nome da qual morreram.

## — Abrem-se as cortinas<sup>1</sup>

1. *Discurso de saudação a Marcos Vinícios Vilaça quando da outorga do Título de Honorário, na Academia Amazonense de Letras, em Manaus, 30 de novembro de 2012.*

2. *QUEIROZ, Rachel, In VILAÇA, Marcos. Saudade. Fazer o quê? Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 24/12/10*

Quero que esta prosa seja uma daquelas conversas em família, afinal somos ambos pernambucanos. De Nazaré da Mata é que vens, portanto, pernambucano de primeira linha, enquanto carrego comigo as raízes maternas de Jaboatão dos Guararapes, precisamente da praia da Piedade. E por falar em família é que esse discurso se faz em forma de conversa e essa conversa se embala na saudade e na alegria, trazendo tudo de novo ao coração, até “aquele mistério do sangue e da alma” de que falas, repetindo Rachel de Queiroz<sup>2</sup> quando cuidas da Saudade de Marcantonio e te perguntas o que fazer. Ele que para nós do Amazonas – para os que lhe conhecíamos a obra portentosa de promoção das artes e de grande sensibilidade, e para os mais jovens que tecem peripécias juvenis como arte – ele fez escola, e tanto fez que nela se transformou, e não uma, mas duas, prontas para fazer o amanhã mais bonito. Saudade que é glória pela beleza do amor que a reveste. Alegria que é sabê-lo presente na obra que edificou e agora inspira lauréis aos que recebem seu patronato.

Antes, bem antes do agora que vivemos com emoção, desde a ideia primeira, em fins de 1917, quando alguns poucos intelectuais experimentavam o enredo de nossa Casa que haveria de se chamar Sociedade Amazonense de Homens de Letras, enlevados pelos sons harmoniosos do piano de dona Cacilda, em melodioso Chopin, desde ali, três brasileiros de Pernambuco foram escolhidos para dar brilho e luz às cadeiras do sodalício: Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, José Isidoro Martins Júnior e Antônio Herculano Sousa Bandeira. Nabuco deu assento ao pernambucano Paulo Eleuthério Álvares da Silva, nascido em Pau d’Alho; Martins Júnior fez par com Francisco Pedro de Araújo Filho, pernambucano de Goiana, e Sousa Bandeira acolheu o gaúcho Dorval Porto.

No correr dos anos, saboreando bolo de rolo e cartola das mais tradicionais, entre uma prova e outra de licor de jenipapo, fizeram história nesta Casa: Gaspar Antônio Vieira Guimarães, filho do Recife, Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro, o avô, recifense, André Vidal de Araújo, de Goiana, e Leopoldo Carpinteiro Péres, nascido no Cabo.

Quem os representa entre nós nesta hora solene? A cadeira de Martins Júnior cedeu lugar a Araújo Filho, seu primeiro ocupante, hoje rebrilhada por Almir Diniz, poeta e contista. Sousa Bandeira a Bilac, honrada por Elson Farias, poeta e ensaísta. Somente Nabuco resiste com o patronato original acolhendo Marilene Corrêa da Silva Freitas, pós-doutora e ex-reitora da Universidade do Estado do Amazonas.

Era o tempo de preparação da tua acolhida.

E como todos sabemos de onde vens, quero falar de Olinda, Oliníssima, que ao teu olhar carinhoso “é o encanto doce, bonito, musical, colorido”,<sup>3</sup> tal como o é para os que a vimos do alto da Sé. Olinda dos meninos que contam sua história e tradições em forma de reza bem ritmada, e recontam a qualquer um que chegue querendo ver o que era, o que tinha e o que tem o berço dos juristas, a terra das igrejas e dos conventos.

Deixa-me falar de Gilberto, o Freyre que chegou aos Apipucos e fez casa de moradia. Do menino Gilberto de que cuidas com a lembrança de que ele acreditava que “só o poder da infância é capaz de criar”,<sup>4</sup> o mesmo que não esqueceu nunca que “cada pé de cana é um pé de gente”.<sup>5</sup> E mais uma vez andava com razão o mestre não só por dedicar às crianças tanto poder e sabedoria, como por ver no pé de cana que ainda traz riqueza, o homem que a faz crescer que é o mesmo que vai cortá-la, tempos depois, sangrando no sol com esperança de viver. Gilberto que me abraçou e me deu asas para fazer aqui o seu Museu do Homem do Norte e a Fundação Joaquim Nabuco, pensando a Amazônia como terra do Brasil. Gilberto menino, menino Gilberto que o Brasil lê e relê, e faz tempo, e com o qual aprende da Casa e da Senzala, dos Sobrados e dos Mucambos, e até das assombrações do Recife velho conhece. O mesmo Gilberto que cantou os trópicos e partiu, mesmo tendo ficado.

3. VILAÇA, Marcos. *Olinda Oliníssima*. Diário de Pernambuco, 27/1/08

4. VILAÇA, Marcos. *O menino Gilberto*. Diário de Pernambuco, 20/9/07

5. *Idem, idem*.

74 Permite lembrar o que andaste fazendo nesse mundão de meu Deus, desde antes do *Concerto de Verdade*, teu primeiro livro que veio aos olhos do mundo em 1958 quando eu ainda ensaiava os versos de Casimiro de Abreu, Bilac e Hemetério Cabrinha, fazia os discursos que meu pai e irmãos me davam prontos e que minha mãe orgulhosa punha em letra bem desenhada com toda solenidade, ensinava o ritmo e a forma de dizer, e depois aplaudia como se tudo fosse uma enorme surpresa. Quando eu ainda pensava que o mundo era sempre azul.

Fala daí o que devo fazer. Fala o que devo dizer. Diz se peço licença do Coronel ou dos Coronéis (1965), porque pedirei a todos e como preciso for, para começar do começo, no ano de 39, na casa de seu Antônio e dona Evalda, e vir de lá até aqui, passando os olhos em tudo e em tudo vendo valor e muita razão de ser, revendo quanto fizeste e sabendo o que és capaz de fazer. E fizeste desde o Ginásio de Limoeiro até o topo de muitas honrarias inclusive na Academia que Lúcio de Mendonça inventou e que o bruxo Machado e o grande Nabuco fortaleceram e consolidaram, e na qual aportaste com “rios largos de amizade”<sup>6</sup> como disse Sarney na festa de tua recepção, falando do político e do homem de letras. Era uma noite iluminada e se o pecado da vaidade te tocou, hás de ter sido perdoado, posto que tomado de supetão. E falo da mesma vaidade que Sarney confessou ter sentido por sentar-se em uma das poltronas rebordadas do silogeu nacional. Daquela vaidade que arderia, ainda que por alguns segundos, em qualquer brasileiro que ame esse chão.

E como nossa terra fica sempre conosco, e a de nossos pais e avós também, e como nós somos eles, antes, bem antes de tudo, digo com singeleza, vem com tua baronesa do Limoeiro, aquela de que nos fala Odylo Costa, filho, a tua Carmo, tua luz, tua estrela de sonhos que carregas no coração... ela que te acompanha em quase veneração. Abrindo alas, desde há muito e sempre contigo, estão as bandas Revoltosa e Capa-Bode. Vem, trazido pelo som dos pífaros, cercado pela adoração de São Bento, apresentando teu Maracatu enquanto esperas os bonecos de Olinda, o Homem da Meia-Noite e o Galo da Madrugada que ainda vão chegar. Senta-te à mesa conosco, prova mais uma vez do nosso pirarucu e da costela de tambaqui, come um pouco

6. SARNEY, José. Elogio de Marcos Vilaça. *Discurso na Academia Brasileira de Letras*, 1985.

do nosso sarapatel, e te aprocheга. A honra é nossa. Traz teus votos e ex-votos, mostra a marca do time do teu coração, fala pernambucquês, diz o que quiseres, mas pulsa com toda emoção, pois a hora que parecia tardar, chegou, posto que faz tempo que te aguardávamos vendo o sol e a lua dormirem, muitos dias e muitas noites, como se não fosse chegar. Nem somos mais todos os que te aprovamos o nome. Por isso mesmo há encantados falando pelos mistérios dos mundos e querendo que seja dito por mim o que desejavam pregar – que sabem muito bem o que és “um insistente na esperança”,<sup>7</sup> como tens dito ser. E já que esperança é vida, vive conosco o fazer acadêmico visto que de nossa Casa agora és Honorário. Vem tomar tacacá. Prova do nosso aluá. Corre mundo varre o tempo, leva daqui e pra lá um pouco da nossa mata, o jeito da nossa gente, carrega contigo o boi-bumbá, faz festa com o xote do interior, fala de boto e magia, e traz pra cá o que tens: teu nome, tua verve, teu jeito de ser... teu benquerer.

Tomo emprestado a tua palavra bem dita quando Nabuco foi entronizado em bronze em frente à Academia Brasileira fazendo par com Manuel Bandeira, em dupla de orgulhar poetas e oradores, quando disseste: “Nabuco chamou o povo para as ruas, para os comícios de campanhas políticas e para a epopeia da libertação”.<sup>8</sup> E tudo é bem verdade. Como em verdade te digo, Vilaça, chamaste o povo das ruas para a Academia, para a confraternização das expressões de cultura e arte, para a convivência do belo, abrindo a Casa de Machado de Assis ao século 21, unindo “literatura a todas as formas de manifestação cultural” (...) porque tens, e é bem verdade que tens, “de letras, o sentido das humanidades, não apenas o das letras literárias”,<sup>9</sup> na tua própria definição.

Termino, se me permites, por dizer coisa que já ouviste bem antes dessa hora, e o faço porque prenhe de verdade. Chega bem chegado, senhor Marcos Vilaça, atravessa as nossas cortinas que foram abertas para te receber porque “aqui é a glória que não passa”.<sup>10</sup> Ôxente!

7. VILAÇA, Marcos. *Discurso de posse na presidência da Academia Brasileira de Letras*, 2005.

8. VILAÇA, Marcos. *Nabuco nas ruas*. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 14/3/11

9. VILAÇA, Marcos. *A Academia e os novos tempos*. *O Estado de São Paulo*, 6/3/10.

10. SARNEY, José. *Op.*, cit.

{ *alguma* POESIA }

## — Cantilena

VIOLETA BRANCA

Não decoro textos  
nem das escrituras,  
só aprendo e sei  
o que das amarguras  
me ensina a experiência  
Se mastigo o vento  
e mato a minha gula,  
se a prepotência  
com poder anula  
o que a inocência  
no amor dissimula,  
é porque com Eros  
andei festejando  
encontros sinceros  
que me deslumbraram.  
Se as mãos eu lavo  
na sentença nobre,  
é porque o escravo  
que comprei com o cobre  
dos meus longos cabelos  
se desamarrou  
e fugiu dos zelos que o velho instinto  
sempre me ensinou.  
Se eu fico muda  
quando todos falam,  
é porque, desnuda,  
vejo a intenção

do que não foi dito  
só por compaixão.  
Se o amor eu tenho  
aos meus pés constante,  
já sei que o lenho  
que vou carregar,  
a qualquer instante  
aparecerá na forma perfeita  
de uma traição.  
Se me dizem eleita  
de um deus pagão  
porque sou sujeita  
à inspiração  
e a querer demais.  
Já espero e vêm  
todos os sinais  
de que nada sou,  
e não vou além  
dos tristes finais  
dos angustiados.  
Se desfolho flores  
e sobre pedras salto,  
se os meus dissabores  
gritam muito alto,  
levanto a cabeça,  
piso firme e forte  
e em novo esquema

vou de sul a norte  
e do antigo lema  
exibo a confiança  
que foi esquecida  
quando em penitência  
suportava a vida  
na maré constante  
das alternativas  
de matar as mágoas  
ou deixá-las vivas,  
de subir ao sol  
ou afundar nas águas,  
de colher os frutos  
e encher os cestos,  
ou deixar que os brutos  
ficassem nos textos  
das minhas estórias  
tão absolutos  
e intransigentes,  
que sem mais contextos  
eu me anularia  
dentro das inglórias  
lutas divergentes.

— O poeta veste-se

LUIZ BACELLAR

Com seu paletó de brumas  
e suas calças de pedra,  
vai o poeta.

E sobre a cambraia fina  
da camisa de neblina,  
O arco-íris em gravata  
vai atado em nó singelo.

(Um plátano, sobre a prata  
da água tranquila do lago,  
se debruça só por vê-lo.)

Ele leva sobre os ombros  
a cachoeira do lago  
(cachecol à moda russa)  
levemente debruada  
de um fino raio de sol.

Vai o poeta  
a caminhar pelas serras.  
(pelos montes friorentos  
mal se espreguiça a manhã)

Com seu *pull-over* cinzento,  
(feito com lã das colinas)  
com seus sapatos de musgo  
(camurça verde dos muros)

com seu chapéu de abas largas  
(grande *cumulus* escuro).

Mas algo ainda lhe falta  
para a elegância completa:

súbito para, se curva,  
num gesto sóbrio e perfeito,

um breve floco de nuvens  
colhe e prende na lapela.

## — Prece

ALENCAR E SILVA

Ó Morte! ó minha noiva descuidosa,  
– Fluídica visão dos meus sentidos, –  
Por que com tua mantilha nebulosa  
Não vens logo ocultar os meus gemidos?

Por que, sombra querida e vaporosa,  
– Estrela dos pastores esquecidos, –  
Não ouves minha prece tormentosa  
E buscas atender aos meus pedidos?!...

Será que nesta vida existe alguém  
Que a ti deseje tanto e queira bem,  
Como eu que só por ti vivo clamando?

Oh! Não! Vem... dá-me a graça dos teus braços!  
Que eu quero adormecer pelos espaços,  
E noutra vida despertar cantando!...

## — Soror Teresa

MARANHÃO SOBRINHO

...E um dia as monjas foram dar com ela  
morta, da cor de um sonho de noivado,  
no silêncio cristão da estreita cela,  
lábio nos lábios de um Crucificado...

Somente a luz de uma piedosa vela  
ungia, como um óleo derramado,  
o aposento tristíssimo de aquela  
que morrera num sonho, sem pecado...

Todo o mosteiro encheu-se de tristeza,  
e ninguém soube de que dor escrava  
morrera a divinal soror Teresa...

Não creio que, do amor, a morte venha,  
mas sei que a vida da soror boiava  
dentro dos olhos do Senhor da Penha...

## — O jardim da minha mãe

ALMIR DINIZ

Hoje, voltei ao jardim,  
ao que restou do jardim  
que fora teu santuário.  
Olha: foram dolorosas  
as recordações das rosas,  
que as tinhas sempre formosas  
em tão belo relicário.

Mãe: senti no coração  
tanta dor, tal comoção  
e tão imenso desgosto  
que, cheio de pasmo e espanto,  
refugiei-me num canto  
pensando esconder o pranto  
que escorria do meu rosto.

Nem um só cravo ou begônia,  
um simples cróton – vergonha?  
– ou angélica, ou bem-mequer;  
nem uma meiga verbena,  
mesmo uma rosa pequena,  
um lírio ou uma açucena,  
nem uma dália sequer.

E os crisântemos doirados,  
os bogaris perfumados,  
girassol e margarida,  
as papoilas, laranjinha,  
os jasmims que tantos tinha,  
nove-horas, a flor rainha...  
morreram, por ti, querida.

A bela-da-noite, a zina,  
cana-da-índia, a cravina,  
igualmente – que maldade! –  
Sabe, Lídia: eu tenho medo,  
vou revelar-te um segredo:  
cuidar dele? – sou um aedo,  
só sei cuidar de saudade...

Refazer o teu jardim?  
Não posso, Mãe, – ai de mim? –  
como iria, enfim, fazê-lo?  
Sem teu olhar maternal,  
sem tuas mãos, sem igual,  
como fazer, afinal?  
Não posso – falta o teu zelo.

Mas sabe o que vou fazer,  
já que não posso esquecer  
teu sonho que vive em mim?  
Em volta do teu solar  
vou replantar o pomar  
onde sempre ias orar  
após saudar teu jardim.

E quando o tempo chegar  
do cacau, caju, da ingá,  
da graviola e mamão...  
em vez de flores, querida,  
terás a mesa sortida  
com tantas frutas, de vida,  
ao centro teu coração!

## — Nossa Senhora da Selva

MAX CARPHENTIER

*Manaus*

I

Os sinos carmelitas acordam cedo  
pra despertar a solidão da selva:  
raízes se levantam, homens e pássaros  
unem-se a Deus no coração das nuvens.

Nossa Senhora chega, erguem-lhe a tenda  
na colina que reza olhando as águas.  
a fé percorre aldeias, conjugando  
os tambores que entendem harpas do céu.

As potências do verde alto proclamam:  
a evolução da vida pode agora  
em nós frutificar pra eternidade.

A Virgem e São José então se mudam  
para a nova cidade, em que seu Filho  
é o Bom Pastor de almas e de rios.

Nossa Senhora de Manaus, teus olhos  
se alagaram na luz das nossas fontes,  
e igarapés meninos te lembraram  
os cântaros que amaste no deserto.

Mas as férreas manadas de edifícios  
vieram no tropel das avenidas  
sacrificar oásis peregrinos,  
sombrias amáveis, buritis felizes.

Desceste então aos veios mais profundos,  
para instalar no âmago da terra  
o sorriso das fontes soterradas.

Manaus segue cercada de perdão  
porque as águas que morrem se transformam  
em fontes novas do teu coração.

As águas de Manaus não são mais águas,  
desde que a Virgem, a dona do milagre,  
derramou sobre o Negro e o Solimões  
umas talhas sobradas de Caná.

Eis o vinho que existe para os olhos:  
águas de várias fontes na unidade  
desse Amazonas, corpo de nós todos,  
que morre em rio e ressuscita em mar.

Nos beiradões, cenáculos das garças,  
Manaus se multiplica e lava os pés  
de esteios resolutos como apóstolos.

E Deus acolhe o afã da fé cabocla:  
reluzem ave-marias entre cardumes,  
na procissão remada das canoas.

{ CENTENÁRIOS }

## — Araújo Lima – 100 anos

J. BERNARDO CABRAL

A *Revista da Academia* presta nesta edição uma merecida homenagem a um dos seus mais ilustres membros, por ocasião do seu centenário. Nasceu em Manaus, 12 de dezembro de 1912 e faleceu no Rio de Janeiro a 13 de fevereiro de 1998.

Membro eleito, em 2 de agosto de 1969, para ocupar a poltrona 37, o seu discurso foi cercado de intensa emoção. É que o patrono era exatamente o seu pai, doutor Benjamin Lima, uma das figuras mais festejadas do nosso Silogeu.

Foi Carlos de Araújo Lima quem – em primeiro lugar – fez com que acreditasse eu no Tribunal do Júri, por onde comecei a minha carreira forense, acusando o matador de um irmão meu, brutalmente assassinado aos 27 anos de idade.

A minha aproximação com ele ocorreu a partir de 1969, quando, tangido pela cassação do meu mandato parlamentar de deputado federal e suspensão dos meus direitos políticos por 10 anos, comecei a advogar nos auditórios forenses do Rio de Janeiro.

Mais tarde, no Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, o convívio confirmou a admiração pelo criminalista e ampliou o afeto pelo mestre.

Quando, em 1980, publiquei o livro *A palavra em ação*, e a ele pedi, para suprir-lhe as deficiências, que fizesse a sua Apresentação, lembrei-lhe que por ele mantinha admiração desde os bancos acadêmicos e, desde essa época, já era uma das primeiríssimas estrelas do Direito no Rio de Janeiro. E ele a fez, com brilhantismo ímpar.

Curiosamente, nos idos de 1982, ao seu final, compôs ele a Comissão, além de Almeida Barros e Ulysses Bittencourt, que me dava notícia da minha eleição para a Cadeira número 1 (Péricles Moraes) e que, a partir de então, dizia ele: “Serás imortal junto comigo”.

Portanto, com esse convívio muito de perto me é possível dar um depoimento, ainda que breve, sobre um homem, por inteiro. Incorruptível, ético, advogado criminalista altamente conceituado e respeitado nos círculos forenses e fora deles; escritor, não só no ramo do Direito Penal, mas na literatura e no jornalismo; autor de mais de uma dezena de livros; orador primoroso – voz de timbre metálico, dispensava os microfones – sempre era ouvido com o mais respeitoso silêncio.

Tinha admiração pessoal por Portugal, país que ele definia como o “herdeiro do centralismo político dos romanos, e do qual, na sua grandeza de gigante dos mares, havia possibilitado ao nosso país criar as suas próprias raízes históricas”. Durante algum tempo, lá permaneceu realizando pesquisas que lhe valeram publicar o livro *Carta de Segurança*, que se transformou em valioso subsídio aos que se interessavam pela matéria.

E o que dizer sobre *Os Grandes Processos do Júri*, em 3 volumes, obra que recebeu os mais rasgados elogios de Nelson Hungria, Roberto Lyra, Evandro Lins e Silva, só para ficar em diminuta citação.

Um outro trabalho seu, *Cruzando a Ponte*, mereceu encômios dentro e fora do país, sobretudo porque ele fazia questão de ressaltar que ali abordou “uma criminologia realista, não contemplativa”.

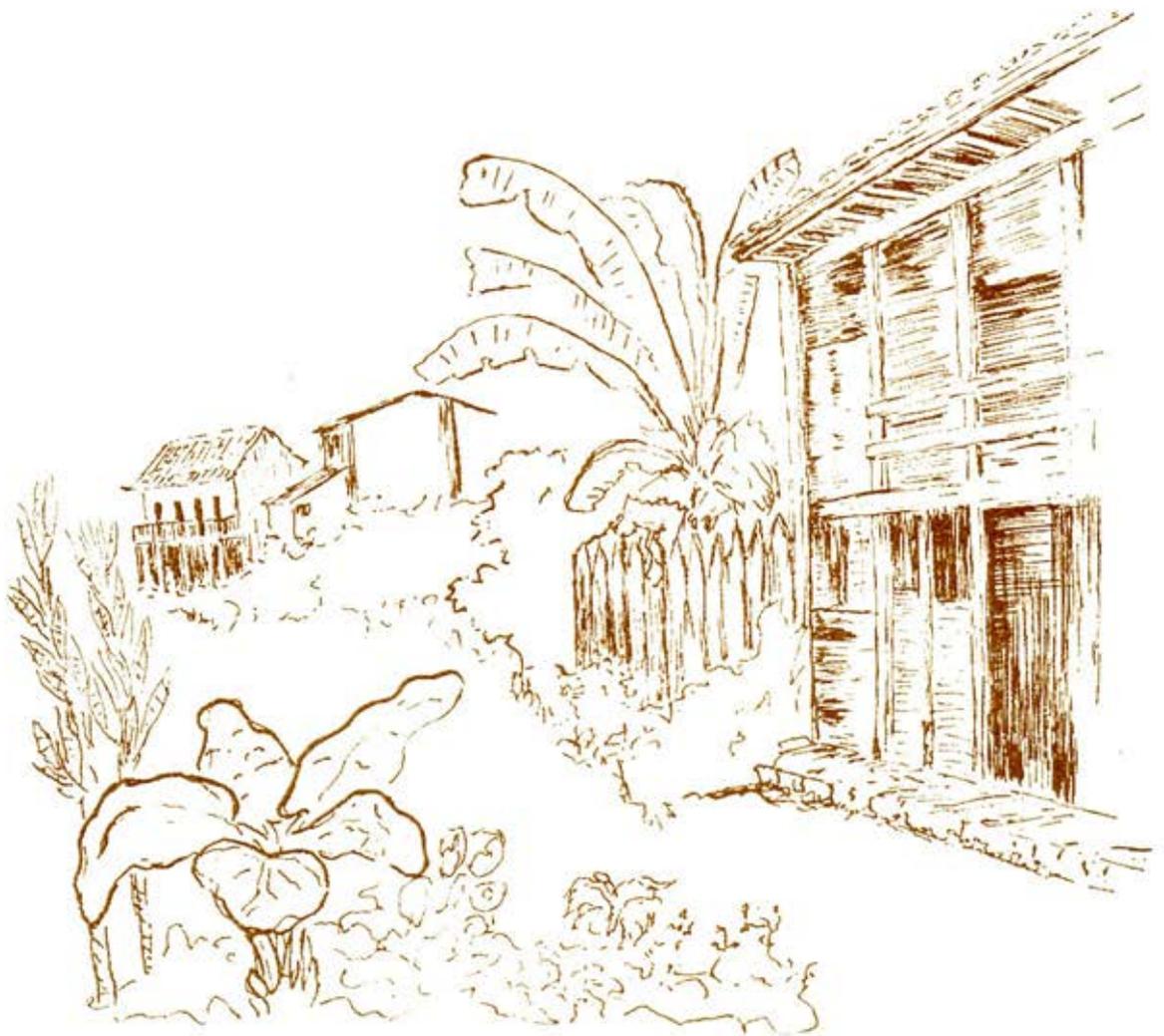
Nesse passo, recordo que o sempre lembrado Umberto Calderaro Filho fez questão de publicá-lo, em edição de bolso, salientando: “A Crítica, com a divulgação deste trabalho para todo o Brasil, está afirmando sua certeza de que a “ponte será cruzada” e nossos filhos vão encontrar o Brasil que merecem”.

A nossa correspondência era intensa e, costumeiramente, as suas cartas tinham conteúdo profético. Dou como exemplo – já que se fala muito na linguagem dos ministros do Supremo Tribunal – parte de um texto que ele enviou de Friburgo (cidade que considerava a sua Manaus refrigerada), datado de 15/4/1987.

*Juristas do Brasil! Direito não é ornamento! A Moral cobre no círculo concêntrico de Jeremias Bentham a área do Direito para que o Direito Imoral não seja o Direito da Lei. Para que o Legal não possa abrigar o Imoral.*

*Juristas do Brasil! Cultivem a simplicidade e falem sem usar o barroco! 93*  
*Frequentem o contacto com o povo, na universidade do seu sofrimento e*  
*do seu bom-senso. É nisso que está a frente renovadora do Direito. Menos*  
*biblioteca, mais contacto do homem com o Homem!*

Que bela lição. Esse era Carlos Dagoberto de Araújo Lima.



## — Dissertando sobre Violeta Branca

CLÁUDIO CHAVES

*Quisera ser a escolhida...*

*Quisera ser a esperada...*

*Quisera ser a procurada...*

*Quisera ser a recomposta...*

Versos do seu poema “Desejo”

No momento em que a Academia Amazonense de Letras comemora o centenário da poetisa Violeta Branca, venho oferecer aos leitores da *Revista da AAL* uma síntese da vida e obra daquela que foi um dos ícones da poesia na Amazônia.

Violeta Branca Menescal de Vasconcelos, natural de Manaus/AM, nasceu em 14 de setembro de 1912 e faleceu no Rio de Janeiro, no dia 7 de outubro de 2000, onde residia havia quase meio século e lá representava o Silogeu das Letras do Amazonas na Federação das Academias de Letras do Brasil.

Com idade muito tenra, 19 anos, publicou sua primeira obra – *Ritmos de Inquieta Alegria* –, a qual recebeu, dois anos após (1935), a sua 1ª edição. Os versos que dela constam como bem definiu o acadêmico Tenório Telles dão ênfase à liberdade, ao infinito, lendas e mistérios amazônicos, desejos e ao lirismo pelo cenário da floresta de sua terra natal.

Integram esse interessante livro as poesias: “Minha Lenda”, “Inquietação”, “Oração ao Vento”, “Poema Agreste”, “Sonhar”, “Ritmo”, “Eu”, “Vive a Tua Vida”, “Exaltação”, “Dois Tankas de Minha Terra”, “Canção da Vida”, “Oração ao Mar”, “Iniciação”, “Mundo Novo”, “Sob a Luz de um Abat-jour”, “Perfeição”, “Poema do Sol”, “Noturno”, “Vitórias-Régias”, “Luminosidade”, “Alegria”, “Vida Triunfadora”, “Oração”, “Festa”, “Hora Colorida”, “Desencanto”, “Matinal”, “Símbolo”,

“Motivo”, “Ritmo Pagão”, “Marinha”, “Espiral”, “Renúncia”, “Barcarola”, “Confidência”, “Miragem”, “Poema das Tuas Mãos”, “Núpcias”, “Exaltação Panteística”, “Profecia”, “Evocação”, “Idílio”, “Oferenda”, “A Vela que Passou”, “Vertigem”, “Poema para os Olhos de um Marujo”, “Descobrimento”, “Aspiração”, “Poema de Amor Marítimo”, “Castália”, “Passional”, “Clarinação”, “O Momento Único”, “Poema Marítimo”, “Obsessão”, “Afrodite”, “Encantamento”, “Vendaval” e “Nostalgia do Mar”.

Essa publicação teve tanta repercussão na literatura à época, que levou o imortal Rodrigo Octavio de Langgaard Meneses, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e o ocupante da sua cadeira nº 35, personalidade que tanto no seu erudito magistério quanto pelo exemplar exercício da magistratura, não era pessoa de fazer elogios fáceis ou imerecidos, a proclamar que essa poesia tratava de *versos heroicos, triunfais, nervosos*, conforme descreve a acadêmica Carmem Novoa Silva no seu livro *Violeta Branca (O poetismo de vanguarda)*.

No ano de 1981, já residindo no Rio de Janeiro, Violeta Branca publica naquela cidade, em parceria com o poeta e contista pernambucano Andrade Bello, o opúsculo *Concerto a Quatro Mãos opus 3* (não consegui encontrar os de números 1 e 2 e os posteriores caso tenham sido editados). Essa obra inclui, além da reedição do poema “Sob a Luz de um Abat-jour”, já editado em *Ritmos de Inquieta Alegria*, as poesias: “Mar Florestal”, “Itinerante”, “A Culpa de Deus”, “Premonição”, “Poema ao Meu Mar”, “Três Momentos”, “Canto em Resumo”, “Presente Mágico”, “Fim de Um Tempo” e “Cantoria para Despertar”.

Em seguida, no ano de 1982, pela Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, faz chegar aos leitores o seu terceiro livro denominado *Reencontro*, o qual mereceu apresentação do então presidente da AAL Genesino Braga que definiu Violeta Branca como: *...uma alma que parecia trazer a prudência de se esconder em si mesma, ou o conselho íntimo de não se desnudar diante dos ímpetos líricos que a instigavam.*

Essa obra é composta dos poemas: “Poema ao Tempo”, “Reencontro”, “Milagre Poético”, “Explicação”, “Reunião em Família”, “Análise”, “Meu Canto”, “Conversa com a Madrugada”, “Notícias”, “Apesar”, “O Final Esperado”, “Clarinação”, “Cantilena em Sol Bemol”, “Limitação”, “Transcendental”, “Depois da Viagem”, “Minha Inutilidade”, “A

96 Poesia Noturna”, “Apelo”, “No Final da Caminhada”, “Desejo”, “Malabarismo”, “Minha Viagem no Sonho”, “Conversa Íntima”, “Entardecer”, “Um Momento Marinho”, “Busca”, “Poema a Um Cavalo Mágico”, “Reclusão”, “Proposta”, “Redenção”, “Aos Exilados”, “Saveiro Santa Martha”, “Penitência”, “O Leque”, “Pomona de Ouropel”, “Poema da Hora Perdida”, “Libertação”, “Poema em 3ª Dimensão”, “O Presente”, “Meu Dogma”, “Minha Espanha”, “Sugestão”, “Divina Bênção”, “A Presença Imponderável”, “Poema a Um Cavaleiro Desarmado”, “Cantilena”, “Pausa Poética”, “Eterna Busca”, “A Cigana que Eu Sou”, “A Sombra do Pecado”, “Contraste”, “Poema Para o Grande Amor”, “O Abismo”, “Nunca Mais Tuas Mãos...”, “Íntimo”, “Êxtase”, “Introspecção”, “Canto da Ausência”, “Nostalgia”, “Eterna Ausência”, “Exortação”, “Cântico dos Cânticos”, “Nova Lua”, “Poema da Espera Maravilhosa”, “Plenitude”, “Poema de Alegria Pagã”, “Marítimo”, “Teu Beijo”, “Novo Mundo”, “Acalanto”, “Divino Delírio”, “Carícia”, “Promessa em Cantiga”, “Meu Humano Espelho”, “Narcisismo” e “Uma Vez Mais Somente”.

A vida acadêmica de Violeta Branca está nos anais do Sodalício das Letras do Amazonas como a primeira mulher a integrar o seu quadro de membros efetivos – cadeira de nº 28 da AAL.

Essa poltrona, que tem o patronato de Aníbal Teófilo, é a anteriormente numerada como a de nº 16, e teve como primeiro ocupante o poeta amazonense de Humaitá Raimundo de Castro Monteiro que nela teve assento desde o momento de instalação da Academia, em 1º de janeiro de 1918, até a data do seu falecimento ocorrido, em Manaus, no dia 20 de junho de 1932.

Permanecendo vaga por quase dezessete anos, na reunião do dia 14 de abril de 1949, sob a presidência de Péricles de Moraes, Violeta Branca foi eleita e considerada empossada nessa mesma reunião para ocupar a cadeira nº 28 de Aníbal Teófilo, conforme descreve o acadêmico Almir Diniz na sua meritória obra *Acadêmicos Imortais do Amazonas – Dicionário Biográfico*.

Como os estatutos de então desta Academia de Letras tornavam, compulsoriamente, sócios correspondentes os seus membros efetivos que mudassem de domicílio para fora do Amazonas, por ter fixado residência no Rio de Janeiro, a cadeira de Violeta Branca teve

declarada a sua vacância e recebeu seu novo ocupante – o poeta amazonense de Urucará Hugo Bellard –, eleito em 14 de fevereiro de 1950 e empossado em 18 de março do mesmo ano, sob a recepção do notável acadêmico Raimundo Nonato Pinheiro Filho, também na presidência de Péricles de Moraes.

De igual maneira, Hugo Bellard, ao mudar definitivamente de domicílio para o Rio de Janeiro, teve declarada a vacância de sua poltrona na reunião de 19 de dezembro de 1956, sob a presidência de Waldemar Pedrosa.

Para ocupar a cadeira nº 28, em 8 de setembro de 1958, na gestão do magistrado Leôncio de Salignac e Souza, foi eleito o promotor público, amazonense de Manaus, Américo de Amorim Antony, o qual foi empossado em 14 de julho de 1959, recepcionado também pelo verbo erudito de Nonato Pinheiro, o qual nela permaneceu até a data do seu falecimento, ocorrido, em Manaus, no dia 18 de agosto de 1970.

Com a nova vacância da poltrona nº 28, registra-se (*Revista da AAL* nº 16, de 12/1974) a eleição do magistrado João Pereira Machado Júnior (em data não esclarecida) que não chegou a ser empossado por ter falecido antes da assunção, o que ocorreu, em Manaus, no dia 30 de janeiro de 1975.

As revistas da AAL editadas a partir dessa data até o seu falecimento ocorrido em 7 de outubro de 2000 (números 18, 19, 20 e 21), trazem Violeta Branca como ocupante da cadeira nº 28.

Esses dados, embora não se tenha como comprovar, nos levam a fazer as seguintes ilações: 1ª – na gestão de Djalma Batista, em que o número de poltronas fora ampliado de 30 para 40, é provável que, concomitantemente, tenha havido mudança nos estatutos acabando com a transformação compulsória de membro efetivo em correspondente aos sócios que transferirem seus domicílios para fora do Amazonas, a exemplo dos três últimos estatutos, inclusive o atual deste Sodalício; 2ª – por tratar-se da primeira mulher e até então a única a integrar esta Academia de Letras, certamente, por um ato discricionário, aquela diretoria resolveu entender Violeta Branca como uma excepcionalidade.

Com o seu encantamento, em 7/10/2000, foi escolhido como sucessor o poeta amazonense de Manaus Anibal Augusto Ferro de Ma-

98 dureira Beça Neto, eleito em 15/5/2004 e empossado em 19/5/2005, sob a presidência do acadêmico Elson Farias com a recepção do confrade Antonio Loureiro.

Com a passagem para a eternidade de Anibal Beça, ocorrida em 25/8/2009, na sessão de 18/11/2010, foi escolhida para sucedê-lo a jornalista Maria José Mazé Santiago Mourão que tomou posse em 15 de março de 2011, na presidência do acadêmico José dos Santos Pereira Braga sendo recebida pelo acadêmico Tenório Telles, a qual é a ocupante atual dessa poltrona.

Violeta Branca foi uma personalidade muito à frente do seu tempo, a exemplo de outras também não menos notáveis, tais como: Chiquinha Gonzaga (pioneira na composição de música popular no início do século 20), Carlota Pereira de Queiroz (primeira mulher a ocupar uma cadeira no Congresso Nacional – deputada federal/SP à Assembleia Nacional Constituinte de 1934) e Rachel de Queiroz (a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras – poltrona nº 5, em 4/8/1977).

Elas, com certeza, estabeleceram os primeiros cortes epistemológicos no Brasil na abertura do caminho para a quebra da discriminação da presença da mulher nas diversas atividades do mercado de trabalho e para a igualdade plena entre homens e mulheres na sociedade.

#### — REFERÊNCIAS

- BRAGA, Robério. *Presidentes da Academia Amazonense de Letras*. Manaus: Editora Valer, 2007.
- BRAGA, José. *Rumos & Remos*. Manaus: Academia Amazonense de Letras, 2012.
- BRANCA, Violeta. *Ritmos de Inquieta Alegria*. Manaus: Editora Valer, 1997;
- BRANCA, Violeta e Bello, Andrade. *Concerto a Quatro Mãos opus 3*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Arte Moderna, 1981.
- BRANCA, Violeta. *Reencontro Poemas de Ontem e de Hoje*. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1982.
- DINIZ, Almir. *Dicionário Biográfico – Acadêmicos Imortais do Amazonas*. Manaus: Editora Uirapuru, 2002.
- Revistas nos. 16, 18, 19, 20 e 21 da Academia Amazonense de Letras.



{ ENSAIOS }

## — Luiz Bacellar

ELSON FARIAS

O editor da revista da Academia pede-me um depoimento em memória do nobre confrade Luiz Bacellar. Nada mais intenso para mim, visto ter convivido com o mestre de *Quatro Movimentos* desde meados dos anos cinquenta do século passado, quando ao chegar do interior da Amazônia a Manaus, integrei-me ao ambiente intelectual da cidade. Foi ele a ponte que me conduziu ao movimento de renovação das letras aglutinado no Clube da Madrugada. Percebi que no grupo ele era uma espécie de orientador, líder de ideias, um veiculador de novas descobertas formais e práticas artísticas. Conhecia tudo. Não só poesia e literatura. Era versado na história da cultura e suas tendências. Falava de arte e de artistas, escolas e convergências estéticas, na música, nas artes plásticas, na dramaturgia, na dança e no cinema. Indagava sobre diversas áreas da ciência, em especial das ciências sociais, a antropologia da qual realizara curso orientado por Darcy Ribeiro, a sociologia e a política. Leitor incansável, passou os seus 84 anos de vida lendo, da *Enciclopédia Britânica*, no original em inglês, às estórias em quadrinhos das páginas dos jornais diários. Nada lhe passava impune ao crivo do espírito. Nem nos interesses do dia a dia e da boa convivência entre os amigos. Ao se cuidar de comida, lá vinha ele com uma receita original, logo aceita e elogiada por quem a experimentasse. Algumas de suas invenções culinárias constam de cardápios de casas de repasto da cidade. Conhecia vinhos como gente grande e como gente grande os degustava. Sua atividade essencial concentrava-se na poesia. Enfarava-o a vida prática. Confessou-me várias vezes ter exercido o magistério de segundo grau no Colégio Estadual do Amazonas e a profissão de revisor de texto em diversas oficinas de jornais de Manaus e na Imprensa Oficial do Estado. Mas poucas vezes testemunhei o poeta no exercício de outros afaze-

102 res que não a literatura. Sua vida era a poesia, a profissão de poeta, numa atitude temerária em face da rudeza do mundo que o cercava. Mesmo assim não lhe é numerosa a produção, reunida toda ela num volume de 280 páginas (*Quarteto*, Valer, Manaus, 1998), completada com a relevante fortuna crítica levantada e enxertada no volume. Lançadas, cedo suas coletâneas de poemas se esgotavam no mercado. Logo promovia novas edições. No preparo do texto dessas novas tiragens mexia num verso aqui e ali, na titulação das séries de poemas e na distribuição das estrofes. Refugava peças antigas e mais tarde as recuperava, caçava dedicatórias e inaugurava novas, de acordo com a tendência de suas relações de amizade ao longo do convívio. Tanto movimentava os seus textos que, certa vez, reclamei-lhe do trabalho que haveria de dar aos seus exegetas no futuro. Ele então me lançava um olhar ao mesmo tempo sardônico e maroto. Mas o que o tirava do sério era o desrespeito à sua obra. Não foram raras as vezes que se rebelou contra o uso não autorizado de seus poemas. Certa feita reclamou na justiça a recuperação de seus direitos autorais e foi reembolsado pelos valores reclamados. Tinha profunda consciência profissional da atividade literária. Enorme conceito pela designação de poeta. Só parecia áspero aos desconhecidos e néscios. Para algum desavisado que o chamasse de poeta, em tom pilhérico, ele expedia um cartão tipo de visita, já impresso com humor desafortado para esse fim, e o entregava ao peralvilho com um palavrão daquele tamanho... Levou vida simples, austera e proba. Quando mais jovem gostava de ficar com amigos pela madrugada a fora a bom conversar sobre as coisas que mais apreciava, literatura e arte. Dormia pela manhã. Mais maduro recolhia-se em casa à noite para descansar e dormir. Cedo estava na rua, nas livrarias, na casa e nos escritórios de amigos, ou nos bem acolhedores lugares de comida onde almoçava. Assistia a todos os filmes em circuito nos cinemas. Era assíduo frequentador de *shoppings* onde se encontrava com amigos dedicados. Ingressou na Academia por insistência dos companheiros do Clube da Madrugada já assumidos no Siløgeu amazonense. Percebi que se sentia honrado com a condição de membro efetivo da Casa de Péricles Moraes, mas não gostava de sentar-se nas poltronas reser-

vadas aos acadêmicos. Tinha dessas idiossincrasias que incomodavam o bom vezo dos seus pares. Do ponto de vista formal arrisco-me a dizer que sua poesia herdara a luz e o som do simbolismo, embora vivido com os pés e os olhos plantados no mundo de hoje. É uma poesia beneficiada pelas virtudes desse belo período das letras universais. Habitavam-lhe o universo interior, entre figuras exponenciais em todas as áreas do pensamento e da criação artística, poetas da mesma família espiritual de um Dante, Hoelderlin, William Blake, Mallarmé, Verlaine, Rimbaud, Antônio Nobre, Eugênio de Castro, Fernando Pessoa, Camilo Peçanha, Alphonsus de Guimaraens, Cruz e Sousa, Garcia Lorca, Jorge de Lima, Jonas da Silva, Maranhão Sobrinho e Américo Antony. Nos domínios da linguagem sobrepujou a todas as formas e os metros do verso em Língua Portuguesa. No meio literário de Manaus foi o introdutor do haicai, forma de tradição japonesa. Escreveu poemas em francês e inglês. Embora cioso da obrigação de divulgar o seu trabalho, só viu editado *Frauta de Barro*, seu livro de estreia, aos 35 anos de idade. É que essa coletânea de poemas, já consagrada por premiação nacional, esperou 4 anos para vir à luz com o selo da Livraria São José, do Rio de Janeiro, em 1963.

Em *Frauta de Barro*, prêmio de poesia Olavo Bilac, conferido pela então Prefeitura do Distrito Federal do Rio, em 1959, se ascendem os temas essenciais e mais constantes de sua poética, aspectos críticos sobre a vida urbana de Manaus e questões de ordem existencial e de conquistas do espírito. Conta, logo de início, que *em menino achei um dia/ bem no fundo de um surrão/ um frio tubo de argila/ e fui feliz desde então*. Em *Sol de Feira*, de 1973, seu segundo livro, também laureado, agora com o Prêmio de Poesia do Estado do Amazonas, em 1968, realiza a dissecação lírica de frutos da Amazônia, numa obra exemplar pela unidade estética e o equilíbrio de fatura formal. Lê-se o livro com todos os sentidos à flor da pele, o paladar, o tato, a visão e os ouvidos. Não faltam ao longo desse primor de construção verbal miríades de metáforas espontâneas, como se fosse assim tão simples engendrar tais figuras de linguagem. O leitor vai, nesse texto, de surpresa em surpresa, sem jamais correr o risco de tropeçar num verso banal ou prosaico, ou que revele o vício de uma forçada de mão. As frutas se convertem em pomos femininos. O poeta faz vibrar

todas as escalas da metáfora dos pomos. Do ardo mamilo/ de cunhantã (sapoti) e teta amorosa/ de adolescente (abiu), ao qual mama fria/ de bugra avó (jenipapo). Como se vê, no livro predomina, ao lado de uns poucos versos como os da introdução, vazados em redondilhas maiores, o verso tetrassilábico, curto e de ritmo sincopado, cadência popular, mas convertidos em peças de raro requinte lírico. São rondéis constituídos por duas estrofes, uma oitava e uma sextilha. Mostram-se como autênticas miniaturas muito ao gosto de Luiz Bacellar, como enfim realizou em seus haicais reunidos em *Pétalas do Crisântemo*, mínimos poemas de três versos concentradores da subjetividade de um surto de sugestões, geralmente provocado pelos elementos da natureza, as mutações do tempo, a renovação da vida e a contemplação dos seus meios. Em português o haicai fixou-se expressado nos três versos compostos de dois pentassílabos ou redondilhas menores, entremeado de um heptassílabo ou redondilha maior, que Luiz Bacellar mostra neste exemplar intitulado 'O poeta'. Diz ele: *Sempre perseguido/ o grilo fica tranquilo/ cantando escondido*. Vejam como o poeta se via. Pois bem, mas em determinados momentos o poeta se lança a expedições mais ousadas. Realiza um grande poema não só pela extensão do texto, como pela carnadura subjetiva de sua bela realização íntima. É uma obra de toda a vida porque já se anuncia nos poemas finais de *Frauta de Barro*. É o *Quarteto*, de 1990, lançado originalmente em 1975 sob o título de *Quatro Movimentos*. Conservou, no entanto, a indicação ao possível uso do texto a uma composição musical. Diz ele que esse poema é uma sonata em si bemol para quarteto de sopro. Em verdade a música exercia em Luiz Bacellar o fascínio só dominado pela poesia. A música residia em segundo lugar em seus interesses artísticos. Amiúde fazia referência a isso. Na abertura do *Sol de Feira* lança na epígrafe os primeiros compassos de uma sonata para flauta e piano de Mozart, se não me engano catalogada entre as miniaturas desse gênio da humanidade. Luiz Bacellar construiu seu *Quarteto* com 33 sonetos que eles dispôs como estrofes assim distribuídas: Carta Sazonal – allegro, 4 estrofes, Carta Pastoral – andante 13 estrofes, Carta Lunar – adágio 4 estrofes e Carta Náutica – largo 12 estrofes. São sonetos decassilábicos, isto é, peças formadas por 14 versos de dez sílabas, sob

um sistema rímico por vezes eclético. Há momentos em que o poeta livra-se dos esquemas rímicos rígidos e se deixa envolver dos laços da inspiração como na primeira quadra do primeiro soneto da Carta Pastoral – andante, a seguir: *O inútil canto escoá-se no tempo/ e os bens do amor em sulcos se dispersam./ A morte há de chegar, seu frio beijo/ de lábio em lábio pousará. Silente.* Não exagero, mas suspeito de que, no *Quarteto* de Luiz Bacellar, encontram-se alguns dos mais belos versos da Língua Portuguesa. Nada mais tivesse escrito e o *Quarteto* bastaria para consagrar-lhe o nome como um dos mais altos cultores do idioma de Camões. Mas o poeta, vez por outra, recolhia-se das alturas a que o levavam os temas do *Quarteto*, pousava no cotidiano de sua cidade natal e Manaus aparecia em suas ruas e casas, e no jeito de ser do seu povo, em saborosos versos como se encontra na série “Romanceiro Suburbano”, encartada em *Fruta de Barro*. Aí está a “Balada da Rua da Conceição”, rua onde acontece um montão de fatos junto com uma enxurrada de mitos, encerrada pelo poeta com a seguinte interrogação: *Mas será mesmo que existe/ essa rua na cidade?/ ou é rua da concepção/ no velho Cais da Saudade?*

O cais da saudade leva-me à lembrança da noiva eterna do poeta. Seu nome é Joana de Lima Teixeira, que ele chamava carinhosamente de Ninita. Foi Ninita que, residindo já no Rio, passou a limpo os poemas de Luiz Bacellar de *Fruta de Barro*, e o inscreveu no concurso que viria consagrar o livro com o prêmio Olavo Bilac. Na última edição desse livro, a nona, ainda administrada pelo poeta em 2011, saída das oficinas da editora meses antes de sua partida, o poeta deixou escrita, na página reservada a isso, a seguinte dedicatória: *Este livro pertence a Joana de Lima Teixeira, Dame imperienne de mon coeur enflamme (D’apres François Corbier alias Villon).* E prossegue o poeta em sua dedicatória: *Nesta edição corrijo uma injustiça por mim cometida nas edições anteriores deste livro e de todos os outros de minha autoria.* Assim era o poeta do sossegado vento no livre azul. Ninita reside no Rio de Janeiro, jamais voltou a Manaus e também não se casou.

## — Curvas do tempo

JORGE TUFIC

Há um conto de Vladlen Baknov em que o segredo do presente, quando vamos à sua procura no futuro, transfere-se para de onde partimos e muda de identidade, talvez para que jamais se possa decifrar, mesmo com a incrível ajuda de um tempomóvel, os complicados engenhos da mente em condição de projetar-se além das fronteiras de meio século. O autor põe na berlinda um poeta que os seres do futuro chamam de Balabachkin, pobre e anônimo em seu tempo de origem. Assim, quando ele é descoberto, ajudado e torna-se famoso, o condutor do tempomóvel regressa ao futuro com a finalidade de saber qual teria sido o fim do seu grande contemporâneo. E descobre, assustado, que o Balabachkin conhecido e venerado pelos seus descendentes, nada tinha a ver com aquele outro que, embora tivesse seu nome, a fim de evitar confusão e por modéstia publicava seus versos sob o pseudônimo de U. Pimenzonoff.

Esta ficção científica nos serve para demonstrar duas coisas: a preocupação de nossos contemporâneos com aquilo que os antigos chamavam de posteridade, e a pouca importância que os poetas, gênios ou simples lavradores do sonho, dão a essa coisa que tanto preocupa os ingênuos construtores de abrigos atômicos e caixas de memórias para o futuro hipotético. Convivendo com poetas desde a minha infância, eu lhes posso dizer que o poeta já nasce e já é. O futuro é o seu presente e o seu presente é, obviamente, o seu futuro. Alguns poetas que no passado não foram nem mesmo percebidos, hoje viraram ídolos. Souzândrade é um exemplo. Todavia, não quer isso dizer que eles, em sua época, deixaram de ser reconhecidos por alguma deficiência relativa ao modo pelo qual escreviam. O status cultural e as preferências de gosto variam no espaço e no tempo. Todos os grandes nomes da poesia universal somente foram reconhecidos depois de mortos.

Mas isso não significa que muitos poetas vivos não estejam vivendo a sua glória que um futuro remoto, por circunstâncias alheias à sua vontade, deixe de aceitá-la como válida num plano, digamos, de usos e costumes, onde a palavra, o logos, a comunicação poética em nível exclusivamente do lúdico e do onírico, passem a uma categoria de pesquisa simplesmente de caráter psico-neuro-vegetativo.

Neste seu livro *Curvas do Tempo*, como em seu principal caudatário *Angústia Numeral*, Antísthenes Pinto procura registrar e transmitir as impressões de um mundo que pode ser visto do futuro, conforme o poema 42, que abre o volume: “extinto cais”, “mortas paragens”. A lua é natimorta. O barco é mortuário. E o grito do mocho “arde nas labaredas do dia”. Em seu longo poema feito por fragmentos, a visão que nos dá é de sucessivos “autos de fé”, nos quais até mesmo as borboletas se aposentam, e o vento leva, de pronto, o seu dono. As coisas, os seres e sobretudo a própria poesia, em busca feroz da metáfora que lhe demonstre o grau de purificação pela destruição a que chegaram – se vestem daquela inquietude que, em certas passagens da obra, ganham uma técnica adequada ao transe de surrealidade (fragmento 66), onde o criador se autocondena a um suplício maior que o de Prometeu. Isto é, ao mesmo tempo que aves mortas lhe bicam os rins e o coração, ele grita qualquer coisa pro gato que engoliu sua mão. Aí está, sem dúvida, o verdadeiro suplício do poeta, em debate com o mito da expressão que, no fundo mesmo, se traduz por uma “pressão” e uma “ex-pressão” dentro de um *continuum* que é o poema.

Por outro lado, uma atmosfera de percepção kafkiana habilita-se a fornecer vários outros aspectos de análise, com prevalência naturalmente da necessidade de um estudo sobre a forma ou a estrutura do verso, sempre, vale observar, paralela ao jugo dos símbolos de que o poeta se utiliza para expressar o ilógico e o análogo de seu orbe particular. Um particular, no entanto, vazado nos códigos de todos os dias e de todas as gentes, embora nele apareçam “baratas verdes”, “voz de incêndio”, “peixe de sol”, “clamor ferrugem”, “negror diurno”, “pânico em repouso”, “lago áspero”, “suor do mundo”, “rio-usina”, “abelhas louras”, “praça alada”, entre muitos exemplos. O símbolo, como em James Joyce, é o elemento básico da expressão. O signo,

108 aliado ao símbolo, na conceituação de Saussure, é o que constitui a essência da linguagem.

Desse modo, nem sempre a poesia que denominamos moderna é entendida por alguns que, ainda habituados ao verso conceitual, estranham ou simplesmente evitam o esforço de não confundi-la com a prosa. O lirismo e a transcendência da poesia, por serem de natureza conotativa, diferem, assim, daquela, mais afeita ao registro direto dos fatos e acontecimentos do nosso cotidiano. Esse mesmo cotidiano que em Antísthenes Pinto representa uma espécie de aventura como “restauração” de tantas coisas e objetos aparentemente vulgares, mas que, depois de recolhidos na malha sensível do poema, lembram um exercício frequente do grande Manuel Bandeira. O autor de *Belo Belo*, dizem Gilda e Antonio Candido, “repetia no plano da palavra a experiência dos cubistas e surrealistas nas colagens (*papiers collés*). Erguia-as do entulho a que o gosto médio as havia reduzido para de novo insuflar-lhes o sopro da Poesia, da mesma forma que os pintores retiravam dentre os detritos da cesta de papel os pregos, rolhas, caixas de fósforos vazias, pedaços de barbante e de estopa com que iriam trabalhar a superfície da tela. Num caso como no outro, a emoção artística surgia dessa promoção do objeto que, colocado num contexto novo, irradiava magicamente à sua volta um novo espaço artístico, onde ao fluente encadeamento lógico se substituíra uma organização de choque”.

Além desse tratamento de choque, *Curvas do Tempo* revela a dureza da vida e do trabalho, na faina de construir e destruir em nome da sobrevivência material. A presença do homem é nula em seus poemas. Mas quem não sente e vê, como as águas refletem e o sopro da brisa alivia, esses vultos esqueléticos no ofício de quebrar pedra debaixo da ponte, com “mãos de pedras humanizando pedras”? Mais adiante o poeta lamenta a impossibilidade de captar um poema “se as árvores encardidas na praça mostram ossos em vez de folhas”. Bem-humorado, andando um passo à frente de sua época, *Curvas do Tempo* leva, com certeza, à descoberta de “efeitos supostamente não relacionados”, onde a lucidez, ao contrário da loucura, mostra a realidade exatamente como relutamos por não aceitá-la. O mundo caminha para isso. E a poesia também.

## — Matthew Arnold e a nobreza da escrita comparada

NEWTON SABBÁ GUIMARÃES

*Je ne fais point de doute qu'il ne m'advienne  
souvent de parler de choses qui sont mieux traitées  
chez les maîtres du métier, et plus véritablement*  
Montaigne – *Essais II*

### — RETRATO DE UM VITORIANO

Sempre que leio os ensaios de Arnold, ou as suas poesias pouco espontâneas, tenho a impressão que estou diante de um daqueles ingleses que os romances pintavam e, mais tarde, o cinema estereotiparia: um sujeito muito rígido, empertigado, elegantemente vestido e distante, como se só pudesse ver com lunetas ou óculos de alcance. Os seus retratos e fotos mostram-no assim, com as suas amplas costeletas e ruivas, a pele muito clara e rosada e o rosto que mais parece tenso do que rígido, talvez até um pouco germânico demais. Assim a sua obra, seja a em verso, seja a sua prosa bem cuidada e erudita, os seus ensaios primorosos, possivelmente dos mais belos que já se escreveram em inglês, superiores aos do americano Emerson, outra figura igualmente impressionante de escritor e sábio. Mas Arnold foi um grande poeta, com relativamente poucos livros de poesia e quase sempre não muito longos os seus poemas, como acentua o seu estudioso. Cuidadoso da forma, ele reescreveu vários dos desses poemas, alterando-os profundamente como aconteceu com *The Scholar-Gipsy*. Abandonou a poesia pela prosa, como um dia declarou ao lembrar que, depois de certa idade, a mente seca e o poeta migra para a prosa (o que nem sempre acontece, a pensarmos em Browning, Victor Hugo, Ezra Pound e tantos mais que, até avançada idade, continua-

110 ram a produzir poesia!). É interessante notar como Arnold via na poesia uma espécie de fuga. E mais, chegava a acreditar que a própria ciência precisava do amparo da poesia, em uma atitude muito própria dos humanistas e dos renascentistas italianos. Contudo, acreditava também – e este parece ser o ponto-chave do seu pensamento a respeito! – na importância da poesia inclusive como intérprete da própria vida. “More and more mankind will discover that we have to turn to poetry to interpret life for us, to console us, to sustain us. Without poetry, our science will appear incomplete”, escreveu nos *Essays in Criticism*, de 1880.<sup>1</sup> Ficaria, porém, célebre como crítico, ainda que não se lhe possa desprezar a poesia, onde há poemas como os de “Sohrab and Rustun”, que são verdadeiras joias do Romantismo inglês, isto para citar apenas os poemas longos, mas ele escreveu pequenos poemas de grande beleza que, lidos uma vez, jamais os esquecemos, como “A Wish” no qual ele se queixa de uma vida com muita melancolia de

*Lask but that my death may find  
The freedom to my life denied;  
Let those who will, if any, weep!  
There are worse plagues on earth than tears.*

Arnold é um marco nas Letras inglesas do século 19, mas é também o que de mais patentemente vitoriano pode o estudioso dessa época encontrar. Vitoriano até à medula dos ossos. E profundamente inglês, *malgré* as sólidas influências recebidas da sua estreita proximidade com a *Kultur* de língua alemã. Era filho de conhecida personagem londrina, o Dr. Thomas Arnold, diretor do Rugby College e biografado muitos anos depois por Strachey, na sua galeria de ilustres vitorianos, os *Eminent Victorians*, talvez o livro mais atraente e bonito do ponto de vista do estilo dos que escreveu o biógrafo da Rainha Vitória. Sua mãe, Mary Penrose, era uma mulher piedosa cuja influência moral sobre o filho seria visível no seu procedimento austero. Até os seus últimos dias Matthew ficará oscilando entre a crença na religião de sua infância e do seu lar, e o naufrágio dessa fé inocente e doméstica e o frio racionalismo, mas curiosamente a sua preocupa-

ção com a religião estaria presente até os últimos dias de vida e deixou vários livros nos quais demonstra às claras quanto o problema religioso tinha profundas implicações na sua formação moral e cultural. Teve educação primorosa e distinguiu-se nos estudos, dominando muito bem o latim e o grego, o francês e o alemão. A passagem por Oxford seria decisiva na sua vida. Oxford marcá-lo-ia para sempre e, curiosamente, ele jamais abandonaria a instituição, de onde saiu como estudante formado em *Literae Humaniores*, passando, logo após, a professor no Rugby em 1845. No ano seguinte viaja extensamente pela França e faria várias outras viagens a este país, ao todo umas sete. Os seus biógrafos falam da sua acentuada francofilia. Gosta dos autores franceses e olha com bons olhos o desenvolvimento da educação secundária ali, que acha mais desenvolvida do que no seu país. Admirava na verdade a França de onde saíam as grandes inovações mas também as mais cruentas revoluções. Penso que é pouco acertado falar-se de sua francofilia. Se gostava da França, não esqueçamos que viajou igual número de vezes pela Suíça, onde chegou a ter bom círculo de admiradores.

Ao voltar de uma dessas viagens pelo continente, Arnold torna-se secretário privado do marquês de Lansdowne, prestigioso par liberal, presidente do Conselho. A convivência com Lansdowne seria marcante na sua orientação política ao defender, mais tarde, mudanças e pregar a educação liberal para todos, mas por vezes tem-se a impressão de que, na verdade, ele nunca foi um liberal. Nessa posição permanece durante quatro anos quando trava conhecimento com titulares do Reino, gente da aristocracia, com os quais manterá amizade delas sendo algumas vezes comensais, como o duque e a duquesa de Norfolk, aos quais fará referência em carta à sua filha. Ele viveu sempre em um mundo elegante e requintado, do qual muito gostava. Toma o gosto pelas viagens e até o fim da vida viajará para fora do Reino, inda sobretudo aprecia a Suíça aonde retorna sempre, talvez umas dez vezes até dois anos antes de morrer. Gosta dos países do Norte: Bélgica, Holanda, Alemanha, mas vai também à Itália e com mais frequência, a França. Casa aos vinte e nove anos com Frances Lucy Wightman, ou Fanny Lucy na intimidade (ele chegou a chamá-la, em cartas íntimas, Flu, de Fanny e Lucy, o que não deixa

112 de ser cômico, porquanto *flu* é abreviatura de *influenza*, ou seja, gripe!) e parece ter tido um casamento harmonioso e feliz. Tinha bom emprego como inspetor de escolas, viajando constantemente a serviço por todo o país e teve altas comissões que cumpria com rigor. Diferentemente de outros escritores da época, Arnold teve sempre uma vida folgada, com boas posições e sem maiores preocupações financeiras. Por sinal, gostava muito da sua função burocrática, o que quase sempre é salientado pelos seus biógrafos e estudiosos da sua vida e obra. A sua grande tristeza foi a morte dos filhos Basil e Thomas, em 1868, quando ele se mudara para Harrow. Nada porém lhe impediu a marcha triunfal na sua carreira como funcionário civil do Estado, nem como escritor, nem nas atividades acadêmicas. Em 1870, aos quarenta e oito anos, recebia o grau de doutor em Direito Civil, pela Universidade de Oxford. E. K. Chambers salienta na excelente introdução a uma outra antologia de Arnold, a quietude e serenidade que ele transmitia na sua obra, reflexo da sua maneira de ser, da sua vida e do seu caráter, frio e distante, pelo menos na aparência. Aliás, a reprodução do seu retrato por G. F. Watts nos seus livros, cujo original se encontra hoje na National Portrait Gallery e que podemos apreciar nesta seleção, *Poetry & Prose*,<sup>2</sup> mostra-o muito empertigado, o olhar distante e sereno, um todo de frieza e distanciamento de tudo, fato que não deixa de impressionar. Mas há uma certa melancolia no seu olhar. As suas poesias e ensaios estão assim constituídos. Por sinal há uma certa tristeza e amargura em muitos dos seus melhores poemas, quiçá remota influência de Giacomo Leopardi, o poeta ultrapessimista de *I Canti*, cuja leitura o impressionara muito. Não havia otimismo filosófico nos seus poemas, no que difere em muito da poesia misto de busca de uma harmonia universal e suave otimismo do seu antecessor e admirado poeta Wordsworth, como um dia declarou em carta<sup>3</sup> ao cardeal Newman.

*This philosophic optimism [de Wordsworth], if the term is not too intellectual a one to use, was never Arnold's. His rigorous teachers had purged his faith, and shown him 'the high white star of Truth', and in that clear and searching light he could see no certainty of such a harmony. His prevailing elegiac mood is one of disequilibrium. He can arrive at no*

escreveu Chambers na citada introdução.<sup>4</sup> Esse estudioso acha que havia em Arnold uma grande inquietação interior, uma descrença no homem e nas coisas da vida, fruto de sua fé perdida. A mãe teria tido em Arnold alguma influência na sua consciência moral, na firmeza de princípios e até mesmo na crença inabalável na sua pátria, que sempre demonstrou, escrevendo ou nas conferências dentro e fora do país. Havia nele, percebe-se, muito orgulho em sentir-se filho dessa civilização inglesa, que ditava normas para o mundo. O que a religiosidade inocente de sua mãe não conseguiu foi injetar-lha, passá-la ao filho que a enchia de orgulho, como quem sabe teria desejado... Do pai recebeu o que Louis Cazamian chama de "fé moral". O velho era de grande rigidez moral, um daqueles tipos que parece que adotam uma máscara de ferro com a qual tudo encobrem. O rev. Arnold era um tipo frio, muito pouco comunicativo, como o era o seu tio, também ministro eclesiástico, o rev. John Buckland, de Laleham, que foi seu tutor na sua infância. São suposições, mas ao que se pensa foram essas influências que lhe moldaram a personalidade. Percebe-se isso na sua obra ensaística e, um pouco menos, na sua poesia. Esta está sempre envolta em suave pessimismo e descrença nos homens, na fragilidade do amor e da ventura, enfim, um autêntico leopordiano elegantemente vestido ao *dernier cri* da moda londrina.

Era, sim, um escritor de extrema probidade e que se preocupava em que os seus escritos fossem sobretudo exemplos do seu pensamento e da sua postura firme e íntegra ante a vida. É provável que esse comportamento lhe tenha atraído alguma antipatia dos seus contemporâneos. Depois, o seu formalismo distante mantinha afastados os admiradores e companheiros de lides literárias. Mas apesar desse comportamento, muitos dos seus poemas conseguem transmitir ao leitor um pouco da melancolia que encontramos, a ponto de o mesmo Cazamian escrever que ele consegue revelar uma sensibilidade mais complexa e mais atrativa como poeta do que como crítico.<sup>5</sup> É notório isso: ele algumas vezes tira a máscara de frieza e lonjura para deixar patente as suas angústias e descrenças, em belos

114 versos, enquanto que nos ensaios permanece para sempre em prontidão, para usar de um jargão militar que se lhe adapta como luva nessa postura que o leitor encontrará em todos ou quase todos os ensaios, mesmo naqueles que refletem muito da sua cultura clássica e das boas leituras dos mais antigos poetas ingleses.

Um forte, quase sempre distante, Arnold parece que tinha preocupação de não deixar que os outros o vissem como homem de carne e osso, mas o sólido representante de uma civilização que dominava todos os continentes naqueles dias áureos de esplendor e glória, estendendo os poderosos tentáculos por territórios os mais distantes da terra. Ele era o retrato desse povo forte e dominador. É a primeira impressão que dele se tem, quando lhe vemos um retrato, desses que aparecem nas suas obras mais conhecidas, sobretudo os a cores. As suas costeletas, ruivas e espessas, são a primeira coisa que vemos e que se destacam no seu rosto solene e distante, como se fossem um selo, que o distinguiam. E envelheciam-no, igualmente. Manteve-as sempre, primeiro ruivas e, no fim, grisalhas. No quadro que dele fez Watts, veem-se-lhe os olhos muito claros, verdes, e neles uma certa melancolia, enquanto os lábios finos e o mento quadrado transmitem uma ideia de força e desdém.

Como seria Arnold na intimidade da amizade e com a família? É algo que os biógrafos consultados não dizem... Com um pouco mais de conhecimento do Matthew Arnold íntimo seria possível traçar-se-lhe um perfil mais humano, como aqueles que Strachey traçou nos perfis dos *Eminent Victorians*, de 1918, dos mais impressionantes e fortes do Decadentismo inglês e até hoje lidos com crescente admiração. Penso que Matthew Arnold forneceria matéria extra para um desses perfis insuperáveis. Há menos angústia interior na sua vida do que na do seu quase contemporâneo John Ruskin, com os seus dramas religiosos e sociais, a vida privada destroçada e, por fim, a loucura. Arnold parecia estar moldado em uma só peça.

Lendo as suas cartas, encontramos o homem em extremo controlado e muito pouco de confissões, como se fosse talhado em mármore ou em bronze. Não sei por quê penso naquelas gárgulas que há nas velhas casas parisienses em que a só a boca parece ter algo de menos brônzeo, pois por ela passa a água da chuva, os aguaceiros

tão comuns em Paris. Assim Arnold: só o fecho de suas cartas apresentam algo mais vivo. O resto, puro bronze, puro mármore! Fala quase sempre do problema da educação, o que era uma constante na sua vida. Não há tiradas sentimentais nas suas cartas, nem nas para a sua mulher, Fanny Lucy. Parecem um pouco mais ternas as que escreveu à sua mãe e em uma delas refere-se ao *dear papa*, morto em 1842, quando o crítico tinha vinte anos, lembrando que muitos dele falavam com respeito, como se quisesse dizer, em outras palavras, que o grande educador não fora esquecido. mas é de si e das suas obras que fala mais amiúde, como ao escrever à sua mãe que a princesa Alice apreciara tanto o seu livro *Culture and Anarchy*, que dele citava trechos, ou que a princesa real estava a lê-lo. É ainda em carta de 5 de junho de 1869, à sua mãe, que ele abriu com candura o seu coração a respeito de si próprio como poeta. Descontado o pouco de orgulho e vaidade que por ali vai, a confissão, espontânea pois dirigida à mãe, parece digna de ser meditada pelos estudiosos da sua poesia. Escreveu ele:<sup>6</sup>

*My poems represent, on the whole, the main movement of mind of the last quarter of a century, and thus they will probably have their day as people become conscious to themselves of what that movement of mind is, and interested in the literary productions which reflect it. It might be fairly urged that i have less poetical sentiment than Tennyson, and less intellectual vigour and abundance than Browning; yet, because I have perhaps more of a fusion of the two than either of them, and have more regularly applied that fusion to the main line of modern development, I am likely enough to have my turn, as they had theirs.*

Convenhamos, fingindo-se modesto não no é, porquanto se compara a dois dos maiores poetas ingleses dos últimos séculos e tem esperança de que chegara a sua vez de brilhar como aqueles hão brilhado. É verdade que confessa possuir menos sentimento poético do que Tennyson, o que não é nenhum achado. Basta lê-los e compará-los... Nem possuir o vigor e a fertilidade de Browning, o que também não é difícil de comparar. Em outra carta, dessa vez à sua filha mais velha,<sup>7</sup> narra o seu encontro com o famoso cardeal Newman, a quem todos

116 prestavam as maiores reverências, acentuando, com uma certa arrogância que, ao ser apresentado ao cardeal, ele “only made a deferential bow” e que o ancião dignitário da Igreja lhe tomara ambas as mãos e fora em extremo encantador e como único destaque desse encontro, parece que o primeiro, a observação de ficara “very glad to have seen him”. E nada mais.

— OS ENSAIOS QUE LHE FIZERAM A FAMA E O SEU  
PENSAMENTO HUMANÍSTICO

Na *Selected Prose*,<sup>8</sup> há belos textos que incluem partes das palestras sobre *On Translating Homer*, de 1861, além dos seus famosos *Essays in Criticism*, de 1865, que consistem de artigos sobre Heine, Coleridge, *Literature, a Criticism of Life*, dos mais belos e apreciados que escreveu, assim como capítulos de *Culture and Anarchy*, de 1869, e o mais conhecido dos seus ensaios, *The Study of Poetry*, que vem na segunda série dos *Essays in Criticism*.

São artigos densos e muito bem escritos, com sólida argumentação que encanta o leitor. Há sempre um toque de elevada distinção em tudo o que escreve, mesmo em algumas partes polêmicas, quando ataca com severidade algum escritor ou, como no caso de tradutores de Homero, faz sérias ressalvas ao modo com que certas passagens foram traduzidas – eram tradutores bastante conhecidos dos eruditos helenistas ingleses –, ressalvas que não ficaram sem respostas e que serviram para mostrar que aquele homem fleumático e de excelente educação algumas vezes passava dos limites quando se tratava de defender pontos de vista que lhe pareciam corretos. Era na verdade um *scholar* autêntico, muito envolvido com os seus altos estudos e encarando a missão do escritor com austeridade e denodo. William Henry Hudson, em *An Outline History of English Literature*,<sup>9</sup> por sua vez, faz críticas que não deixo de chamar de impiedosas e que a mim me parecem desproporcionadas. Escreve Hudson que “he was not a great scholar; he was neither profound nor systematic, and his judgment was sometimes disturbed by caprice”.<sup>10</sup> Jamais tive essa ideia lendo-lhe os ensaios críticos, sempre me pareceu racional e centrado, preocupado sim, com o bom encaminhamento da Literatura

como vida e arte, tal como ele preconizava. Sinceramente não vejo sinal de capricho naquilo que escreve Arnold. Há, na verdade, uma grande vontade de produzir uma peça que esteja acima da crítica capciosa e parcial, há a vontade de mostrar que sabe o que está a discutir. É por momentos duro contra os autores estudados e criticados, mas jamais rude ou deselegante. Faz circunlóquios para produzir as suas críticas aceradas. Esse aludido estudo sobre os tradutores de Homero<sup>11</sup> é um dos exemplos mais visíveis. Mostra equívocos nos tradutores, um dos quais, Francis W. Newman (1805-1897), era conhecido helenista, irmão do famoso cardeal Newman, e professor de Latim na Universidade de Londres. Foi ele um dos alvos do ataque de Arnold e isso rendeu alguns dissabores junto aos que apoiavam Newman, quem sabe por conta da influência do poderoso e respeitado irmão. Francis Newman contradisse as críticas de Arnold em um folheto *Homeric Translation in Theory and Practice. A Reply to Matthew Arnold*, de 1861, contra o qual o conferencista voltou à carga com *On Translating Homer: Last Words*. Há uma troca amarga de recriminações, lamuriosa da parte de Newman, irônicas da parte de Arnold, mas nunca se perderem ambos a boa educação e o alto nível de cortesia. Arnold chega a dizer do erudito tradutor:

*I respect Mr. Newman sincerely; I respect him as one of the few learned men we have, one of the few who love learning for its own sake; this respect for him I had before I read his translation of the Iliad, I retained it while I was commenting on that translation, I have not lost it after reading his reply.<sup>12</sup>*

Parece que alguma ironia, em que Arnold era mestre, abespinhara o velho scholar, mas dando-se conta de que procedera injustamente, Arnold apressa-se a desculpar-se, em gesto dos mais elegantes, depois de elogiar o adversário como um dos grandes sábios ingleses dos seus dias:

*Any vivacities of expression which may have given him pain I sincerely regret, and can only assure him that I used them without a thought of insult or rancour. When I took the liberty of creating the verb to New-*

118 *manise, my intentions were no more rancours than if I had said to Miltonise; when I exclaimed, in my astonishment at his vocabulary, – ‘With whom can Mr. Newman have lived?’ – I meant merely to convey, in a familiar form of speech, the sense of bewilderment one has at finding a person to whom words one thought all the world knew seem strange, and words one thought all strange, intelligible.*<sup>13</sup>

Claro que por detrás destas palavras cheias de aparente veneração e respeito ressuma forte dose de ironia que o leitor de hoje, mesmo aquele pouco acostumado com a conhecida ironia inglesa, pode sentir. Newman, ao que se infere da leitura da réplica de Arnold, teria respondido no seu panfleto com acrimônia e bastante magoado e Arnold, defendendo as suas ideias e defendendo-se de haver sido rude, semeia o seu texto de pequenas farpas e ironia.

Clive Wilmer, apresentando a obra de Ruskin, salienta que, em determinado momento, por ocasião de escrever *Unto this Last*, ele se deu conta de que o excessivo cuidado com o estilo podia induzir a erros de julgamento na apreciação da obra, porquanto o leitor podia deixar-se seduzir pelo estilo, esquecendo o conteúdo. Queria dizer com isso que renegava o sumo cuidado estilístico. Bobagem: Ruskin escreveu sempre bem e pode ser dado com um dos melhores estilistas ingleses do século 19. Olhando agora para o lado de Matthew Arnold, este jamais renegou nada do que fez e do que pensava desde os dias em que publicou *Alaric at Rome*, quando tinha apenas dezoito anos. A sua obra caracteriza-se por uma elevada e nobre beleza de estilo, seja nos seus poemas de *The Strayed Reveller, and Other Poems*, de 1849, seja no livro *Empedocles on Etna, and Other Poems*, de 1849, ou nos seus ácidos estudos críticos e polémicos de *Last Words on Translating Homer*, dos seus quase quarenta anos. Keating, na apresentação da sua antologia em prosa, lembra esse aspecto da sua obra – a beleza do estilo e acentua que “for the modern reader Arnold survives not merely as a classic of our criticism but as a classic of our prose”.<sup>14</sup> Serve como advertência para nós e serve igualmente como estímulo para que escrevamos com elegância, evitando o que muitos acreditam, que o crítico não precisa ser um artista na arte de escrever, mas apenas bom julgador. Bordões que se transmitem com

uma celeridade absurda e como escrever *currente calamo* é bem mais fácil do que escrever polida e belamente, lá vão surgindo os críticos que escrevem sabem Deus como! Também se diferencia de Ruskin pela preocupação social que este, rico e próspero, desenvolveu nos últimos anos: Arnold ficou mais dentro das coisas literárias e do seu mundo burocrático e acadêmico do que preocupado com questões sociais. O seu juízo era frio e jamais se permitiu a grandes voos. Era, se se pode assim dizer, um pensador apegado à aristocracia do espírito e acreditando nos valores das classes altas, mas sem ter vendas nos olhos. Lembrava que era preciso preparar as massas para que a democracia chegasse sem grandes atritos entre as classes. Tudo era uma questão de preparação. Não se tratava de evitar, mas de preparar. Advertia para os perigos da população enraivecida e a fazer o que lhe dava na telha, mas advertia, também, para o perigo dos bárbaros e os filisteus em *Culture and Anarchy*, de 1869, possivelmente o seu livro mais pessimista, no qual, porém, mais se pode observar o seu temperamento voltado para a firmeza das instituições inglesas, nas quais acredita e que defende. Precisam de reformas por meio de uma educação das massas. Observou detidamente a educação em França e outros países visitados. Deixou bons livros para a época após participar como membro da Comissão de Educação e, entre eles, citam-se *The Popular Education in France*, de 1860, o *Report in Secondary Education in Foreign Countries*, de 1866, e o mais ambicioso *Report in Certain Points Connected with Elementary Education in Germany, Switzerland, and France*, de 1886. Acreditava na educação popular e por ela se batia apresentando relatórios e falando do assunto nos seus encontros como inspetor do Ensino e via no sistema francês o modelo ideal com algumas modificações adaptadas à situação e à cultura inglesas. Tinha medo, sim, do levantamento das massas, mas sem histerismo, como o fizera Carlyle. Daí insistir em que era preciso preparar o povo para o momento que chegava.

Não esquecia o homem, mesmo sendo aparentemente distante e frio, Matthew Arnold centrava o homem no seu universo, daí que Lionel Johnson não lhe poupa elogios, escrevendo, por fim, que Arnold “was himself a true humanist; and no true humanist will ever forget him”.<sup>15</sup> Carlyle, que nos deixa belos perfis de grandes vultos

120 da humanidade, voltava-se de preferência para os heróis do passado. Arnold, por outro lado, não esquecia o homem que estava ao seu lado. Glorifica e acredita nos grandes homens do passado, sem desadorar aquele que está por perto. Poder-se-ia dizer que Arnold era um conservador prático, às direitas (sem nenhum trocadilho!), que defendia e acreditava nas instituições inglesas, mas sempre com os olhos voltados para as revoluções levadas a cabo na França, e ainda a mais recente de 1848. Mudanças, sim, mas sempre pela educação, de onde a sua crítica a Newman e Colenso, que haviam publicado livros que, segundo a sua crítica impiedosa, nem edificam os pouco instruídos nem melhoram os muito instruídos. Ou seja, acreditava piamente na importância do livro, na educação como fator de edificação e mudança. A respeito, escreve Keating:<sup>16</sup>

*In 'Democracy' he had urged the middle classes to recognize the truth of this and by means of state education develop qualities of intelligence to complement the practical virtues they already so abundantly possessed; in the Homer lectures he had displayed Newman as the kind of false guide nurtured by a society lacking intelligence. In his article 'The Bishop and the Philosopher', a review of Bishop Colenso's study of the Pentateuch, published in Macmillan's Magazine of January 1863, Arnold once again set himself the task of destroying false guides, but the satire is darker and the hope that the English might yet be stirred to a great critical effort has disappeared. Reason is still appealed to but now the reader is caricatured...*

— CHEGANDO AO FINAL DESTE RÁPIDO ELOGIO DE ARNOLD

Há muito o que dizer sobre a sua personalidade, como homem e escritor. É um dos clássicos da crítica inglesa e a sua influência chega longe. Vale salientar que Ezra Pound, disposto a tudo demolir, parece muito haver lido Arnold e ter-lhe sofrido influência, não de somenos importância. Há ensaios do famoso épico de *The Cantos* que parecem moldados no belo mármore arnoldiano, como o em que trata dos tradutores de Homero. Segue par e passo o método de Arnold ao citar e analisar os tradutores e algumas vezes com a mesma atitude

acre. Cita mais do que Arnold, folhas inteiras, em latim. Arnold é mais parco, mais comedido, até mesmo nas mais necessárias citações gregas de que apresenta resumos que orientam o leitor não muito familiarizado com o grego homérico. Teria sido intencional a escolha de um tema visto e estudado por Arnold, ou simples coincidência de dois amantes da língua grega e de Homero? Nesse aspecto, o inglês leva a palma ao rebelde e erudito americano por ser mais claro, por apresentar sugestões que poderiam ser aproveitadas pelos futuros tradutores e por tecer críticas a tradutores dos quais discorda em diversos passos. Em carta à sua mãe escreve entusiasmado acerca das conferências sobre Homero e apresenta-lhe a metodologia que acredita deva ser seguida: "I shall try to lay down the true principles on which a translation of Homer should be founded, and I shall give a few passages translated by myself to add practice to theory".<sup>17</sup> Já Pound, conhecido pela dureza com que polemizava e atacava autores com cuja obra não simpatizara, tenta mais um trabalho de arqueologia do que de revisão e... não polemiza, pisme-se quem quiser! Deixo, portanto, aqui, a sugestão a poundianos dispostos a investigarem se Ezra Pound sofreu o impacto de Matthew Arnold na tessitura do seu ensaio sobre antigos tradutores de Homero, se alguma vez o expressou em carta a algum correspondente, se leu o texto de Arnold, inspirando-se nele, ou se teria sido mera casualidade e encontro do mesmo tema. Penso que daria excelente ensaio de investigação na vasta seara de Pound, um dos últimos poetas e críticos eruditos do século 20. Espanto-me com a clareza de Arnold, as suas vastas leituras, a profundidade do seu pensamento e discordo em cheio com a opinião de Hudson, citado acima. A sua obra não envelheceu e tinha tudo para ficar velha nestes dias de corrida e materialismo desenfreado, de superficialidade, de pouca meditação sobre esses temas dos *studia humanitatis*. Ele viverá sempre como um grande crítico e um grande humanista. Eliot dizia talvez à guisa de brincadeira que Arnold era mais um propagandista da crítica do que propriamente um crítico. Seja o que for, ele fez muito pela nobreza da crítica. Que bom poder-se dizer de um grande escritor que ele não envelheceu e que, sinfronicamente, a sua obra continua a despertar a admiração e a ter um significado que transcende aos tempos. Sem-

122 pre nova. Aliás, ele mesmo em um poema dos seus trinta anos, profeticamente intitulado de “The Youth of Man”, escrevia:

*Leave not a human soul  
To grow old in darkness and pain!  
Only the living can feel you,  
But leave us not while we live!*

Só que ele conseguiu algo mais: não foi esquecido depois de morto, o que é um privilégio que somente os grandes conseguem!

— NOTAS

1. In: Arnold, Matthew. *Poetry and Prose. With William Watson's Poem and Essays by Lionel Johnson & H. W. Garrod. With an Introduction and Notes by E. K. Chambers.* Oxford: At the Clarendon Press, 1971, p. 145.
2. V. Arnold. *Poetry & Prose.* Ed. cit acima. Capa de rosto.
3. Cfr. *Selected Prose. Edited with an Introduction by P. J. Keating, Lecturer in English Literature, University of Leicester.* Harmondworth, Middlesex: Penguin Books, 1987, p. 442. Arnold, escrevendo ao cardeal Newman, em 28 de maio de 1872, confessa as suas quatro grandes admirações: “There are four people, in special, from whom I am conscious of having learnt – a very different thing from merely receiving a strong impression – learnt habits, methods, ruling ideas, which are constantly with me; and the four are – GOETHE, WORDSWORTH, SAINTE-BEUVE, AND YOURSELF” e continua mais adiante, lisonjeiro: “You will smile and say I have made an odd mixture and that the result must be a jumble: however that may be as to the whole, I am sure in details you must recognize your own influence often, and perhaps this inclines you to indulgence”. Op. cit., p. 442. Não foi em vão que quando o conheceu o cardeal tenha-lhe tomado as duas mãos apertando-as com muita simpatia e carinho... Destaquei.
4. Op. cit., p. 18 e 19.
5. Cfr. *A History of English Literature. The Middle Ages and the Renaissance (650-1660).* By Émile Legouis. Translated from the French by Helen Douglas Irvine. *Modern Times (1660-1959)* by Louis Cazamian.

Translated from the French by W. D. MacInnes, M. A., and the Author. Revised edition. Bibliographies by Donald Davie and Pierre Legouis. Revision of concluding chapters by Raymond las Vergnas. Londres: J. M. Dent and Sons Ltd., 1960, p. 1113 e seguintes, cap. Moral and Literary Criticism: Matthew Arnold.

6. Op. cit., p. 440.

7. Cfr. Selected Prose, ed. cit. abaixo, p. 443.

8. Arnold, Matthew. Selected Prose. Edited with an Introduction by P. J. Keating, lecturer in English Literature, University of Leicester. Harmondsworth, Middlesex: Penguin Books, 1987.

9. Hudson, William Henry. An Outline History of English Literature. Londres: G. Bell and Sons, Ltd., 1941.

10. Op. cit., p. 294.

11. V. op. cit., de p. 76 usque 98. Vale a pena este modelar ensaio sobre temas mais complexos e controvertidos, já que tem a ver não apenas com uma visão helenística das mais difíceis dos estudos clássicos como a igualmente difícil arte da tradução, em que tudo tem de ser levado em conta.

12. Op. cit., p. 86.

13. Ibidem, p. 86.

14. Op. cit., p. 35. Grifos meus.

15. In: Arnold. Poetry and Prose, ed. cit., p. 25.

16. Op. cit., p. 20.

17. Op. cit., p. 427. Carta à sua mãe, de Londres, 29 de outubro de 1860.

## — Euclides da Cunha: *dos Sertões à Amazônia*

ROSA MENDONÇA DE BRITO

### — O HOMEM E SUA EXISTÊNCIA

Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha, engenheiro, jornalista, professor, ensaísta, historiador, sociólogo e poeta, nasceu na fazenda Saudade, em Cantagalo, Rio de Janeiro, no dia 20 de janeiro de 1866. Era filho de Manuel Rodrigues da Cunha Pimenta e Eudóxia Alves Moreira da Cunha e casado com Ana Emília Ribeiro, filha do major Frederico Sólton de Sampaio Ribeiro, um dos líderes da Proclamação da República. Órfão de mãe aos 3 anos de idade, passou a viver em casa de parentes em Teresópolis, São Fidélis e Rio de Janeiro.

Após concluir os cursos primário, ginásial e secundário ingressou, em 1883, no Colégio Aquino onde foi aluno de Benjamin Constant. Naquela instituição de ensino conclui o curso de humanidades e publicou os seus primeiros artigos no jornal *O Democrata*, fundado por ele e seus colegas. Em 1885 ingressou na Escola Politécnica para cursar Engenharia mas, por falta de recursos, foi obrigado a desistir. Em 1886, aos 21 anos, assentou praça na Escola Militar da Praia Vermelha. Por seu famoso ato de indisciplina em 1888, quando lançou aos pés do ministro da Guerra, conselheiro Tomás Coelho, a sua espada de cadete, recebeu como punição o trancamento de sua matrícula e o desligamento do Exército. No mesmo ano, mudou-se para São Paulo onde participou ativamente da propaganda republicana e colaborou com a série “A Pátria e a Dinastia”, no jornal *A Província de São Paulo*.

De volta ao Rio de Janeiro, assistiu à proclamação da República e, em 19 de novembro do mesmo ano, por iniciativa de Cândido Rondon e decisão de Benjamin Constant, retornou à Escola Militar da Praia Vermelha e foi reintegrado ao Exército como alferes-aluno. Em

1891 concluiu o curso na Escola Superior de Guerra bacharelando-se em Matemáticas, Ciências Físicas e Naturais. Em 1892 foi promovido a primeiro-tenente de Artilharia e designado para coadjuvante de ensino teórico na Escola Militar. De 1893 a 1896 trabalhou na construção de estradas de ferro em São Paulo, Caçapava e Minas Gerais e, ainda, como superintendente de Obras Públicas do Estado de São Paulo, cargo exercido até 1903.

Em 1897 escreveu dois artigos sobre o título “A Nossa Vendeia” comparando os canudenses aos revoltosos da Vendeia. Nesse mesmo ano foi designado por Júlio de Mesquita, do jornal *O Estado de São Paulo*, correspondente na campanha de Canudos e nomeado adido ao Estado-Maior do Ministério da Guerra. Antes de dirigir-se para Canudos realizou, em Salvador, um prévio e profundo estudo da situação conflituosa no que concerne aos aspectos geográfico, botânico e zoológico da região, bem como aos antecedentes sociológicos do conflito.

Em Canudos, de sete de agosto a 1º de outubro, cobriu a última fase da campanha, assistindo aos últimos dias da luta do Exército contra os seguidores de Antonio Conselheiro. Documentou-a de modo exaustivo, expressando sobre o caso um juízo imparcial e objetivo. Nesse mesmo ano publicou vários artigos sobre Canudos em *O Estado de São Paulo*. Retornando da empreitada, fixou-se em 1898 em São José do Rio Pardo onde, incentivado pelo seu grande amigo Francisco Escobar, escreveu *Os Sertões* que foi publicado em 1902.

Em 1903 foi eleito para o Instituto Histórico e para a Academia Brasileira de Letras. Na Academia, apesar da eleição ter ocorrido no dia 21 de setembro, somente sucederia Valentim Magalhães na Cadeira nº 7, três anos depois, no dia 18 de dezembro de 1906, sendo saudado por Sílvio Romero.

Em janeiro de 1904 foi nomeado engenheiro fiscal na Comissão de Saneamento da cidade de Santos, dirigida pelo ilustre Oswaldo Cruz. Em agosto do mesmo ano foi nomeado, pelo barão do Rio Branco, chefe da Comissão Brasileira de demarcação de fronteiras no alto Purus, no Amazonas, em decorrência do conflito entre Brasil e Peru a respeito do território do Acre. Partiu do Rio de Janeiro no dia 13 de dezembro de 1904 e chegou a Manaus no dia 30. Hospedado na casa do amigo e colega da Escola Militar, Alberto Rangel, aguardou

126 por três meses as instruções federais sobre os trabalhos da Comissão Mista Brasil-Peru. No dia 5 de abril de 1905 iniciou a sua jornada fluvial em direção às nascentes do Purus. No dia 23 de outubro de 1906, após seis meses e meio, a missão foi concluída.

Ainda em 1906 passou a trabalhar no Itamaraty e, em 1908, obteve aprovação no concurso para professor de Lógica do Colégio Pedro II. Nomeado, teve sua carreira interrompida prematuramente, com apenas 19 aulas ministradas. É que na manhã de 15 de agosto de 1909, foi morto na Estação de Piedade, Estrada Real de Santa Cruz, no Rio de Janeiro.

Euclides da Cunha oferece, a quem estuda sua vida e sua obra, aspectos que lhes conferem relevo extraordinário. Não apresentaremos aqui a extensa lista de seus escritos, mas não nos furtaremos de dizer que: em *Os Sertões* (1902), *Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana* (1906), *Peru versus Bolívia* (1907) *Contrastes e Confrontos* (1907), *À Margem da História* (1909), por exemplo, deixou a marca inconfundível do seu estilo, da objetividade das conclusões, derivadas sempre da observação direta da realidade vivenciada e das análises sérias e honestas de um escritor-pesquisador participante, comprometido com a verdade.

Nelas, retrata ao vivo a natureza física, dando intensidade às notas, sem prejudicar a veracidade dos fatos e a qualidade dos fenômenos; descreve a terra, os ares, os rios, a floresta e os sertões, as secas, as cheias, as trovoadas, as labutações dos homens. Mas não é apenas a natureza física que tem o condão de arrancar da pena do escritor imagens que são quase fotografias. As índoles individuais moldadas nos ambientes, as festas, os sofrimentos, os costumes, as crenças, os tipos étnicos, os caracteres das coletividades, os vincos deixados nas almas pela atmosfera social são reproduzidos com firmeza e são, a meu ver, “mais meritórios, porque mais difíceis de retratar”.

#### — DOS SERTÕES À AMAZÔNIA

O Sertão e a Amazônia são os polos de atração de Euclides da Cunha. Neles caminhou, experienciou e anotou em tempos distintos e espaços diversos o que viu, sentiu e ouviu em Canudos, no Nordeste, de-

pois no Norte, na Amazônia. Nas suas errâncias, inscreveu a sua inconformidade com o mundo que conheceu. E como exemplo aos de seu tempo, dos tempos de hoje e de amanhã, deixou sua marca de talento e de coragem. Em *Os Sertões*, resultado do trabalho em Canudos, eis o sertão e o sertanejo. Em *À Margem da História*, produto do seu trabalho e estudos na Amazônia, eis a Amazônia e o amazônida.

## OS SERTÕES

Sua obra-prima, *Os Sertões*, é composta de três partes: A Terra, O Homem e a Luta. Nele, ao descrever o sertão, o sertanejo e a luta de Antonio Conselheiro e seus adeptos, em Canudos, Euclides o faz abordando os mais variados aspectos. Ao tratar da terra, especialmente do espaço que vai do São Francisco à serra do Mar, nos fala do seu isolamento, do fenômeno desolador das secas sem-fim, dos poucos recursos que a natureza concedeu ao sertanejo, concluindo que se trata de “Terra Ignota”, de formação geológica ainda não estudada.

Da geologia Euclides aventura-se no estudo da flora como elemento expressivo das condições geológicas de um lugar. Destaca a influência e a importância das caatingas para o viajante, especialmente o tamarineiro raquítico e o umbuzeiro frondoso. O frondoso umbuzeiro, diz ele,

*é a árvore sertaneja por excelência, único amigo dos viajantes e dos jagunços a lhes oferecer sombra preciosa nos eternos verões escaldantes. [...] É a árvore sagrada do sertão. Sócia fiel das rápidas horas felizes e longos dias amargos do vaqueiro (Euclides, 1905).*

Na segunda parte, colocando entre parênteses a terra para falar do homem, do homem sertanejo, afirma que o martírio do homem, ali, é o reflexo de tortura maior, mais ampla, abrangendo a economia geral da vida que nasce do martírio secular da Terra. Retratando o vaqueiro, figura representativa do sertão, afirma:

*Não há a contê-lo, então, no ímpeto. Que se lhe antolhem quebradas, acervos de pedras, coivaras, moitas de espinhos ou barrancas de ribeirões,*

nada lhe impede encalçar o garrote desgarrado, porque por onde passa o boi passa o vaqueiro com seu cavalo... Colado ao dorso deste, confundindo-se com ele, graças à pressão dos jarretes firmes, realiza a criação bizarra de um centauro bronco (Idem).

Da luta, cujo principal protagonista foi Antonio Conselheiro, o beato cuja influência sobre os jagunços se transformou “numa ameaça séria ao governo federal e à segurança do país” e para ser dominada foi necessário a mobilização do exército nacional, ficaremos aqui com parte do seu dramático relato das últimas horas de Canudos quando afirma ser impossível aos jagunços resistirem por muito tempo porque, de toda a população do arraial,

*restavam numa cava quadrangular, de pouco mais de um metro de fundo, ao lado da igreja nova, uns vinte lutadores, esfomeados e rotos predispostos a um suicídio formidável. [...] Lá estavam em maior número os mortos, alguns de muitos dias já enfileirados ao longo das quatro bordas da escavação formando um quadrado assombroso, dentro do qual uma dúzia de moribundos combatiam contra um exército. [...] Aprumavam-se sobre o fosso e sopeava-lhes o arrojo o horror de um quadro onde a realidade tangível de uma trincheira de mortos, argamassada de sangue e esvurmando pus, vencia todos os exageros da idealização mais ousada. E salteava-os a atonia do assombro... (Idem).*

Apesar de tudo, Canudo não se rendeu, afirma Euclides finalizando a sua narrativa. A coragem daquele povo liderado pelo beato é um exemplo vivo para todas as gerações, das desigualdades sociais do nosso imenso Brasil, que persistiam e, segundo pensamos, ainda persistem, por imposição e força das camadas dominantes.

*Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento completo. [...] caiu no dia 5 de setembro de 1897, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raiosamente cinco mil soldados (Idem).*

Na continuidade de sua narrativa, afirma: *Caiu o arraial no dia 5. No dia 6 o destruíram completamente derrubando as 5.200 casas, cuidadosamente contadas. O cadáver do Conselheiro que jazia num dos casebres anexos à latada foi encontrado sob uma breve camada de terra, envolto em um lençol. Vestia o velho hábito azul de brim americano, mãos cruzadas ao peito, rosto esquelético, olhos fundos e cheios de terra. Desenterraram cuidadosamente o precioso troféu e o fotografaram. Restituíram-no à cova. Exumaram-no de novo para cortar-lhe a cabeça e levá-la para o litoral, onde diante dela deliravam multidões em festa...*

#### A AMAZÔNIA

Na Amazônia Euclides viu um novo Brasil. Um Brasil em que a mestiçagem étnica afirmava a presença do homem na terra e sua vitória sobre o meio. Duzentos e cinco dias de viagem por entre rios e florestas enfrentando a fase aguda do verão, com as sequelas do rio seco a expedição sobreviveu quase que heroicamente. Viveu dias de extrema penúria: fome, naufrágios, impaludismo, beribéri, experiências dramáticas e enfermidades de toda sorte. A tudo resistiu para realizar com êxito a missão fazendo observações, estudos e juízos das regiões percorridas e uma síntese enfeixando-lhes os aspectos predominantes.

A Amazônia, apresentada em *À margem da História*, é para Euclides da Cunha

*um paraíso perdido que esconde-se em si mesma e só aparece aos poucos, vagarosamente, torturantemente. É uma grandeza que exige penetração sutil dos microscópios e a visão apertadinha e breve dos analistas; é um infinito que deve ser dosado (Cunha, 1999).*

Em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, em dezembro de 1906, narrando o seu primeiro encontro com o rio Amazonas, nos diz:

*Entrei pela primeira vez naquele estuário do Pará, 'que já é rio e ainda é oceano', [...] Mas contra o que esperava não me surpreendi... Afinal, o*

que prefigurara grande era um diminutivo: o diminutivo do mar, sem o pitoresco da onda e sem os mistérios da profundura. Uma superfície líquida, barrenta e lisa, indefinidamente desatada para o norte e para o sul, entre duas fitas de terrenos rasados, por igual indefinido, sem uma ondulação ligeira onde descansar a vista. [...]

Ao revés da admiração ou do entusiasmo, o que sobressalteia geralmente diante do Amazonas, é antes um desapontamento. [...] ao defrontarmos o Amazonas real, vemo-lo inferior à imagem subjetiva há longo tempo prefigurada. Além disso, sob o conceito estreitamente artístico... é de todo em todo inferior a um sem-número de outros lugares do nosso país. Toda a Amazônia, sob este aspecto, não vale o segmento do litoral que vai de Cabo Frio à ponta do Munduba. É, sem dúvida, o maior quadro da terra; porém chatamente rebatido num plano horizontal. Nada mais. [...]

Calei um desapontamento; e no obstinado propósito de achar tudo aquilo prodigioso, de sentir o másculo lirismo de Frederico Hartt ou as impressões 'gloriosas' de Walter Bates, retrai-me a um recanto do convés e alinhei nas folhas da carteira os mais peregrinos adjetivos, os mais roçagantes substantivos e refulgentes verbos com que me acudiu um caprichoso vocabulário... para ao cabo desse esforço rasgar as páginas inúteis onde alguns períodos muito sonoros bolhavam, empolando-se, inexpressivos e vazios (Cunha, 1906).

E prossegue a sua narrativa, mas dessa vez refazendo a sua primeira impressão:

Na antemanhã do outro dia – um daqueles glorious days de que nos fala Bates, subi para o convés de onde, com olhos ardidos de insônia, vi, pela primeira vez, o Amazonas... Salteou-me, afinal, a comoção que eu não sentira. A própria superfície lisa e barrenta era mui outra. Porque o que se me abria às vistas desatadas naquele excesso de céus por cima de um excesso de águas, lembrava (ainda incompleta e escrevendo-se maravilhosamente) uma página inédita e contemporânea do Gênesis.

Compreendi o ingênuo anelo de Cristóvão: a grande rio devera nascer no Paraíso. Atentei outra vez nos baixios indecisos, nas ilhas ou pré-ilhas meio diluídas nas marejadas – e vi a gestação de um mundo. O que se me

O seu encontro com a cidade e os habitantes de Manaus foi expresso numa carta endereçada a Afonso Arinos, em dezembro de 1904. Diz ele:

*Felizmente a gente é boa. Em que pese o cosmopolitanismo desta Manaus, onde em cada esquina range o português emperrado ou rosna rispidamente o inglês e canta o italiano – a nossa gente ainda os suplanta com as suas belas qualidades nativas do coração – e certo, uma das minhas impressões de sulista está no perceber que o Brasil ainda chega até cá (Cunha, 1998).*

Ao retornar a Manaus após seis meses e meio de viagem, Euclides faz em entrevista ao *Jornal do Comércio*, em Manaus, no dia 29 de outubro de 1905, uma breve narrativa sobre os fazeres da missão que envolveu observações, estudos e um juízo claro, pronto e de conjunto das regiões atravessadas e uma síntese enfeixando-lhes os aspectos predominantes, relegando para indagações ulteriores e pormenorizadas todas as outras faces, numerosíssimas, que vão numa complexidade crescente, do simples fato astronômico da determinação das coordenadas às manifestações variadíssimas da vida.

Após dizer dos problemas enfrentados para realizar a missão, começa a sua narrativa dizendo:

*Íamos em canoas, e se considerardes que os seus tripulantes empunhavam, pela primeira vez, os varejões e os remos... ajuizareis de todo o nosso desapontamento e quase desânimo com a nossa marcha de três a quatro milhas diárias e o desmedido da distância a percorrer... estas coisas foram melhorando em marcha. O soldado ou o trabalhador bisonho pouco a pouco se transmudou no varejador desempenado, e a observação persistente do regime das águas esclareceu os proeiros no se desviarem dos sucessivos obstáculos, de sorte que fomos atingindo celeremente as principais escalas do roteiro... (Cunha, 1905).*

132 Ao fim, após superar os inúmeros e grandiosos obstáculos, a missão atinge o ponto culminante do Ucaiale:

*Ali os nossos olhos deslumbrados abrangiam, de um lance, três dos maiores vales da Terra; e naquela dilatação maravilhosa dos horizontes, banhados no fulgor de uma tarde incomparável, o que eu principalmente distingui, irrompendo de três quadrantes dilatados e trancando-os inteiramente ao sul, ao norte e a leste – foi a imagem arrebatadora da nossa pátria que nunca imaginei tão grande (Idem).*

Ainda em *A Terra sem História*, ao traçar um retrato da Amazônia, Euclides irá afirmar que a natureza ali, apesar de portentosa, é ainda incompleta, uma construção fenomenal a que falta toda a decoração interior. Um mundo revoltado ainda em formação e “sem história”, “a Amazônia tem tudo e falta-lhe tudo”. Naquela natureza anfíbia, misto de águas e de terra, parece existir alguma coisa extraterrestre. As gentes que a povoam não a cultivam, domam-na. O recém-vindo do Sul sente-se deslocado no espaço e no tempo; assombra-se ao mesmo tempo com a face desconhecida da paisagem e o quadro daquela sociedade de caboclos titânicos extraviado num recanto da floresta, arredio da cultura humana e num desvão obscurecido da história.

Da fauna e da flora, vislumbrando a mesma imperfeita grandeza, nos diz:

*Nos meio-dias silenciosos – porque as noites são fantásticamente ruidosas –, quem segue pela mata, vai com a vista embotada no verde-negro das folhas, deparando-se, de instante em instante, com os fetos arborescentes tem a sensação angustiosa de um recuo às mais remotas idades. [...] Na fauna singular e monstruosa imperam os anfíbios e quem segue pelos longos rios não raro encontra as formas animais que existem, imperfeitamente, como tipos abstratos ou simples elos da cadeia evolutiva (Cunha, 1999).*

E o rio, o rio Amazonas com suas águas barrentas que através do permanente assalto de suas poderosas correntezas, carrega em direção

*o menos brasileiro dos rios. É um estranho adversário, entregue dia e noite à faina de solapar a sua própria terra. É o efeito maravilhoso de uma espécie de imigração telúrica [onde a terra] abandona o homem e vai em busca de outras latitudes (Idem).*

E continua mais adiante:

*A inconstância tumultuária do rio retrata-se ademais nas suas curvas infundáveis, recordando o roteiro indeciso de um caminhante perdido, a esmar horizontes, volvendo-se a todos os rumos arrojando-se em 'furos' para afluir nos seus grandes afluentes. Sempre desordenado, revoltado e vacilante; destruindo e construindo, reconstruindo e devastando, apaga numa hora o que erigiu em decênios com a ânsia, com a tortura, com o exaspero de monstruoso artista incontestável, a retocar, a refazer e a recomeçar perpetuamente um quadro indefinido... Tal é o rio; tal a sua história: revolta, desordenada, incompleta (Idem).*

E o homem? Em Euclides da Cunha, o homem da Amazônia

*é ainda um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido – quando a natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão. E encontrou uma opulenta desordem... E mesmo os rios ainda não se firmaram nos leitos; parecem tatear uma situação de equilíbrio divagante contorcidos em sacados e furos [...] sem que se saiba se tudo aquilo é uma fluvial ou um mar profusamente retalhado de estreitos (Idem).*

O homem amazônico, este intruso impertinente e insubmisso, representado ali não pelo índio, primeiro habitante, mas pelo seringueiro sedentário e o cauchero nômade, em especial os do Purus, Javari e Juruá, por serem eles os maiores responsáveis pela dilatação das nossas fronteiras, razão da missão de Euclides na Amazônia, em vez de senhorear a terra, escraviza-se ao rio.

Nas suas relações de produção, o seringueiro realiza, segundo o escritor, uma profunda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se. Quase sempre vindo do Nordeste, expulso pelas secas, já chega ao seringal devendo. E permanece devedor por toda a vida. É um expatriado dentro da própria pátria. O seu trabalho, desde o primeiro golpe da machadinha, está destinado a saldar uma dívida que se avoluma. Nesse ponto, a exploração da seringa é pior que a do caucho. Impõe um isolamento onde o homem é constrangido a caminhar a vida inteira na mesma estrada, como seu único transeunte – partindo, chegando e partindo – nas voltas de um círculo encarcerado de uma prisão sem muros. O seringueiro é, obrigatoriamente, profissionalmente, um solitário.

Mas a despeito do incorreto e do vício do povoamento e da vida, a sociedade recém-chegada aclima-se e progride:

*O primitivo explorador vai, afinal, ajustando-se ao solo sobre o qual pisou. Suas barracas desafogam-se nas derrubadas; e já nas praias, que as vazantes desvendam, já nos firmes, a cavaleiro das cheias, se delineiam as primeiras áreas cultivadas. [...] As casas se ampliam em verdadeiras vilas a demonstrar o domínio e a posse definitiva (Idem).*

O cauchero, aventureiro sertanista que vive da extração da caucho – goma elástica concorrente com a seringa – nos pontos remotos do Javari, Juruá e Purus, diferente do seringueiro, é forçosamente um nômade votado ao combate, à destruição, a uma vida errante ou tumultuária, porque a castilho elástica, que lhe fornece a borracha, não permite como a seringueira, uma exploração estável. Por ser muito sensível, se golpeada, morre ou definha por longo tempo.

Para a colheita da goma elástica, ela é derrubada e cortada de metro em metro, da raiz até os galhos. É um processo rudimentar e rápido que em pouco tempo leva ao esgotamento o cauchal mais exuberante. Chegam, destroem e vão embora os estranhos civilizados. Chegam de arrancada para ferir e matar o índio e a árvore. Passando como uma vaga devastadora, estacionam apenas, o tempo necessário para que caia o último pé de caucho. E assim a região vai sendo desbravada.

Em “Judas Asvero”, escrito sobre a malhação do Judas nos rios da Amazônia, complementa a sua narrativa sobre o homem, dizendo:

*Certo, o redentor universal não os redimiu, esqueceu-os para sempre, ou não os viu talvez, tão relegados se acham à borda do rio solitário, que no próprio volver de suas águas é o primeiro a fugir, eternamente, àqueles tristes e desfrequentados rincões. [...] pois ele, seringueiro, é um excomungado pela própria distância que o afasta dos homens, a ponto de os grandes olhos de Deus não poderem alcançar aqueles brejais (Idem).*

#### — ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Eis um pouco de Euclides, um breve resumo de um brasileiro do centro-sul do país que soube integrar-se a outras paragens (Nordeste e Amazônia), vivenciá-las e, através de suas percepções e análises, retratá-las o mais fielmente possível. Nas suas obras, nas suas narrativas, eis o sertanejo e o amazônida – considerados por muitos, muitos que desconheciam e ainda desconhecem as condições naturais e sociais oferecidas ao homem daquelas e dessas paragens, como tipos humanos indolentes – transfigurados na precisa hora, em verdadeiros gigantes.

A visão geográfica e humana que Euclides da Cunha nos oferece do Nordeste e da Amazônia, esta subjugada pelos rios, aquela pelo sertão, se nos apresenta como um retrato vivo, uma tela perfeita daquelas realidades. Nas suas obras não se limita em estampar em páginas colossais o drama dos brasileiros em Canudos e na Amazônia. Preocupa-se em revelar com acerto as linhas dominantes do drama humano naqueles brasis, apresentando com traços firmes as múltiplas faces que compõem a identidade e a singularidade das duas regiões e de suas gentes. Tanto em *Os Sertões* quanto em *À Margem da História* a díade é a mesma, a terra e o homem. A terra e o homem porque, no fundo, como nos diz Reale, é o problema do homem, do homem brasileiro que o persegue em todos os seus trabalhos.

CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Caderneta de Campo*. São Paulo: Cultrix, 1975.

\_\_\_\_\_. *80 Anos: Euclides da Cunha na Amazônia*. São Paulo: ADL Gráfica Editora, 1985.

\_\_\_\_\_. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1905.



# — Reflexões sobre o Cinema<sup>1</sup>

LUIZ MIRANDA CORRÊA

Queiramos ou não, cinema é indústria e depende do mercado. Agora mesmo vemos a lei da oferta e procura funcionar. Mais de cem filmes, na prateleira da Embrafilme e em mãos de produtores independentes, oferecem possibilidade de escolha aos exibidores. É claro que os donos de cinemas exercem seu direito de opção escolhendo as produções que lhes pareçam mais comerciais. Afinal de contas investiram muito dinheiro para equipar essas salas, continuando com as despesas fixas do negócio. Sendo empresários, querem ganhar o máximo possível. São as leis de mercado do mundo ocidental, capitalista, e não podemos fugir delas. Por mais que os defensores do cinema como meio de expressão de alta cultura se revoltem, as produções tipo *A Dama do Lotação* estão aí, mantendo-se semanas a fio nos cinemas principais de quase todas as cidades brasileiras, sucesso que vêm depois de *Xica da Silva*, de *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, de Lúcio Flávio, e de *Barra Pesada*. Se o povo quer, os exibidores mostram e os produtores correm atrás do filão. Sempre foi assim no cinema norte-americano e, em menor escala, no cinema europeu.

Não vejo nada errado em um filme ser consagrado popularmente. Cineasta que insiste em dizer que filme comercial não é bom está procurando desculpas por não saber se comunicar com o grande público. Seria o mesmo que Chico Buarque de Holanda compor músicas – ou Gil, Caetano, Jorge Ben – para ninguém tocar, ou Jorge Amado escrever para ninguém ler. Somos brasileiros e temos de fazer filmes para o público brasileiro, pois o público internacional rejeita nosso produto, principalmente porque ainda não temos infraestrutura que nos permita competir com a qualidade industrial dos filmes norte-americanos. E para entrar no mercado mundial, qualidade, mesmo uma qualidade imposta pelas multinacionais do cinema, é

1. Publicado em *Filme Cultura* nº 29, maio, 1978, *Embrafilme*

138 mais do que importante. É necessária. Um público selecionado pode prescindir dela, mas o grande público, acostumado à tradição tecnológica da produção internacional e principalmente norte-americana, não abre mão. O exemplo que nos vem dos países socialistas comprova meu pensamento.

No entanto, o cinema-cultura é da maior importância, desde que cinema é dos maiores meios de comunicação e mesmo de formação de opinião pública. Mas no Brasil o cinema cultural só poderá sobreviver com amplo apoio do Estado. Apoio que existe no setor dos curtas-metragens desde o tempo do Instituto Nacional do Cinema e que continua a existir por meio do Departamento do Filme Cultural da Diretoria de Operações Não Comerciais da Embrafilme. Aliás, a Embrafilme não tem negado apoio a longas-metragens comprometidos culturalmente.

*Diamante Bruto e Abismo*, somente para citar duas recentes produções, foram parcialmente financiados pela empresa estatal. Mas é óbvio que, sendo uma empresa, terá de acusar lucro, e portanto seus financiamentos a filmes de difícil retorno serão sempre menores que os concedidos a produções comerciais. Se a Embrafilme for eternamente deficitária, não terá condições de coproduzir ou financiar.

Parece-me profundamente estéril a discussão entre teóricos e práticos do cinema nacional a esse respeito. É claro que, como produtor e mais recentemente como realizador, gostaria de colocar na tela filmes que refletissem ou criticassem os problemas sociais do Brasil. Mas para sobreviver, terei, também, de fazer as necessárias concessões ao público e buscar a qualidade consagrada pelo público que pode, até, ser prescindível quando o filme apresenta uma criatividade excepcional ou trata de assuntos inerentes ao subdesenvolvimento. Por outro lado, muitos são os teóricos que pregam um cinema subdesenvolvido para um público subdesenvolvido, o que me faz perguntar se isso não será atitude tão fascista quanto a de exigir um cinema de qualidade técnica internacional sem maior conteúdo.

Creio, também, que o atual estágio do cinema brasileiro reflete o estágio cultural e mesmo o desenvolvimento, como um todo, do Brasil. Somos um país contraditório, com regiões socioeconômicas às vezes conflitantes. Tirando a realidade do futebol, nada mais dife-

rente de um amazonense do que um gaúcho. Talvez seja a razão de vermos o sucesso de um Teixeirainha no extremo sul do Brasil, o delírio dos paulistas e outros sulistas por um Mazzaropi. Serão filmes bons ou maus? Acho difícil dizer, pois acima de tudo é quase impossível, se não fascista, dizer o que é bom e o que é mau. Será ruim ou péssimo para mim. Será maravilhoso para milhões de brasileiros. E se é bom para tantos brasileiros, não será um bom filme?

Acho que o filme brasileiro sempre manteve um certo diálogo com seu público. Através dos anos, as comédias e as chanchadas produzidas no Rio e em São Paulo, principalmente pela velha Atlântida, arrastaram milhões de espectadores às salas de exibição. Eram boas? Eram más? Difícil a resposta. Na verdade, filmes como os de carnaval, ingênuos a seu modo, refletiam o estágio cultural da classe média daquela época. Alienados com certeza, esses filmes, finalmente, deixaram de ser produzidos, talvez como imposição das novas preocupações do brasileiro médio. Enquanto existiu mercado, os carnavais do fogo foram rodados, exibidos sem maiores problemas e resultaram em sucessos comerciais. Para mim, o ciclo da chanchada, se nenhum outro mérito tivesse, teria o de ter assegurado a sobrevivência do cinema brasileiro e a formação de técnicos que até hoje são o sustentáculo da produção comercial e artística.

É indiscutível o valor do Cinema Novo. Foi ele quem deu, com Glauber Rocha, Néelson Pereira dos Santos, Cacá Diegues, Gustavo Dahl, Roberto Farias e tantos outros, dignidade à nossa produção e passou a preocupar-se com a realidade social do Brasil. Mas também me parece claro que, com raras exceções, esses filmes, muitas vezes intelectualizados, quando não herméticos, só atingiam um pequeno número de intelectuais das grandes cidades, ou universitários, estes últimos também preocupados com os problemas socioeconômicos do país. Para o grande público, permaneceram distantes, frios, quando não incompreensíveis, ou, pelo menos, de difícil leitura.

Hoje existem as mais variadas tendências em nossa produção. Filmes preocupados em interpretar as diversas realidades brasileiras, comédias digestivas, pornochanchadas, superproduções, filmes autorais refletindo, muitas vezes, as inquietações pessoais de seus realizadores. O que restará de tudo isso? Humildemente creio que o

140 público decidirá, como decide na Inglaterra, na França, na Itália e nos Estados Unidos. Nós, e agora falo mais como produtor, teremos de nos submeter ao julgamento popular ou fracassar tentando impor ideologias que, por mais bem-intencionadas que sejam, terão cheiro do mofo nazifascista. O cinema brasileiro sobreviverá como a maioria dos brasileiros decidir, pelo menos enquanto nossa estrutura atual permanecer. A não ser que o Estado resolva transformar a produção em um veículo didático ou de discussão de teses. E mesmo assim me pergunto: E o povo?”.

## — A motivação política na fundação do Clube da Madrugada<sup>1</sup>

ZEMARIA PINTO

A história da literatura amazonense começa em 1954, com o Clube da Madrugada: tínhamos, antes, apenas manifestações esparsas. Há evidências de que a motivação primordial para a criação do Clube foi política. Entre o final do século 19 e meados do século 20, toda a América Latina, o Brasil incluso, se movimentava no sentido de adequar-se esteticamente ao mundo civilizado. Manaus, mais do que isso, precisava de uma adequação mental, um rompimento violento com o passado – estético e político –, pois a *débâcle* da borracha provocara um desconcerto na vida intelectual da cidade, estagnada ao longo de 40 anos. Para que possamos demonstrar que, na criação do Clube, o político sobrepôs-se ao estético, algumas respostas são imprescindíveis: o que levou aqueles rapazes a criar o Clube? Qual o meio ambiente em que eles circulavam – familiar, de estudos, político, estético? Qual era o seu comprometimento ideológico com o que acontecia em Manaus, no Brasil e no mundo? Em que medida teria sido o Clube o motor desse desejado rompimento?

1. A história do Clube da Madrugada ainda está por ser escrita. Des-tes cinquenta e cinco anos que nos separam de sua fundação, as sombras começam a tomar formas, porém continuam sombras. Algumas respostas precisam ser buscadas para, uma vez compiladas, montar-se um panorama histórico o mais próximo possível de uma realidade plausível, distante de quaisquer vaidades pessoais. Mas só obteremos respostas se fizermos as perguntas adequadas. Começo me perguntando: afinal, por que Clube? Eu jamais aceitei que um grupo que se propunha de vanguarda se autodenominasse “clube”. Sempre me pareceu extremamente conservador. E “madrugada” guardaria um

1. Comunicação apresentada pelo autor no 1 Colóquio Poéticas do Imaginário, em Manaus, de 12 a 14 de maio de 2009.

2. Após a rendição da Alemanha e a destruição de Hiroshima e Nagasaki, a disputa entre o eixo e os aliados, que ensombrara o futuro da humanidade na primeira metade dos anos 1940, é substituída por uma outra disputa, que se estende por quatro décadas, tão estúpida e ameaçadora quanto a anterior: uma intensa guerra econômica, diplomática e tecnológica pela conquista de zonas de influência, dividindo o mundo em dois blocos, com sistemas econômico e político opostos – o capitalista-democrático, sob a liderança dos EUA, e o comunista-ditatorial, encabeçado pela URSS. Paira sobre a Terra a ameaça de uma devastadora guerra nuclear. Em 1954, a URSS também já dominava a tecnologia nuclear. E os EUA, um passo à frente na ciência do extermínio, já explodiram seu primeiro artefato de hidrogênio, a nefasta bomba H.

No Brasil, 1954 é marcado pelo suicídio de Getúlio Vargas, o ditador que voltara nos braços do povo. Seu novo governo, iniciado três anos antes, baseado em uma forte propaganda interna de cunho nacionalista e em uma obscena política de caráter populista, realiza obras essenciais ao estágio histórico que o país alcançara – em grande parte, é verdade, graças aos avanços sociais proporcionados pela ditadura do autoproclamado “pai dos pobres”, um passo decisivo em relação aos governos da oligarquia paulista-mineira da política do “café com leite”, que só tinham olhos para uma fração do país. O BNDE, a Eletrobras e a Petrobras são frutos dessa política ancorada num sindicalismo poderoso e sabidamente corrupto, que leva os conservadores da UDN,<sup>2</sup> liderados por Carlos Lacerda, a lançar contundentes provocações, exigindo a renúncia do presidente. Mergulhado num “mar de lama”, acusado de atentar contra a vida do próprio Lacerda, Getúlio dá um xeque-mate nos udenistas, provocando, com seu suicídio, o enterro político provisório daquele grupo, que só assumiria o poder em 1964, com o golpe militar, sob a capa da malfadada Arena. Mas essa é uma outra história.

2. União Democrática Nacional, partido conservador, de extrema direita, sempre próximo a militares golpistas. Para melhor compreensão, fazendo-se uma analogia, é o Democratas (ex-PFL) de hoje.

3. No Amazonas, o dócil Álvaro Maia, que fora interventor federal de Getúlio por dez anos, entrava no último ano do seu terceiro período de governo. Manaus carecia de alguns indicadores de civilidade. A energia elétrica precária era a mesma instalada pelos ingleses na última década do século 19, não alimentando mais que algumas poucas ruas do Centro.<sup>3</sup> Saneamento básico era um conceito que desaparecera com a abundância do início do século. A água encanada não chegava aos bairros mais distantes, havendo-se o povo com cimbais ou diretamente dos igarapés. O racionamento de víveres não era incomum, pois o transporte fluvial, complexo e precário, era sobretudo incerto. As comunicações davam-se por rádios e jornais, menos para informar e mais para distrair o povo e promover seus patrocinadores políticos. Os jovens divertiam-se nos cinemas, com os entulhos hollywoodianos. E havia em Manaus três papelarias-livrarias, alimentando-os com “as últimas novidades do sul”, que chegavam com anos de atraso.

Terminados os estudos médios, restava àqueles jovens a velha Faculdade de Direito, única sobrevivente da Universidade Livre de Manaus, que fora, em 1909, a primeira universidade brasileira. No prefácio da *Pequena Antologia Madrugada*, Jorge Tufic, citando Djalma Batista, refere-se ao “êxodo anual” dos moços que se vão em busca de oportunidades além daquelas que Manaus escassamente lhes oferecia. Era o que lhes restava à escolha entre tornar-se mais um bacharel ou parar de crescer intelectualmente, o que vinha a dar no mesmo.

A literatura que se praticava então no Amazonas era reflexo do atraso e da indigência de sua organização político-social. Na prosa, a grande referência, unânime e inquestionável, era Euclides da Cunha, que por aqui passara, fulgurante, em 1905. É bem verdade que Coelho Neto ainda encontrava eco, mas sua popularidade já estava em franca decadência. Tributários do Parnasianismo, do Simbolismo e do Romantismo, escolas que o Modernismo tornara anacrônicas havia mais de trinta anos, os poetas do Amazonas, salvo raríssimas exceções, tinham a cabeça na Grécia e os pés na França. Nas escolas, não se ensinavam senão os autores considerados clássicos, dentro de um cânone arbitrado pelo que havia de mais conservador em termos de

3. O período áureo da borracha estende-se do início da década de 1870 até 1912, quando entra em rápida decadência. Manaus viveu cerca de quarenta anos de fausto inigualável, sendo chamada de “Paris dos trópicos”. Mas é preciso lembrar que a Segunda Guerra Mundial viria dar um breve ânimo à combalida economia local, fazendo com que a exportação de borracha ensaiasse uma recuperação, para, logo após o fim do conflito, voltar à estagnação.

conhecimentos literários. Octavio Sarmiento, Pereira da Silva e Violeta Branca não fizeram escola.<sup>4</sup>

No Brasil, a chamada “Geração de 45” ditava as regras na poesia, virando o Modernismo pelo avesso. João Cabral de Melo Neto, cronologicamente o nome de maior peso dessa geração, jamais fez parte dela porque, a rigor, afora o seu notório formalismo, nunca foi fiel a seus princípios. Enquanto isso, Bandeira e Drummond, os velhos modernistas, eternizavam-se, como novos clássicos. Em 1954, a grande novidade foi o aparecimento do maranhense Ferreira Gullar, com *Luta Corporal*. O movimento concretista, que só viria a ganhar nome e renome em 56, começava a dar os primeiros passos, por meio da revista *Noigrandes*, cujo primeiro número aparecera em 52. Gullar e os concretistas estavam na contracorrente da geração de 45. Na prosa, o romance neorrealista, também chamado tolamente de “romance nordestino”, surgido na década de 1930, era a principal referência. Em 1954, Clarice Lispector e Guimarães Rosa, que viriam iluminar a ficção brasileira na segunda metade do século, eram meras promessas.

É importante observar que o movimento modernista espalhara-se por toda a América Latina, polarizando a necessidade de crescimento estético com a inevitável mudança na abordagem social. Não era apenas um fenômeno brasileiro, a macaquear as vanguardas europeias e/ou americanas, mas um acontecimento que se espalhava por todo o continente, do México à Argentina. Ángel Rama, em ensaio sobre a narrativa latino-americana, afirma que:

*O desacordo entre os planos – artístico e social – impunha a correção dos padrões literários, para que obedecessem ao ditame da nova realidade. Com isso, esta voltava a instaurar-se como mestra da criação: a cidade moderna era agora para os vanguardistas o que fora a natureza para os pré-românticos. Não apenas a cidade mecânica dos futuristas, que mal alvorecia na América Latina, mas principalmente esse instante de mudança representado pela conjunção de setores sociais díspares, pela violenta aproximação entre as tradições e as novas estruturas urbanas, pelo debate que se havia introduzido nos segmentos médios da sociedade cujo poder era reivindicado ou estava em vias de se consolidar.<sup>5</sup>*

4. Esses três autores são as principais referências modernistas na literatura amazonense, embora, especialmente os dois primeiros, guardem conexões muito fortes com o movimento romântico. Importa é que a obra deles destaca-se, por contraste, com o ordinário da produção local. Octavio Sarmiento: *A Ujara* (1922 /2007); Pereira da Silva: *Poemas amazônicos* (1927); Violeta Branca: *Ritmos de inquieta alegria* (1935).

5. Meio Século de Narrativa Latino-americana (1922-1972).

Se tomarmos Manaus como parte integrante desse universo, é muito natural acreditar que, apesar do isolamento, seus jovens intelectuais fossem assaltados pelos mesmos temores, dúvidas e desejos – aquilo que Hegel, a partir de Herder, chamou de “espírito do tempo”: a confluência de pensamentos e ações numa determinada época, em determinada área geográfica. O anseio pela mudança contagiava o Ocidente. Desde a *débâcle* da borracha, Manaus mergulhara num período de caos econômico e social, ao mesmo tempo em que a elite cultural mantinha-se ainda ligada à *belle époque*. Fundamentais para a compreensão da época são os grêmios literários. Havia pelo menos meia dúzia deles, funcionando atrelados aos colégios<sup>6</sup> ou independentes,<sup>7</sup> reunindo aqueles que, anos depois, viriam a se constituir na elite dirigente do Estado. A função desses grêmios era estudar livros e autores e preparar seus membros para concursos de oratória, muito comuns à época – tanto quanto entre os gregos da antiguidade clássica e os europeus da Idade Média, que consideravam a Retórica uma das sete artes liberais.

4. Um novo grêmio passa a tomar forma no porão da casa nº 239, da rua Dr. Moreira, onde morava o jovem pintor, poeta e seresteiro Anísio Mello. Os frequentadores da entidade sem nome encontraram-se rotineiramente, provavelmente fazendo o mesmo que os grêmios formalizados faziam, entre 1949 e 1952, quando Anísio aderiu ao êxodo anual e tomou o rumo do sul. Era o núcleo fundador do Clube da Madrugada, segundo testemunha um de seus participantes, o poeta Jorge Tufic: Alencar e Silva, Guimarães de Paula, Farias de Carvalho e Antísthenes Pinto, entre outros. Cumprindo o que determinava a praxe da época, quatro daqueles jovens poetas decidem viajar pelo Brasil para conhecer outros ares. Pretendem, na verdade, ir até o Rio de Janeiro, o centro cultural do país. Acabam indo até Porto Alegre. Entre 1951 e 1952, Jorge Tufic, Antísthenes Pinto, Farias de Carvalho e Alencar e Silva conhecem o que de melhor lhes havia sido até então negado. Em 1953, o grupo que compôs a “caravana”, acrescido de Guimarães de Paula, empreende nova viagem, dessa vez começando por Belém, cuja realidade era muito mais próxima à nossa: ali, nomes como Benedito Nunes, Rui Barata, Max Martins e Mário Faustino já

6. O Colégio Pedro II, o Estadual, e o Instituto de Educação do Amazonas, o IEA, eram os principais colégios da cidade. Abrigavam, respectivamente, os grêmios Plácido Serrano e Marciano Armond.

7. Grêmios Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Heliodoro Balbi e SAEL – Sociedade Amazonense de Estudos Literários.

146 estavam bem adiantados no processo de rompimento com o atraso. A caminho do Rio de Janeiro, passaram ainda por Fortaleza e Recife, sempre mantendo contato com os jovens progressistas dessas cidades. Jorge Tufic, no livro que escreveu acerca dos 30 anos do Clube, fixa muito bem o que vai no espírito daqueles empreendedores:

*Assim, revigorados pela ressonância interior que lhes vinha desses bras-  
is profundamente idênticos na sua humanidade e no seu lirismo, o reen-  
contro com a gleba resultaria, mais adiante, na sua efetiva participação  
num movimento cultural nascido para agitar, sacudir, subverter e reno-  
var toda uma ordem de valores.*

Mas aqueles componentes da “caravana” não teriam feito o Clube da Madrugada sozinhos. Toda a historicidade a que nos referimos exi-  
gia de quem pretendia fazer uma revolução muito mais que o co-  
nhecimento a respeito de teoria literária e da evolução por que passara  
a literatura nos últimos cinquenta, sessenta anos. Fundado a 22 de  
novembro de 1954, o Clube da Madrugada tem pretensões muito mais  
amplas, de reformas políticas, sociais e comportamentais que tra-  
riam as reformas estéticas em seu bojo, naturalmente. É o que se abs-  
trai do manifesto divulgado um ano depois da fundação do Clube.  
Mas não nos adiantemos.

Na obra citada, Jorge Tufic relaciona os presentes à fundação do  
Clube, quando “amanhecia o 22 de novembro de 1954”: Luiz Bacellar,  
Farias de Carvalho, Saul Benchimol, Francisco Ferreira Batista, José  
Pereira Trindade, Humberto Paiva, Theodoro Botinelly, Celso Melo,  
Fernando Collyer e João Bosco Araújo. Dois nomes apenas ligados à  
literatura de imaginação – Bacellar e Carvalho. Discutiam sobre a for-  
mação de um grupo que funcionasse sem protocolo, sede ou regula-  
mento de qualquer espécie. Um anticlube, portanto. A sugestão de  
nome vencedora foi exatamente Clube da Madrugada. Mas poderia  
ser grêmio, sociedade e até mesmo academia, que não faria diferença.  
Madrugada, por razões óbvias. Luiz Bacellar, autor da proposta de  
nome vencedora, fornece uma lista mais enxuta de presentes: ele  
mesmo, Saul Benchimol, Botinelly e Batista. Mais de cinquenta anos  
depois, o contista e poeta Almir Diniz confidenciava-me que não

fazia parte do Clube porque, homem de jornal, quando se liberava do batente, depois de meia-noite, já os clubistas haviam se retirado. O epíteto madrugada, entretanto, ajudou a formar o estigma de que o Clube era apenas um grupo de boêmios, sem maiores pretensões. Mas estas aparecem com toda a clareza no manifesto publicado em novembro de 1955, no primeiro e único número da *Revista Madrugada*. Tufic não o transcreve na íntegra, infelizmente; por isso é indispensável transcrever o parágrafo onde se noticia a introdução:

*Após um breve, mas incisivo preâmbulo, no qual ressalta a crise das forças intelectivas, morais, educacionais, econômicas e sociais, assim define-se o Clube da Madrugada 'perante as várias categorias que o pensamento humano expressa'.*

Na sequência, Tufic transcreve, parcialmente, o que os clubistas pensavam de cada uma dessas categorias, sempre relacionadas com o ambiente, intelectual e social, amazônico. Para fundamentar nossa ideia principal – a de que a motivação inicial do Clube da Madrugada foi política – passamos algumas amostras desse pensamento.

*LITERATURA. Não há literatura no Amazonas. Primeiro, fatores culturais e morais determinaram nos homens ditos de letras uma posição acomodaticia, geradora de um individualismo exacerbado, que derivou no afastamento de valores que pudessem fazer perigar o seu totemismo aceito como absoluto. Segundo, fatores de ordem econômica contribuíram para que elementos de valor intelectual procurassem novos meios, onde espíritos mais esclarecidos lhes ofereciam melhores oportunidades. (...) Disto resultou o êxodo anual de moços em direção ao sul do país (...).*

*ESCULTURA, PINTURA E ARQUITETURA. Não há, stricto sensu digna de menção, nenhuma dessas categorias no Amazonas (...).*

*SOCIOLOGIA. Apesar de o Amazonas ser uma unidade da federação que apresenta elementos vastíssimos para a pesquisa sociológica, temos apenas alguns estudiosos que se detêm nos problemas superficiais que afetam nossa região.*

*ECONOMIA. No Amazonas, os estudiosos desta matéria são poucos e têm se colocado à parte, não tomando posição ante a renovação por meios culturais adequados que venham beneficiar nossa região.*

*FILOSOFIA. Pouco existe no ramo, mesmo porque os homens de letras do Amazonas apegam-se, com impertinência, aos estudos da filologia, em prolongadas arengas, sem resultado algum.*

Nenhuma referência à música, ao teatro e ao cinema, certamente porque não havia, entre os primeiros clubistas, cultores dessas matérias. Também nada sobre etnografia e antropologia, necessárias à compreensão de uma região tão pouco estudada em sua vasta diversidade. Estranha, entretanto, que não se refiram à história, matéria essencial para o início de qualquer discussão. Mas essas ausências certamente se explicam pela falta de estudiosos das matérias, o que deixaria um vazio nos próprios objetivos do Clube. Mesmo assim, a conclusão não deixa de ser pretensiosa:

*Esposando os princípios encimados e refutando o conservadorismo rancoroso, o Clube da Madrugada tem por escopo plasmar uma nova consciência, pertinente à realidade brasileira.*

Assinam o manifesto: Saul Benchimol, Francisco Batista, Luiz Baccellar, Jorge Tufic, Farias de Carvalho, Moaçir Andrade, Alfredo Campos, Theodoro Botinelly, Afrânio de Castro, Fernando Collyer, Humberto Paiva, Miguel Barrela, João Bosco Araújo e Djalma Passos.

5. Observamos que, desde o início do manifesto, instala-se um processo de crise, para justificar não só os ataques violentos ao *establishment*, mas também a proposta de mudança, que seria radical em todos os aspectos. Lembro-me de uma palestra em que o professor Francisco Batista, um dos fundadores do Clube, economista, dizia que a grande referência do grupo era o movimento de 1922. Talvez isso até fosse verdade, num primeiro momento. Conscientemente, entretanto, a ideia de reforma que eles tinham em mente era muito mais ampla, a começar pela negação de tudo – o que os modernistas

jamais fizeram, mesmo porque só trabalharam com as artes, embora a preocupação com os aspectos sociais fosse latente, especialmente nas discussões paralelas às diatribes estéticas. Vejamos cada item.

Negar uma literatura amazonense, àquela altura, era clara provocação. A “posição acomodatória” dos homens de letras era uma referência até elegante ao marasmo em que viviam os cultores de um beletismo retrógrado, encastelados na sisuda Academia Amazonense de Letras, onde cultivavam seu “totemismo absoluto”. Não posso deixar de lembrar que, em 1951, quatro anos antes do manifesto, Thiago de Mello lançara *Silêncio e Palavra* e, no ano seguinte, *Narciso Cego*, ambos muito bem recebidos pela crítica literária do eixo Rio-São Paulo. A poesia amazonense se renovava, a despeito do Clube da Madrugada, ainda que a partir de uma manifestação individual.

O item seguinte – escultura, pintura e arquitetura – traz nova negação, sem condescendências. Os itens sociologia e economia, mesmo sem negar o todo, denunciam o superficialismo e a falta de empenho nos estudos, onde o imobilismo e a alienação são as marcas mais comuns. Finalmente, o item filosofia ironiza as polêmicas estereis sobre preciosismos linguísticos, muito comuns mesmo tempos depois do advento do Clube, como uma forma afetada de mostrar falsa e inútil erudição.

Este era o cenário. O que tínhamos ali era o esboço de um ideário político – no sentido primeiro da palavra: política como “administração da coisa pública” – se a política (“a administração da coisa pública”) não avança, não se renova, não muda, a tendência é a sociedade cair no marasmo, na letargia. Em outra oportunidade<sup>8</sup> já chamara a atenção para um fato marcante na criação da Academia Amazonense de Letras. O mesmo aconteceu na fundação do Clube da Madrugada: contrariando o senso comum de que os avanços econômicos e sociais são os principais motores das grandes movimentações estéticas, no Amazonas dá-se o inverso. Em 1918 e em 1954, vivíamos o fundo do poço de duas graves crises: o fim do ciclo da borracha e o pós-guerra, que representara o fim de um ilusório momento de recuperação econômica. Entretanto, os intelectuais amazonenses, buscando forças sabe-se lá onde, reinventam-se e, pelo menos simbolicamente, plantam sementes para o futuro. São entidades criadas com finalidades

8. Ver o ensaio ‘A poesia romântico-simbolista de Octavio Sarmiento’, publicado em: SARMENTO, Octavio. A Uíara & outros poemas. Manaus: Academia Amazonense de Letras/ Editora Valer, 2007.

150 diversas, é bem verdade: a Academia, como uma forma de cristalizar o conhecimento; o Clube, buscando revitalizá-lo. O Clube contra a Academia, num primeiro momento. A Academia absorvendo o Clube, posteriormente. O novo reage contra a tradição até que esta o absorva e enforme uma nova tradição + que será questionada pelo novíssimo, num movimento incessante.

6. O legado do Clube da Madrugada não pode ser visto apenas pela sua literatura, que na fundação era minoria e no manifesto era apenas um entre sete itens. Por isso, torna-se indispensável mostrar as diversas fases e faces do poético no Clube da Madrugada, o que corrobora a ideia de que este não tinha um padrão estético, não era um movimento organizado, pautando-se pela liberdade individual. No conto e no romance, que só apareceram bem depois da fundação, lhes asseguro, não foi diferente.

Tratemos, então, da sua relação com o Modernismo. Ao contrário do que se divulgou durante muito tempo, o Clube da Madrugada não é o Modernismo no Amazonas. Embora possamos dizer que, do ponto de vista ético, o Modernismo é sua grande referência, esteticamente, a poesia praticada pelos poetas do Clube afilia-se à geração de 45, que eu diria pós-modernista e contrária, ideologicamente, à matriz.

A poesia do Clube tem duas gerações facilmente identificáveis: os fundadores, devidamente registrados na *Pequena Antologia Madrugada*, e os “novos”, que apareceriam, aos poucos, até mais de dez anos depois da fundação, não necessariamente publicando livros, mas, sim, esparsamente, nos jornais da cidade. Daquele primeiro grupo fazem parte: Luiz Bacellar, Jorge Tufic, Farias de Carvalho, L. Ruas,<sup>9</sup> Guimarães de Paula, Alencar e Silva e Antísthenes Pinto. Thiago de Mello e Anísio Mello, a rigor, não militaram no Clube da Madrugada: o primeiro, no Rio de Janeiro; o segundo, em São Paulo. No segundo grupo, destacam-se os nomes de Elson Farias, Max Carphentier, Ernesto Penafort, Alcides Werk e Astrid Cabral.<sup>10</sup> Uma terceira geração, que chamaremos de pós-madrugada, começa a publicar em 1966, sem nenhum laço com o Clube.

9. Na verdade, Ruas, ordenado padre em outubro de 1954, só entraria para o Clube no ano seguinte, pelas mãos de Jorge Tufic, conforme registrado em: MENDONÇA, Roberto. L. Ruas – itinerário de uma vocação. Manaus: Belvedere, 2004.

Há ainda vertentes claras, tanto com relação às recorrências temáticas quanto ao uso da linguagem. Neste terreno, temos a concisão de uns e o gosto pelo barroco de outros. O verso medido, típico da geração de 45, convive com o verso livre da melhor tradição modernista. Ainda como parte da linguagem, o humor e a circunspeção mantêm relações cordiais. As recorrências temáticas, por seu turno, não diferem daquelas muito comuns à lírica brasileira de todos os tempos, num amplo espectro de possibilidades: existencial, mística, telúrica e – a época exigia isso – social.

7. Desde cedo o Clube foi agraciado com uma página semanal: primeiro em *O Jornal*, posteriormente em *A Crítica*. Essa página *Madrugada*, por quase três décadas, manteve acesa a chama do nome do Clube, embora, nos últimos tempos, ali fossem publicados apenas jovens poetas desconhecidos, sem nenhum vínculo real com a agremiação. Não era, certamente, por generosidade dos mais velhos. O cansaço, aliado a um amadorismo que não recompensava o trabalho semanal, fizeram desaparecer a página – e, com ela, a literatura saía pelas portas dos fundos dos jornais de Manaus. As Edições *Madrugada* foram outro fator importante para a cristalização da marca. Embora as despesas de edição fossem do próprio autor ou, muitas vezes, de um patrocinador público, o selo *Madrugada* estava sempre visível.

Não podemos dar por encerrado este trabalho sem responder a uma pergunta: além da poesia, o que mais ficou do Clube da *Madrugada*? Ficaram contos, novelas, romances, crônicas. Melhor, com exceção para a dramaturgia, ficou a literatura. Ficou também a pintura de uns tantos artistas plásticos. Nestas áreas, o Clube da *Madrugada* foi um divisor de épocas: tanto na literatura quanto na pintura há um antes e um depois do Clube. Sobre a pretensão maior, de transformar o Amazonas, o Clube teve uma participação indireta, por intermédio de alguns de seus membros, na criação e consolidação da Universidade Federal do Amazonas, na implantação do modelo econômico que alavancou a indústria local e também, bem ou mal, como participantes da elite dirigente do Estado. O Clube, para dizer o mínimo, deu um estofo intelectual, humanista, àqueles jovens.

10. Mais conhecida no âmbito do Clube como contista, por Alameda, de 1963, Astrid é hoje uma das mais importantes vozes da poesia brasileira. O curioso é que ela pouco publicou antes de seu primeiro livro no gênero, *Ponto de cruz*, de 1979. A sua poesia estava fora dos padrões rígidos da sua geração – e do Clube. Em correspondência pessoal, ela confidencia-me: 'tive que amadurecer para apresentar os poemas dentro dos meus padrões pessoais pouco ortodoxos, métrica meio solta, dicção ondulada e próxima do tom coloquial'.

152 Este foi o Clube da Madrugada. Longe de esgotar o assunto, a pretensão destas observações é plantar ideias objetivas e despidas de quaisquer interesses pessoais ou ideológicos. Uma prospecção nos jornais da época parece-me procedimento fundamental e indispensável para obter um quadro mais claro e preciso do que este mero esboço. A história do Clube da Madrugada é fascinante porque é a própria história – uma parte essencial – da cultura do Amazonas.

#### — REFERÊNCIAS

GARCIA, Etelvina. *Zona Franca de Manaus: história, conquistas e desafios*. Manaus: Norma/Suframa, 2004.

LOUREIRO, Antonio. *Síntese da História do Amazonas*. Manaus: Imprensa Oficial, 1978.

RAMA, Ángel. *Literatura e Cultura na América Latina*. Org. de Flávio Aguiar e Sandra Guardini T. Vasconcelos. Trad. de Raquel la Corte dos Santos e Elza Gasparotto. São Paulo: Edusp, 2001.

TUFIC, Jorge. *Clube da Madrugada – 30 anos*. Manaus: Imprensa Oficial, 1984.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Pequena Antologia Madrugada*. Manaus: Sergio Cardoso, 1958.

Obs: Por justiça, devo citar também as conversas-entrevistas com os escritores, membros da Academia Amazonense de Letras, Luiz Baccellar, Anísio Mello, Almir Diniz e Armando de Menezes, que me passaram sua visão e sua experiência pessoal sobre o assunto.

# — Como a filosofia brasileira ascendeu à problemática da liberdade

ANTONIO PAIM<sup>1</sup>

O curso seguido pela filosofia ocidental sugere que cada grande ciclo histórico esbarra inevitavelmente com a necessidade de encontrar fundamentos teóricos para a liberdade. E, ainda, que o faz de maneira singular. A filosofia brasileira não escapa a essa regra.

A geração que fez a Independência iria dar conta dessa tarefa através de caminho próprio, que ora nos propomos apresentar de forma breve. Tivemos oportunidade de fazê-lo com o devido detalhamento,<sup>2</sup> que não seria oportuno repetir.

A geração em apreço teve de considerar que o país, que se ia formar, embora viesse a constituir uma nova nação, não podia dissociar-se do longo caminho precedente da cultura portuguesa. Ao contrário do que ocorreria em outras situações, por nós vivenciadas, de ignorância desse imperativo, aquela geração entendeu que não poderíamos despir-nos desse passado, como chegaram a proclamar alguns de seus membros na ingênua suposição de que bastava adotar patronímicos indígenas.

A primeira constatação com que iriam defrontar-se era a seguinte: mesmo ainda nos meados do século 18, Portugal amargava o isolamento que experimentara em relação ao curso seguido pela filosofia, na Época Moderna, por diversos dos países ocidentais. A questão-chave residia na plena formulação da ciência em bases completamente diversas daquelas preconizadas pela Escolástica.

As leis fundamentais da nova física haviam encontrado uma primeira demonstração por Galileu (1564/1642). E embora a Igreja o tivesse obrigado a renegar de público suas teses contrárias à teoria geocêntrica por ele sustentada, na Inglaterra apresentaram-se condições favoráveis à continuidade desse tipo de investigação. A fun-

1. Membro correspondente (Brasília)

2. Basicamente na História das Ideias Filosóficas no Brasil (5ª ed., 1997), em especial no capítulo 1 (subtítulos 4. A reação anti escolástica e suas peculiaridades) e Capítulo 11 (subtítulo 1. Silvestre Pinheiro Ferreira). Nestes, os lançamentos das bases iniciais. Quanto aos desdobramentos, no livro Escola Eclética (2ª ed., 1999).

154 dação da Royal Society teve lugar em 1666 e os *Princípios da Filosofia Matemática da Natureza*, de Isaac Newton (1643/1727), que consagra novo tipo de saber da natureza, publicarã-m-se em 1687.

O *Ensaio sobre o Entendimento Humano*, de John Locke (1632/1704), tornado público em 1690, consagra uma nova corrente filosófica, o *empirismo*. Tanto na França como na Alemanha ocorre idêntica emancipação da Escolástica.

Enquanto isso, Portugal abrigava a chamada Segunda Escolástica.<sup>3</sup>

#### — RAZÕES RELIGIOSAS IMPUNHAM A ESCOLÁSTICA

A teoria hilemórfica e a explicação da natureza mediante o concurso de quatro causas (material, formal, eficiente e final) – devidas a Aristóteles –, foram erigidas em pilares das concepções escolásticas, em particular no período estudado, da Contrarreforma. Assim, por exemplo, em relação à graça (do latim *gratia*, agrado, considerada como um dom divino). Luteranistas e calvinistas a entenderam como um puro dom irresistível de Deus passível de ser dado à consciência individual e não no seio da Igreja de Roma. Tendo em vista esse problema, um dos opositores de Verney, cujo papel mencionaremos logo a seguir, o padre Severino Modesto escreveu, em 1750, “ser de fé haver formas substanciais e acidentais distintas”. Argumentando afirma que não se pode negar “que a alma racional fosse forma do corpo, como definiu o Concílio de Latrão; nem também que haja atos, do entendimento e vontade, sobrenaturais, e, por conseguinte, distintos realmente da alma, que é ente natural, nem que haja hábitos naturais de Fé, Esperança e Caridade e esta se perde com o pecado grave e se recupera com a graça, que também é distinta da alma e pertence aos acidentes”.

Assim, as concepções da nova física, quer cartesiana ou newtoniana, eram combatidas pelo pensamento oficial português em nome de princípios religiosos. Por outro lado, inexistiam qualquer surto manufatureiro ou bases reais para a implantação de uma indústria apta a assimilar as novas descobertas e engenhos de que se revelavam férteis a vizinha Inglaterra, caminho natural para o surgimento de um ensino laico de caráter técnico-prático.

3. O mais famoso empreendimento da Segunda Escolástica Portuguesa consiste no *Curso Coninbricense*. A cada um dos livros de Aristóteles dedicou o volume correspondente. Não se trata de tradução, mas da interpretação tomista.

As novas ideias seriam trazidas para Portugal por homens de espírito arejado, desbravadores que nem possuíam formação científica rigorosa nem cabeças filosóficas privilegiadas para empreender uma síntese grandiosa, capaz de sobrepor-se e suplantar a escolástica tradicional. Teriam, pois, de ficar a meio caminho e marchar para o compromisso. O mais insigne deles é, sem dúvida, Luiz Antonio Verney (1713/1729). Tendo vivido na Itália desde os 23 anos de idade, influiu sobremaneira na evolução do pensamento de sua pátria ao criticar, em suas famosas cartas, todo o sistema pedagógico dos jesuítas, arrastando a intelectualidade portuguesa a um debate prolongado e que prepararia a reforma pombalina da Universidade.<sup>4</sup>

— AS REFORMAS POMBALINAS FAZEM EMERGIR  
NOVA MENTALIDADE

A ruptura com esse estado de coisas teve lugar por razões políticas. Tendo vivido na Inglaterra, na condição de embaixador de Portugal, o poderoso ministro do novo rei de Portugal (D. José I, que subiu ao trono em 1750) acreditava que a riqueza da Inglaterra provinha não apenas das Companhias de Comércio (que também copiou) mas sobretudo da nova ciência. Nessa convicção, decidiu-se por introduzi-la à força na velha Universidade de Coimbra. Como os jesuítas tinham o virtual controle da instituição, pelo domínio exercido sobre a sua porta de entrada (o Colégio das Artes), acabou por expulsá-los do país. A Reforma da Universidade consumou-se em 1772, tratando-se na verdade, segundo opinião abalizada, de “uma nova Universidade”, onde os institutos mais influentes dedicavam-se à formação de naturalistas que, de posse do conhecimento da nova ciência, iriam desbravar o caminho para a exploração de suas riquezas naturais, restaurando a antiga riqueza.

A reforma da Universidade fora precedida de outras iniciativas destinadas a familiarizar a nobreza com a nova ciência, entre estas o chamado Colégio dos Nobres.

Com a morte de D. José I, em 1777, Pombal cai em desgraça. D. Maria I, que ascende ao trono, se propõe trazer de novo os padres para o Paço e apagar da história de Portugal a figura do marquês. In-

4. As cartas tiveram uma edição crítica recente: O verdadeiro método de estudar. Organização de Antonio Salgado Júnior. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1949-1950; 5 vols.

156 cidente que passou à história com o nome de *Viradeira de D. Maria I*. Fracassou completamente. Pombal havia logrado mudança de mentalidade. Como a rainha enlouqueceu, tendo se estabelecido a Regência do futuro D. João VI, este trouxe para o núcleo governamental pessoa fiel às ideias pombalinas, D. Rodrigo de Souza Coutinho (1755/1812). Esta notável figura viria a ter uma posição marcante em nossa história, pela circunstância de que se tornaria chefe do primeiro governo de D. João no Brasil, com a mudança da Corte para o Rio de Janeiro. Sua atuação deu-se no sentido de criar uma nova mentalidade, através de instituições de ensino e de pesquisa.

#### — NOVA FILOSOFIA OFICIAL IMPOSTA A PORTUGAL

Contudo, o importante a destacar é que, na sua reforma da Universidade, Pombal não se contentou apenas em introduzir o conhecimento da nova física e de seus desdobramentos. Também cuidou de proibir toda e qualquer forma de aristotelismo (base da Escolástica) e impôs a adoção de filósofo italiano para substituí-lo: Antonio Genovesi (1713/1769).

O tema central para a superação dos ensinamentos da Escolástica viria a ser a categoria da *experiência*.

A Escolástica havia desenvolvido grandemente os procedimentos de elaboração conceitual – parcela fundamental da filosofia – sendo esta uma de suas contribuições duradouras, difícil de ser reconhecida naqueles tempos de disputa (que chegavam, sem retórica, a ser de “vida ou morte”).

Adotava estritamente o método dedutivo. Como a eventual generalização de determinada experiência apoiar-se-ia no método oposto, a indução, era recusada de modo radical.

Genovesi incorporara grande parte da filosofia inglesa, calcada nessa categoria da experiência, por isso mesmo denominada de *empirismo*. Na versão portuguesa, tornada oficial, o empirismo de Genovesi evitava ciosamente os problemas que impulsionaram o aprofundamento das teses inicialmente formuladas por Locke. Quando se dá a sua adoção pela “nova” Universidade portuguesa, o

empirismo inglês já assumira a feição que lhe fora atribuída por David Hume (1711/1776). 157

No debate que se instalou, na própria Inglaterra, acerca da teoria do conhecimento de Locke, tornou-se patente que a sensação, tomada como origem das ideias, são de natureza subjetiva e, portanto, não estabelecem objetividade, por si mesmas, isto é, não se proporcionam conhecimento válido para outros. Hume partiu desse reconhecimento e postulou que uma coisa são os fatos e outra o discurso a seu respeito. Assim, os enunciados, a reflexão, as elaborações do pensamento constituem modelos cujo relacionamento com o real é do tipo probabilístico.

Tal descoberta inviabilizou o discurso metafísico tradicional, apoiado em deduções que não levam em conta a distinção em apreço. Kant apreciou-a devidamente e rendeu a Hume o tributo de afirmar que o teria despertado do sono dogmático. A partir desse “despertar” construiu sua obra filosófica tomando como referência a experiência humana. As afirmações que a ultrapassam chegam inevitavelmente a antinomias, como teria oportunidade de demonstrar.

Esse simples exemplo aponta para o tipo de dificuldade que veio a configurar-se, que teriam sido eludidas na versão portuguesa do filósofo italiano.

A adoção de Genovesi como filósofo oficial obedecia também a razões extrafilosóficas (superação do predomínio da Escolástica). Na tradição que esta configurava, a filosofia subdividia-se desse modo: Filosofia Racional (Lógica e Metafísica); Filosofia Natural (Física Geral e Física Particular) e Filosofia Prática, subdividida em Moral e Política.

Pombal preservara a censura dos tempos da Inquisição, colocando-a a seu serviço. A nova instituição denominava-se Mesa Censória. Compreendendo a Filosofia Prática a discussão da Política, a censura levou em conta que Locke era, além do criador de um novo entendimento da filosofia (como dedicada ao conhecimento), o autor da primeira versão dos fundamentos do governo representativo. Em consequência não seria de bom alvitre difundi-lo em Portugal. Em 1768, a Mesa Censória proibiu a venda no original ou em tradução do *Ensaio sobre o entendimento humano*.

Assim, o acesso à problemática relacionada ao tema da *liberdade* viria a exigir a crítica a Genovesi (na versão portuguesa, considerada como autêntico empobrecimento pelos conhecedores do conjunto de sua obra). O certo é que o conhecido estudioso do pensamento português, Joaquim de Carvalho (1892/1958), batizaria essa versão de *empirismo mitigado*.

— O NÚCLEO CENTRAL DO EMPIRISMO DE GENOVESI

5. La filosofia francese e italiana del Settecento (Padova, 1941/1942 e *Verbete para a Enciclopédia Filosófica* (Veneza, 1570. Este figura na reedição brasileira das Instituições de lógica (Rio de Janeiro: Ed Documentário, 1977).

O pensamento de Genovesi foi estudado por G. Capone Braga<sup>5</sup> que procurou mostrar a impossibilidade de reduzi-lo ao empirismo. Se bem aceite de Locke tanto a tese da impossibilidade de atingir-se o conhecimento da essência dos seres como a recusa às ideias inatas, rejeita a solução empirista do problema da origem das ideias, que considera insolúvel. A par disso, admite a existência das mônadas leibnizianas sem concordar seja com a harmonia preestabelecida, seja com a incomunicabilidade das mônadas. Parece-lhe que as duas últimas teses tornam impossível qualquer distinção entre representação de objetos possíveis e representação de objetos reais, existentes no mundo espaço-temporal. Se a representação das mônadas se desenvolvesse por força intrínseca e não pela ação de coisas externas, faltaria o modo de distinguir as representações relativas aos entes possíveis dos entes reais, porque o mundo do existente seria sempre um produto da força representativa da mônada da alma.

Considera Capone Braga que poderia ser denominado de filósofo da experiência enquanto sustenta que a filosofia se move a partir da experiência e se refere à experiência, admitindo a crítica aos dados empíricos pela razão. Em função disso, estabelece quatro categorias de ideias pelas quais conhecemos a realidade: 1) ideias dos objetos sensíveis, sujeitas a erros, mas de cuja existência não se pode duvidar; 2) ideias dos entes abstratos (matemáticas), que dão base a juízos certíssimos; 3) ideias pela experiência, mas relativas a objetos que não se podem perceber pelos sentidos (causa não experimental, Deus etc.), que fornecem juízos seguros, mas que não propiciam o mesmo grau de certeza das anteriores; e finalmente, 4) ideias históricas, relativas a fatos não percebidos, mas dos quais se tem o teste-

munho de pessoas que tiveram a experiência, que fornece grau menor de certeza. Parece-lhe, portanto, que o máximo que se pode indicar é a existência de graus descendentes de certeza, pressupondo a percepção direta o exercício da razão. A impossibilidade de resolver a problemática da origem das ideias decorre da inexistência, no sujeito, de qualquer noção clara e distinta quanto à natureza da alma, o que impede se conheça a natureza da percepção. Genovesi procura, assim, incorporar certas premissas do empirismo lockeano à tradição racionalista. Opõe-se a Rousseau e a todos quantos minimizam o papel da razão.

A difusão do pensamento de Genovesi deu-se através de um compêndio de lógica, na tradução de Miguel Cardoso – que toma por base ao que se supõe. *La logica per li Giovenetti*, de 1766, expurgada das referências a Aristóteles, por ordem expressa de Pombal –, recentemente reeditado no Brasil (*As instituições de lógica*, de Antonio Genovesi, na tradução de M. Cardoso; introdução de A. Paim, Rio de Janeiro: Editora Documentário/Conselho Federal de Cultura, 1977). Nessa versão portuguesa, seu pensamento acha-se enormemente empobrecido, reduzido a um conjunto de teses sem maior desenvolvimento, esquematismo que é exacerbado ao extremo na edição brasileira que se conservou na Biblioteca Nacional.<sup>6</sup> É provável que, em Portugal, haja-se adquirido maior familiaridade com a obra de Genovesi. Contudo, mesmo nessa hipótese, sua adoção como uma espécie de filosofia oficial em Coimbra não parece representar maior progresso em relação a Verney. Na versão de Miguel Cardoso, a introdução de certas teses empiristas no arcabouço escolástico é ainda mais flagrante.

6. Instituições lógicas resumidas do Genovesi, por J. S. P., *lente de Filosofia*. Rio de Janeiro: Imprensa Americana de J. P. da Costa, 1837.

#### — O AMBIENTE CULTURAL NO INÍCIO DO SÉCULO 19

A mudança da Corte Portuguesa para o Brasil criou condições inteiramente novas para a cultura nacional. A simples abertura dos portos já constituiu um passo gigantesco no sentido de estabelecer vínculos diversos com outros possíveis focos de influência. A par disso, implantaram-se certas instituições aptas a ampliar e dar maior consistência à intelectualidade patricia, tais como a Imprensa Régia,

160 a Biblioteca, as escolas superiores destinadas à formação de cirurgiões e engenheiros militares etc. Os decênios que se seguiram preparam e dão forma à elite que tomaria diretamente em suas mãos os destinos da jovem Nação.

Do ponto de vista da consciência filosófica, o fenômeno mais característico é a adesão quase universal do professorado, tanto nas aulas régias como nas instituições religiosas, à espécie de empirismo que a posteridade denominaria de *mitigado*. Escrevendo em 1836, Gonçalves de Magalhães diria que “a filosofia ensinada nas escolas à mocidade é a das sensações... geralmente abraçada como um dogma, como uma verdade incontestável, enfim, como a última expressão da filosofia”.

Nesse contexto, tudo indica haja desempenhado um papel de relevo a figura singular de Silvestre Pinheiro Ferreira (1769/1846), que se incumbiria de preparar os espíritos na busca de conteúdo para aquela doutrina que o visconde de Uruguai denominaria de “ecletismo esclarecido”, sob cuja inspiração seriam concebidas as instituições políticas e todo um projeto existencial do Brasil Independente, se assim se pode dizer.

Silvestre Pinheiro Ferreira é o primeiro pensador a atacar frontalmente o empirismo mitigado, despreocupado da defesa da filosofia tradicional, em nome da própria coerência do empirismo. À doutrina popularizada no país irá contrapor a ideia do empirismo como sistema, no qual a filosofia reconquista sua dignidade e não mais se confunde com a ciência. Longe de obscurecer as dificuldades do sensualismo, irá afrontá-las de forma direta. Graças a tudo isso e ao magistério de filosofia que exerceu no Rio de Janeiro, ao longo da segunda década do século, lançou as bases para o debate dos temas modernos, que iria empolgar parte da intelectualidade nas décadas de trinta e quarenta.

Depois de haver chegado, no último decênio do século 18, o professor substituto da cadeira de Filosofia Racional e Moral, do Colégio das Artes de Coimbra, Silvestre Pinheiro viveria durante sete anos na Alemanha (1802/1809), onde acompanhou de perto a evolução do kantismo, tendo assistido às conferências de Fichte e Schelling. Trasladando-se ao Brasil, com a Corte Portuguesa, aqui permaneceria

doze anos, de 1809 a 1821. Viveria no ostracismo durante certo período, mas na crise política que precedeu o retorno de D. João VI ascendeu à posição de uma das principais figuras do governo imperial, ocupando as pastas do Exterior e da Guerra. Nessa condição, regressou à Metrópole. Dessa última fase de sua estada no Brasil, deixou-nos como documento as chamadas “Cartas sobre a Revolução do Brasil” (1821).

Em Coimbra – onde obteve por concurso o lugar de professor da cadeira de Filosofia Racional e Moral, em 1794 teria manifestado oposição às doutrinas oficiais, na condição de adepto de Locke e Condillac. Semelhante iniciativa valeu-lhe a acusação de jacobino. Em meados de 1797, teve sua casa revistada e foram presos alguns de seus amigos. O próprio prelado universitário aconselha-o a fugir de Portugal. No Brasil, se bem procura levar às últimas consequências a adesão do pensamento luso-brasileiro à filosofia moderna, acha-se inteiramente distanciado de qualquer radicalismo.

A partir de 1813, Silvestre Pinheiro teria oportunidade de ministrar – ao que se supõe durante alguns anos – um curso de filosofia no Real Colégio de S. Joaquim, antigo seminário, que constitui evento de particular importância na evolução posterior do pensamento nacional. Veio não só preencher um certo vazio como encontrou ressonância, segundo se deduz, entre outras coisas, pelo registro contido no *Correio Braziliense* (1808/1822), que, além do primeiro periódico brasileiro, tinha a primazia de circular independentemente da censura.

As aulas de Silvestre Pinheiro, durante largo período, constituíram o único texto filosófico, em português e atualizado, ao alcance dos que, porventura, viessem a se interessar pelo tema. Afora isso, o professor devia gozar de prestígio na Corte. Era homem reconhecidamente liberal – e os acontecimentos políticos dos começos da década de 20 iriam evidenciá-lo – dotado de boa formação científica.

Ao invés de aderir às doutrinas em voga, com as quais tinha grande familiaridade, lançou-se a tarefa bem mais árdua. Empreendeu a reformulação da filosofia portuguesa, tomando como ponto de partida as ideias consolidadas pela tradição. Reinterpreta Aristóteles segundo cânones empiristas e situa a Locke e Condillac como seu desdobramento natural. Pretende harmonizá-los num sistema que

162 tenha a grandiosidade da Escolástica, preŕerve as conquistas de Verney e lhes assegure desenvolvimento coerente no plano ético. Enfim, não deseja interromper o diálogo com o passado nem apresentar a modernidade como algo de chocante e inusitado. Semelhante objetivo perseguiria durante cerca de quatro decênios, no magistério ou na política, em sua pátria ou fora dela.

Além do curso de filosofia e da tradução das *Categorias* de Aristóteles, na fase brasileira, Pinheiro Ferreira publicou, em francês, na década de 20, o *Ensaio de Psicologia* e, mais tarde, *Noções Elementares de Ontologia* (1836) e *Noções Elementares de Filosofia* (1839), ambas em português.

Considerando que a ideia liberal havia entrado em recesso no continente, demitiu-se do governo e viveu exilado na França, entre 1826 e 1842. Nessa fase, desenvolve suas concepções políticas em diversos textos, geralmente relacionados à situação de instabilidade vivida tanto por Portugal como no Brasil. Na antiga Metrópole sobretudo à vista da impostergável transição da monarquia absoluta para a constitucional. E, no Brasil, pela dificuldade no encontro do caminho que pudesse levar à consolidação das instituições do governo representativo, nas duas décadas que se seguiram à proclamação da Independência.

Sua contribuição fundamental nesse sentido seria a obra *Manual do Cidadão em um Governo Representativo* (1834), que teve grande repercussão em nossa terra, na época, recentemente reeditado, em primorosa edição fac-similar, pelo Senado.

7. Seriam estas: Silvestre Pinheiro Ferreira. *Escritos filosóficos*. In: Revista da Universidade de Coim-

bra, 1960; Silvestre Pinheiro Ferreira. *Preleções filosóficas; introdução de Antonio Paim*. São Paulo: Grjhalbo, 1970; e Silvestre Pinheiro Ferreira. *Preleções filosóficas, introdução de José Esteves Pereira*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1996.

#### — INDICAÇÕES SOBRE O CONTEÚDO DAS PRELEÇÕES

O curso de filosofia denominou-o de *Preleções Filosóficas sobre a teoria do discurso e da linguagem, a Estética, a Dicedsinia e a Cosmologia*, editadas na época em fascículos e que vieram e mereceram reedição recente.<sup>7</sup> São em número de trinta, iniciando-se com duas breves notas introdutórias, denominadas “Advertência” e “Ideia geral da obra”. Seguem-se a tradução das *Categorias* de Aristóteles; um “Índice” (“destinado não só a indicar os lugares dessas vinte e duas primeiras Preleções... mas a dar uma ideia resumida delas: e mesmo a corrigir e

suprir alguns descuidos, em que se advertiu ulteriormente”); e um suplemento ao índice. As teses são expostas na forma de parágrafos. O curso completava-se com a análise de textos, “escolhidos de autores antigos como modernos, sagrados e profanos”.

Silvestre Pinheiro declara expressamente, na “Advertência”, que só se dispôs a publicá-las pela ausência de um texto apto a servir de base ao curso, não obstante ser de parecer que só se devesse entregar ao prelo “obras trabalhadas com descanso, perfeitas e acabadas”. A isso acrescenta: “É, pois, esta urgência, e não cegueira de amor-próprio, quem me move a deixar sair à luz estas *Preleções* com os numerosos defeitos, que são de esperar de obra que deve ser composta, revista pelas competentes Autoridades e impressa, no curto espaço que medeia entre Leitura e Leitura”. Apesar de que obedeceu a um plano geral, o curso parece haver-se desenvolvido num ou noutro sentido em função mesmo dos problemas suscitados, das críticas, das dúvidas. Observa-se a omissão de alguns temas incluídos no programa inicial. Entretanto, esses defeitos e lacunas têm, para o estudioso de seu pensamento, algumas vantagens evidentes: as ideias fundamentais acham-se expostas de diferentes ângulos, repetidas e reformuladas em sucessivas ocasiões.

Em que pese a enorme diversidade de temas abordados no curso, é possível apreender os aspectos essenciais das concepções filosóficas de Silvestre Pinheiro a partir das seguintes teses, implícitas ou explicitadas nas *Preleções*:

1) Os fundamentos últimos de todas as ciências repousam na experiência sensível;

2) Embora extremamente complexo, lento e perfectível, o processo de elaboração e sistematização dos conhecimentos empíricos tem sua unidade assegurada:

- a) pela identidade da razão humana; e,
- b) pela correspondência existente entre linguagem e realidade;

3) A filosofia é a disciplina que comanda e assegura o êxito do aludido processo.

Antes de passar à análise dessas teses, cumpre indicar a ordem geral de sua exposição e que, num certo sentido, confirma a enumeração precedente das etapas em que desenvolve seu pensamento.

Os principais enunciados relativos ao conhecimento acham-se expostos da segunda à oitava preleções. Silvestre Pinheiro esclarece-as primeiro em seu significado mais geral, situa-se a seguir no plano físico elucidando vários conceitos – corpó, átomo etc. – para precisar bem o que entende por essência, substância ou natureza. Nessa primeira parte, traça os contornos gerais da disciplina que denomina de *Cosmologia* e aqui também assinala não só progresso como maior coerência em relação a Verney, como se verá no momento oportuno. No *Plano Geral* do curso, esta seria a última parte, integrada pela *Ontologia* (propriedades gerais dos entes); pela *Nomenclatura das Ciências Físicas e Naturais* e pela *Teologia Natural* (relações dos entes criados com o Criador, deduzidas das propriedades gerais dos entes estabelecidos na Ontologia). Apenas o tópico intermediário (*Nomenclatura*) acha-se suficientemente esclarecido nas *Preleções*. Talvez por isso mesmo haja sentido necessidade, mais tarde, de dedicar à Ontologia uma de suas obras.

Em seguida à abordagem do conhecimento, estuda esse processo do ponto de vista da Lógica e logo depois da Gramática. Silvestre Pinheiro revela profunda admiração por Leibniz, em particular no que respeita ao seu projeto de linguagem (gramática) universal. Mas a grande autoridade que mobiliza em favor de suas teses é a de Aristóteles. Assim, descrito o processo do conhecimento, com os pormenores que se indicará, comenta as *Categorias*, justifica exaustivamente a sua interpretação e toma-a como ponto de partida para passar ao tema subsequente, isto é, ao da ordenação do conhecimento. Nas quatro preleções seguintes (décima quarta a décima sétima) ocupa-se da ordenação do saber, aplicando o método proposto – que será referido – às diversas ciências. As considerações são interrompidas (décima oitava Preleção) para responder a certas objeções ao método aplicado, retomando-as nas seguintes. Da vigésima primeira à vigésima quarta preleções, volta às *Categorias* para nelas apoiar as novas teses apresentadas. Finalmente, as últimas aulas estão dedicadas à Ética, à Psicologia e à possibilidade de uma Gramática

Universal. No *Plano Geral*, a Psicologia seguia-se à introdução geral ao saber (que denomina de “teoria do discurso e da linguagem” e compreende a teoria do conhecimento como fundamento último) e dela é que se deduzia a Diceósina (Ética e Direito Natural).

Na trigésima Preleção anuncia uma série de aulas, tendo por tema o Tratado dos Direitos e Deveres do Homem e do Cidadão. Inicia-as enunciando alguns princípios do liberalismo econômico, buscando conciliar as teses dos fisiocratas e dos smithianos. Embora não tenha dado seguimento à meditação, na forma de aulas, aquilo que veio a se transformar no tópico de encerramento das *Preleções* dá enorme coerência ao conjunto de sua obra, desde que cuidaria, nas décadas subsequentes, não apenas de preencher as lacunas dessa construção filosófica, mas, sobretudo, de desenvolver os princípios do liberalismo político.

De modo idêntico a Verney, Pinheiro Ferreira deseja partir de uma teoria do conhecimento elaborada segundo cânones empiristas. Ao mesmo tempo, tendo permanecido sete anos na Alemanha – onde muitas vezes ouviu, segundo informa, seus “mais distintos filósofos... entre eles os dois primeiros discípulos de Kant: Fichte e Schelling” –, beneficiou-se de muitas das ideias ali difundidas, em particular a ambição leibniziana de estruturar uma linguagem universal. Assim, o pensador português estabelece como primeiro patamar da filosofia a *Teoria do Discurso e da Linguagem*. A seu ver, a Lógica, a Gramática e a Retórica são uma só e a mesma arte. Precede-a a análise do conhecimento.

Depois de haver dedicado a primeira aula a apresentar a filosofia como uma espécie de arquitetura do saber, cujo conhecimento seria imprescindível a todo homem de letras, a segunda Preleção aborda diretamente a questão das ideias e de sua origem.

A importância atribuída à linguagem constitui o ponto pelo qual a filosofia de Silvestre Pinheiro irá incorporar a tradição do pensamento português. Mas o fará privilegiando um certo aspecto da obra de Aristóteles, prescindindo de todo a mediação escolástica. O essencial no aristotelismo, segundo entende, consiste nas contribuições linguísticas, reinterpretadas sem maiores concessões ao platonismo, segundo uma visão empirista. Daí que se tenha lançado

166 a uma nova tradução das *Categorias*, cujos aforismos comenta exaustivamente ao longo do curso. Nessa interpretação, não há nenhum lugar para o hilemorfismo. Além de que não privilegia, de nenhum modo, a chamada *causa formal* – pressuposto da inteligibilidade do real, no contexto aristotélico, justamente o que o situa como um “platonicien malgré lui”, segundo Rougier, desde que faz com que o indivíduo repouse num princípio transcendente – Pinheiro Ferreira esboça uma ideia fecunda ao conceituar a existência (§§ 82-86) como uma relação entre o sujeito que percebe e o objeto percebido. É certo que o tema não é suficientemente aprofundado, mas é quanto basta para dar certa coerência ao seu empirismo.

O empirismo de Pinheiro Ferreira representa uma curiosa conciliação entre Aristóteles e Locke. A sensibilidade, segundo o filósofo português, coloca-nos em contato com qualidades ou complexos de qualidades. Estas são próprias aos indivíduos ou estados individuais que são os únicos presentes à experiência ou à observação. Assim, na base de todo o nosso conhecimento, encontram-se *sensações* que nos são provocadas por qualidades imanentes aos indivíduos ou estados individuais que as provocam. O contato com uma qualidade deixa uma *impressão* de que, ao ser recordada, já merecerá a denominação de *ideia*. Na ausência daquilo que chama sensação, fica-nos a ideia. Esta, segundo afirma, acha-se muito vinculada à impressão e, portanto, à sensação que lhe deu origem. Quando nos abstraímos das ideias particulares a cada sensação e nos fixamos unicamente no que é comum a várias dentre elas, tem-se a *noção*. A noção designa o objeto sem referência à sensação originária. Fenômeno análogo tem lugar quando o processo abstrativo é referido aos indivíduos ou estados individuais que nos são dados pela observação. Abstraindo as qualidades que lhes são comuns, chegamos a classificá-los numa *ordem*, num *gênero* ou numa *espécie*. Generalizar uma ideia é dizer que ela se encontra em vários indivíduos. Como se vê, o conceito de ideia, em Silvestre Pinheiro, corresponde ao de representação (imagem representativa).

Mais tarde, nas *Noções elementares de filosofia* (1839), conforme teria oportunidade de chamar a atenção Nady Moreira Domingues da Silva – no texto *O sistema filosófico de S. P. Ferreira*, Rio de Janeiro, 1978, que

representa significativo aprofundamento da análise das ideias do filósofo português Silvestre Pinheiro Ferreira introduz uma doutrina da linguagem, destinada a resolver o clássico problema das *qualidades primárias*, que Hume havia reduzido a uma *impressão primeira*. Essa teoria da formação da linguagem é assim resumida por Nady Moreira Domingues da Silva: “No que poderíamos chamar a sua pré-história, a linguagem originou-se da utilização de pinturas representativas dos objetos, pinturas essas que sofreram uma evolução no seu simbolismo, passando então a representar uma ideia abstrata vinculada à figura inicial; por exemplo, a figura do leão que inicialmente significava o próprio animal, graças a esse processo evolutivo, passa a significar a força, como também um simples gesto lembra a cólera, a compaixão ou o medo” (p. 51). Como a linguagem é que proporciona ao conhecimento a sua condição de possibilidade, fica estabelecida a base sensualista da ciência. Esta, contudo, não se esgota nesse primeiro momento, mas é, segundo vimos, um arcabouço complexo.

Desse núcleo de teses, Silvestre Pinheiro fará derivar todas as ideias, mesmo aquelas cuja origem sensível fora contestada pelo racionalismo. Ao mesmo tempo, estabelecerá uma base para reabilitar, no mesmo contexto, a ideia de substância e a própria noção de causalidade que a crítica empirista deixara tão combatidas. Os suportes dessa posição, segundo se indicou, são a correspondência entre linguagem e realidade e a existência conceituada como uma relação. Assim, no plano da pura imanência, o filósofo português procura dar ao seu empirismo desenvolvimento coerente.

Embora haja significativos desdobramentos dessa reelaboração das categorias de Aristóteles, creio que o exposto dá para ter-se uma ideia da natureza do empirismo do autor.

— NOSSO CAMINHO AUTÔNOMO NO ACESSO À IDEIA  
DE LIBERDADE

A grande ambição de Silvestre Pinheiro Ferreira consistia não apenas em estruturar um sistema de base empirista, mas, sobretudo, em permitir que o liberalismo político (o *direito constitucional*, como

168 preferia denominar) encontrasse seu lugar num todo coerente. Para tanto, não podia ocorrer que a ideia de *liberdade* se reduzisse a um simples postulado. No contexto protestante, era indiferente que o homem estivesse privado do livre-arbítrio porquanto sua missão no mundo estava predeterminada (erigir uma obra digna da glória de Deus e não se salvar pela obra, a exemplo da tradição católica). No ambiente cultural luso-brasileiro, o liberalismo não podia simplesmente sobrepor-se e ignorar os *moralistas do século 18*, cuja pregação tornar-se-ia parte integrante da ideologia criada pela Segunda Escolástica, calcada na ideia de que “o homem é um vil bicho da terra” (Nuno Marques Pereira). Era necessário assegurar que o homem podia constituir, através da representação, o necessário contraponto ao poder do Monarca.

Além disso, o filósofo português dá-se conta de que, embora tivesse resolvido satisfatoriamente a questão da correspondência entre linguagem e realidade, não podia emergir em semelhante generalidade todas as categorias. Para quem tanto meditara sobre cada um dos principais conceitos da filosofia, teria de ser evidente que ideias tais como *igualdade*, *relação* etc., não advinham do simples contato com os indivíduos (substâncias primárias), que se reduziam, no final de contas, às únicas a que tínhamos acesso diretamente. Por isso mesmo encaminhará a discussão naquele sentido seguido pelo sensualismo francês e que abriria o caminho à meditação de Biran, vale dizer, à hipótese de que as categorias fundamentais deveriam merecer análise específica e que as fizesse repousar numa experiência passível de ser reconstituída. Henrt Gouhier indica que Destutt de Tracy, na crítica a Condillac, chegara muito perto da ideia de ato voluntário, de que partiria Biran para reconstituir o empirismo.<sup>8</sup>

O mesmo se pode dizer da meditação de Silvestre Pinheiro Ferreira. Como os empiristas ingleses nos quais se inspira, remonta às sensações as diversas categorias. A ideia de causalidade, como a de tempo, deriva da experiência com a simultaneidade e a sucessão. É uma relação que supõe duas ou mais substâncias, a exemplo do conceito de existência, que se aplica à relação daquele que percebe com o objeto percebido. As sensações de gosto e dor identificam-se com

8. No empenho de ultrapassar o impasse a que havia chegado o empirismo francês, com a figura do ‘homem máquina’, de Condillac – puro reflexo de impulsos provenientes do mundo externo – o grande filósofo daquela primeira metade do século 19, Maine de Biran (1760/1824), suscitou essa ideia. Na sua visão, o ato voluntário expressa, por exemplo, quando movemos o braço no exclusivo exercício de nossa vontade, permite-nos afirmar que o esforço ou ação voluntária seriam ‘o verdadeiro fato primitivo do senso íntimo’. Por essa via encontra fundamento empírico para as ideias de eu, causa e liberdade.

as ideias de virtude e vício. A virtude e o vício são o mesmo que o justo e o injusto (§ 887).

Silvestre Pinheiro Ferreira não quis chegar à redução da alma a simples epifenômeno – se bem não a considerasse eminentemente ativa, mas afirmasse também a sua passividade, posto que, assim, tornaria extremamente vulnerável ao seu humanismo. Por isso mesmo, viu-se obrigado a enfrentar o discutido problema de suas relações com o corpo. A existência dessa união parece-lhe de todo indiscutível. “Um corpo qualquer afeta um dos nossos sentidos e essa mudança de estado do nosso corpo, a que se chama efeito relativamente à sensação que se segue na nossa alma, a quem então se dá o epíteto de passiva. E diz-se que *os corpos obraram sobre ela*. Mas aquela sensação umas vezes produz no corpo movimentos que nos causam novas sensações; outras vezes, ou não produzem nenhum movimento ou, se os produz, são tais que não nos causam nenhuma sensação. Nesses dois últimos casos, diz-se que a alma nada obrou, que ficou passiva. Mas no primeiro caso chama-se ativa, e diz-se que ela obrou sobre os corpos. A essa série de diferentes estados da alma, que são alternativamente razão e efeito de uma correspondente série de estados de nosso corpo, é que se tem dado o nome de *união da alma com o corpo*” (§ 906). Como se explica, então, que assim seja? Ao invés de enfrentar a questão propriamente dita, limita-se o filósofo português a dizer que a palavra *como* exige apenas a indicação de todos os fenômenos que precederam ao caso em apreço, o que não se aplica à união da alma com o corpo, que não é fenômeno parcial nem o último de uma série. “...se se nos perguntar como a nossa alma obrou ou produziu um determinado e parcial efeito ou mudança em nosso corpo, responderemos adequada e completamente enumerando as mudanças que, tanto na alma como no corpo, precederam a essa, de que se nos pede o como. Porém se se nos perguntar pelo *como* da totalidade das ações da alma sobre o corpo e do corpo sobre a alma, é pergunta que não tem resposta; porque se se nos pergunta que significa a palavra *como* em um caso em que ela nada significa é como se nos perguntasse qual é a cor do som de uma trombeta ou (mais adequadamente) quem estava em um lugar antes que todos lá estiveram” (§ 909). Na verdade, a trans-

170 cendência da alma, no contexto imanentista das *Preleções*, é de todo inexplicável.

Também a ideia de liberdade e a própria liberdade da pessoa humana – defendida e afirmada pelo autor das *Preleções Filosóficas* – não se derivam *stricto sensu* de seu sistema.

A exemplo do comum dos empiristas, Silvestre Pinheiro Ferreira não concebe apenas as sensações externas, mas a estas equipara as vivências interiores. Nessas últimas é que repousa a sua defesa da existência da alma. Delas também se servirá não apenas para explicar a origem da ideia de liberdade como também para apresentá-la como a dimensão própria da pessoa humana.

Segundo se depreende das *Preleções*, a ideia de liberdade estaria vinculada a uma experiência “*sui generis*”. Através do senso íntimo, travamos contato com um dos atributos peculiares ao homem e que é a possibilidade de escolha, a capacidade de optar. A observação dos fenômenos vinculados à formação das ideias e à atividade indica que a produção de certos efeitos exige tanto a ação de um “agente” como certo estado peculiar à pessoa, que chama de disposição. Isso explicaria que a certas ações corpóreas nem sempre se sigam os efeitos que seriam de esperar. No caso particular das ações mentais, a observação nos revela algo de muito importante. Ocorre que, “verificando-se a razão no Agente como a disposição no Paciente, muitas vezes acontece não se seguir neste o correspondente efeito. Para se designar esta singularidade das ações mentais é que se emprega a palavra liberdade” (§ 901). Os atos voluntários, dirá mais tarde, ou são instintivos ou livres. Os primeiros resumem o plano a que se acham adstritos os animais. Os segundos são próprios do espírito humano.

O propósito principal de Silvestre Pinheiro Ferreira consiste sem dúvida em contribuir para que se completem as reformas iniciadas por Pombal, promovendo-se a liberalização das instituições políticas e, dessa forma, completando o processo de inserção de Portugal na Época Moderna. Outro não era o ideal de parcela representativa da elite de seu tempo. Singulariza-o, entretanto, o fato de que haja sustentado a hipótese de que o liberalismo político teria de encontrar o seu lugar num sistema filosófico que estivesse em harmonia

com as melhores tradições da cultura portuguesa. Ao fazê-lo, encaminhou muitos de seus discípulos na linha de buscar a coerência, do empirismo, o que os colocaria diretamente em contato com a problemática filosófica que lhe era contemporânea. Por isso mesmo, pode-se dizer que sua obra representa a antessala da primeira corrente de filosofia estruturada no ciclo posterior à Independência. Também no que respeita às instituições políticas, a obra e a ação de Silvestre Pinheiro Ferreira correspondem a ponto de referência fundamental.

Como se vê, a filosofia brasileira chegou ao problema da liberdade não pela busca dos fundamentos da ação moral, a exemplo da longa tradição sedimentada pelo cristianismo desde Santo Agostinho, proveniência do conceito de livre-arbítrio, inexistente na filosofia grega. Mas pela necessidade de promover uma ideia da pessoa humana que justificasse, teoricamente, a nova doutrina política impulsionadora da transição da monarquia absoluta para a constitucional. Nem por isso reduziu a densidade do debate desse tema que desembocaria na constituição da primeira corrente filosófica rigorosamente estruturada no país, a Escola Eclética.

#### — BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CARVALHO, Joaquim de. *Subsídios para a história da filosofia e da ciência em Portugal-II*. Coimbra: Boletim da Unibersidade de Coimbra, 1952.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DO PENSAMENTO BRASILEIRO – Silvestre Pinheiro Ferreira. *Bibliografia e estudos críticos*. Salvador, 1983; 2ª edição revista, 2010.

COSTA, Hipólito da. *As Preleções Filosóficas de Silvestre Pinheiro Ferreira*. Notas publicadas no Correio Braziliense e reproduzidas na Revista Brasileira de Filosofia. São Paulo; XVI (63): 403-420; jul./set., 1966.

GENOVESI, Antonio. *As instituições de lógica*. Versão portuguesa de Miguel Cardoso. Introdução de Antonio Paim. Rio de Janeiro: Ed. Documentário, 1977.

MONCADA, L. Cabral de. *Um iluminista português do século XVIII: L. A. Verney*. São Paulo: Saraiva, 1941.

172 (O) *Nascimento da moderna pedagogia. Estudos críticos da obra de Verney.*  
Introdução de Antonio Paim. Rio de Janeiro: Ed. Documentário,  
1979.

PAIM, Antonio. *História da Ideias Filosóficas no Brasil.* 5ª edição. Lon-  
drina: Ed. UEL, 1997.

SILVA, Nady Moreira Domingues. *O sistema filosófico de Silvestre Pi-  
nheiro Ferreira.* Lisboa: Biblioteca Breve (Vol. 117), 1990.



{ Medalha PÉRICLES MORAES }

## — Abertura<sup>1</sup>

ARLINDO PORTO

Reabre mais uma vez, em noite engalanada pelas luzes da maior sensibilidade e fraternal alegria, as portas históricas de sua sede, este sodalício de letras amazônicas, para destacar a entrega anual das medalhas correspondentes ao Mérito Cultural Péricles Moraes, um evento que já se inscreveu, para sempre, no relicário das realizações desta Casa. Com isso, mais uma vez destacamos a gloriosa memória de um dos grandes luminares que alavancaram com seu trabalho e dedicação, muitos anos desta Academia das letras amazonenses, exaltando na figura do nominador do tradicional evento, a nossa perenal admiração e reconhecimento pelo dedicado trabalho.

Esperamos, com isso, estar levando mais uma vez ao mundo literário desta terra encantada de Ajuricaba a nossa contribuição estimuladora de novas figuras que se renovaram, ao longo dos anos, trazendo sua presença, como homenageados, a outros eventos como este, representativos de registros magníficos para a seara de atuação desta Academia.

Neste ano de 2012, os nomes dos homenageados, entre vivos e outros que, embora partidas para o Além, permanecem também vivos em nossa admiração, incluem os de Aurélio Michiles, que, pelo seu magnífico trabalho no campo da produção cinematográfica, levou o burilar desta arte à admiração da opinião pública nacional do poeta consagrado e membro desta Casa que foi o magnífico escritor Farias de Carvalho, este “in memoriam”, pois já convocado pela mão de Deus para a vivência espiritual no céu e, por fim, atendendo ao reconhecimento dos acadêmicos pela ação do mecenato, este ano tocará ao Colégio Dom Bosco, aqui representado pelo diretor dessa tradicional casa de ensino, o pe. Gilberto Theodoro Cucas, que terá, ele e seus colaboradores, através da medalha e do diploma homena-

<sup>1</sup>. Cerimônia realizada em Manaus, 27 de abril de 2012.

176 gem, a gratidão, assim como os demais homenageados, é a prova mais do que documentada, de quanto a intelectualidade acadêmica manifesta para comprovar, de público, esse pensamento que não é apenas seu, mas o de toda a opinião do Amazonas.

A Academia de Letras registra aqui o seu reconhecimento, neste instante, a todos quanto anexaram seu dedicado apoio a este evento, trazendo para o seu desenrolar a sua contribuição, como é o caso do Coral João Gomes Júnior, que através de suas vozes maravilhosas e da liderança preciosa de Cleomar Feitosa, registra em sons musicais a admiração de todos nós pela beleza desta noite.

Que outra e muitas outras solenidades como esta possam vir a ocorrer nesta Casa de Letras, renovando, ano após ano, a admiração e o reconhecimento de todos nós por tudo aquilo que de bom e elogiável se faça pelo progresso da cultura nestas plagas maravilhosas.



## — Agradecimento

AURÉLIO MICHILES

Não poderia optar por comemorar este maravilhoso momento se não fosse por uma revisitação na memória. Numa certa fase da vida começamos a refletir e a ligar os pontos vividos no passado que compõem a nossa trajetória, definindo as influências que nos formou. É possível que ninguém consiga chegar a uma conclusão, mesmo porque aquilo que possamos considerar como uma experiência pessoal descobre-se depois que ela pertence a toda uma geração e as suas circunstâncias dadas do momento, dando razão à máxima de Guimarães Rosa de que “viver é um negócio muito perigoso”.

O meu fazer da vida inteira é a arte de cineasta, e esta tem me dado muitas alegrias no exercício criativo em fazer filmes, contar histórias. Mas considero este momento algo muito especial em minha vida – sobretudo porque essa é uma oportunidade rara para fazer uma saudável revisitação pela memória.

Mas antes que continuemos, quero agradecer esta honraria por ter sido contemplado pela Academia Amazonense de Letras com a Medalha Péricles de Moraes, no mérito das ARTES. Com certeza uma escolha que me pegou de surpresa, daí o sabor desse reconhecimento ter um algo de muito especial. Quero ressaltar também o rigor na qualidade dos artistas que integraram a lista dos concorrentes.

Conto-lhes também quanto esta instituição faz parte do meu imaginário. Primeiramente pela sua edificação a qual na minha infância constituía um lugar misterioso, sempre com suas portas e janelas fechadas. Motivo pelo qual ouvia dizer: “– Aí é o lugar dos imortais”. A frase ecoava na mente de um jovem curioso como a imagem dos santos católicos cobertos com panos roxos. “I-mor-tais...”, pensava aos calafrios. A época imaginava a “imortalidade” como parte de alguma seita onde a alma daquelas pessoas não encontrasse o rumo do

178 caminho eterno. Todas essas coisas, conceitos e fantasias se misturavam numa alusão a expressão artística. De certa maneira, uma concepção dantesca da arte.

Depois, já na adolescência, descobri por meio do Dr. Geraldo Piniheiro, que neste lugar, nos idos do Brasil Império, localizava-se o Jardim Botânico de Manaus cuja interrupção se deu como resultado de disputas políticas. Quando se proclamou a República, os governantes que assumiram o poder no Amazonas identificaram, através do seu diretor e fundador do Jardim Botânico, Dr. João Barbosa Rodrigues, um imediato das forças pró-monarquia. Como a marcação de um território no lugar do Jardim Botânico de Manaus foi construída o imponente Instituto Benjamin Constant, justamente o ideólogo positivista, um dos personagens protagonistas da proclamação da República no Brasil.

Isso é fato e aconteceu justamente quando se construiu outras monumentais edificações, por exemplo, o Teatro Amazonas. Ironicamente, neste mesmo momento, lamentavelmente extinguiu-se o Jardim Botânico de Manaus, na região onde existe a mais importante floresta do planeta. Esse episódio demonstra como, muitas vezes, aqueles que detêm o poder, acabam sacrificando o legado de um povo, de uma cultura ou de uma civilização em detrimento ao interesse menor, imediato.

Barbosa Rodrigues fixou residência no Rio de Janeiro onde se tornou diretor do Jardim Botânico daquela cidade, mas sem antes levar em sua bagagem muitas espécies da flora amazônica, aquelas que até hoje podemos admirá-las que, inclusive, inspirou clássicas composições de Antonio Carlos Brasileiro Jobim. A passagem do Dr. João Barbosa Rodrigues na diretoria do Jardim Botânico do Rio de Janeiro foi tão marcante que a revista oficial dessa instituição chama-se "Rodriguésia", em sua homenagem. Quem saiu perdendo?

Na minha adolescência morava no epicentro de Manaus. Era uma cidade provinciana, mas orgulhosa do seu passado ainda sob a sombra da riqueza gerada de uma única planta de seu banco genético – a seringueira, a borracha, o látex.

Vivia-se no mundo radiofônico, enquanto a minha geração no resto do Brasil já experimentava o contato com as novas mídias, por

exemplo, a televisão. Mas isso não foi uma limitação, foi uma vantagem porque deu tempo ainda para se alimentar da cultura letrada, livresca e cinematográfica. Outra vantagem foi o acesso afetivo e instrutivo às histórias contadas por nossas “sherazades caboclas” – aquelas moças que vinham a trabalhar como domésticas e, através delas, descobria-se um mundo fantástico, real, imaginário que navegava desde o interior da nossa ancestralidade.

Por outro lado, o fato de crescermos cercados de edificações monumentais e termos como referência um templo cultural, não uma igreja ou catedral, era simplesmente uma forte presença das artes. Isso pode ter significado tudo para todos nós, que crescemos nesta Manaus, que se transforma logo imediatamente com a instalação efetiva da Zona Franca.

Essa ideia da Zona Franca, como é sabido por todos nós, surgiu no final dos anos 50, quase simultaneamente, outros amazonenses faziam um movimento pela criação do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – o Inpa. O incrível desta história é, como que esses dois importantes eventos, passados mais de meio século não se cruzaram, sedimentando parcerias e responsabilidades? Diante desse paradoxo amazonense, sou levado a recorrer ao poeta Quintino Cunha quando diz: “Se estes dois rios fôssemos, Maria,/ Todas as vezes que nos encontramos,/ Que Amazonas de amor não sairia/ De mim, de ti, de nós que nos amamos!...”.

Tanto ontem como hoje, precisamos criar as condições para propiciar esses encontros. Afastar os desencontros. Esses encontros são fundamentais para respondermos com responsabilidades os desafios que temos diante do quintal da nossa casa. O exemplo da extinção do Jardim Botânico de Manaus ainda permanece como uma lição, uma espinha de peixe na garganta. Que amazonense discordaria?

Retomo ao passeio formador da minha afetividade artística e cultural pela cidade de Manaus. Lá da minha casa, na rua Saldanha Marinho, avistava cotidianamente o Teatro Amazonas. Ouvia as badaladas do relógio da Igreja de São Sebastião (até hoje, quando em vez, esteja em qualquer parte do mundo, desperto ouvindo esse sino). Manaus é como cantou o poeta Anibal Beça: “ao invés da gente morar nela, é ela que mora na gente”.

Caso quisesse caminhar quase cem metros, à esquerda da minha casa, indo pela rua Barroso, logo me via entre livros e o silêncio da alimentação do saber – na Biblioteca Pública, Pinacoteca, onde tive aulas com mestres como Álvaro Páscoa, Moacir Andrade e Manoel Borges, nesse mesmo lugar onde funcionava o Cineclube.

Descendo a rua Saldanha Marinho na esquina da avenida Eduardo Ribeiro havia o Cine Odeon, e mais adiante o Cine Avenida. Por aí se encontrava, também, a redação do *O Jornal* e o *Diário da Tarde*, o *Jornal do Comércio*, *A Gazeta* e *A Crítica*; as rádios Baré, Difusora e Rádio Rio Mar. Lá no alto na ladeira da Saldanha Marinho, perto do bairro do Céu, localizava-se o Colégio Dom Bosco, mas aí é outra história. Caso subisse ao contrário, pela avenida Sete de Setembro, encontrava-se o Colégio Estadual do Amazonas, a praça Heliodoro Balbi (praça da Polícia), o Cine Polytheama, Guarany e o Café do Pina com todos os seus significados – era frequentado pelos poetas, artistas e políticos.

Nesse tempo, éramos jovens ginásianos ávidos pelo saber, abertos ao que viesse, fosse o que fosse, desafiávamos o proibido proibir, naqueles tempos quando o Brasil, sob uma ditadura, ensaiava o cerceamento total das liberdades. E o que poderia fazer um grupo de adolescentes, prontos a questionar, qualificar-se para o futuro? Lá fora, no exterior, o mundo tremia diante da rebeldia juvenil, e nós deveríamos ficar fora dessa festa?

Afinal, para que serviria todo aquele aparato de edificações referentes às artes e que nos cercava naquela cidade de 300 mil habitantes? Foi quando decidimos no Colégio Estadual do Amazonas editar o jornal estudantil *O Elemento 106*, um título estranho, não é mesmo? Hoje, espiando pelas frestas do nosso passado, posso afirmar que ele expressava nossos sentimentos, sim, julgávamos especiais, daí escolhermos ser o centésimo sexto elemento da natureza. Naquela época, nas aulas de Química e Física, aprendemos que havia somente cinco elementos.

Tudo isso acontecia simultaneamente à criação de um grupo de estudos para exercer a criatividade, sonhávamos alto, seguir o exemplo do movimento nativista da Cabanagem, mas, para isso, acreditávamos, deveríamos desenvolver os poderes de nossa percepção,

quer dizer, adquirir qualidades telepáticas. E diante dos cerceamentos em que nos encontrava, e também porque não nos identificávamos com as forças de oposição tal como elas estavam ao alcance das nossas análises juvenis; logo nos identificamos com a contracultura – a onda que vinha através do movimento paz e amor, como se dizia: “Se você é um hippie que se dane o capitalismo”.

A transgressão como palavra mágica, exatamente a chave que poderia nos abrir as portas da percepção. O nosso grupo se reunia no porão da casa do Narciso Lobo, dali partimos para formar uma diretoria que dirigisse a Uesa – União dos Estudantes Secundaristas do Amazonas, e foi o que aconteceu, ganhamos as eleições, sob a presidência de Plínio Ramos Coelho Jr.

Assim que tomamos posse, revitalizamos *O Elo*, jornal estudantil e também sob o entusiasmo de Erasmo Linhares, diretor da Rádio Rio Mar, dinamizamos o programa radiofônico estudantil “Panorama”. Movidos pela audácia juvenil, não considerávamos as adversidades possíveis da repressão política que marcava com chumbo quente aqueles tempos. Ainda nos porões da casa do Milton Hatoum, entre os volumes da *Enciclopédia Britânica* e livros clássicos da literatura brasileira, formou-se um grupo de rock, ao qual Milton dava a voz, mais adiante cantaria mais forte na forma de literatura; uma das melhores de nossa contemporaneidade.

Todos desse grupo trilharam caminhos profissionais nesta vida, muitos infelizmente apressadinhos já se encontram na outra margem do rio, partiram cedo demais. Mesmo assim deixaram plantado no quintal da nossa casa férteis sementes para as novas gerações.

Na formação do nosso conhecimento, fomos buscá-lo onde havia sinais do saber. Logo estávamos diante de uma mãe de santo, espírita kadercista, comunista marxista-leninista – o leque das opções se abriu. O conhecimento era plural, não tinha sexo, religião, cor, raça, apenas a magia das descobertas, e essas exigiam um compromisso, este sim, tinha nome e sobrenome: a defesa dos nossos ideais, aqueles que se encontravam e se encontram entrelaçados com uma sociedade comprometida com a liberdade e as demandas sociais e ambientais. E por causa disso, alguns de nós, entre eles me incluo, sofremos nos cárceres da ditadura.

Enquanto procurávamos personagens ícones para nossa formação, eles na verdade encontravam-se perto de nós, fomos acolhidos e adotados pelo português, o escultor e xilogravurista Álvaro Páscoa ou como acostumamos chamá-lo “Mestre Páscoa”. Em sua casa, toda a noite nos reuníamos para, de uma forma espontânea, aprender algo, mesmo que nós nem percebêssemos o real significado desse legado. Foi como os discípulos dos primeiros filósofos gregos, o conhecimento fazia parte de uma ação prazerosa, nada era sacrifício. Foi um jogo muito bom de jogar.

Ao mestre Páscoa, a minha e a nossa gratidão. Havia outros mestres, e a cada um de nós os elegia como preferência, não me cabe aqui denominá-los, mas posso citá-los no geral: os contos de Arthur Engrácio, a poesia de Thiago de Mello, Elson Farias, Jorge Tufic, Luiz Bacellar, Aldisio Filgueiras e Farias de Carvalho, no romance *Chuva Branca* de Paulo Jacob, no maestro Nivaldo Santiago e no compositor Claudio Santoro, na dinamização cultural de Luiz Maximino Corrêa, na arte de Moacir Andrade, na historiografia amazonense do professor Mário Ypiranga Monteiro, na obra de Arthur César Ferreira Reis, nas reflexões amazônicas do Dr. Djalma Batista e na prosa sobre tudo e o nada com o professor Theodoro Botinnely.

No cinema havia os que nos despertavam para a educação do olhar, aqui encontramos Cosme Alves Netto, Óscar Ramos, padre Ruas, Guanabara Araújo, Ivens Lima, Márcio Souza, Joaquim Marinho e José Gaspar.

Nesses tempos, meus amigos, Manaus era uma farra, e não poderia ser diferente. Éramos jovens entre 13 a 15 anos e o abismo nos atraía feito “o barco bêbado” de Rimbaud.

A nossa cidade ainda vivia imersa numa paisagem agônica entre as casas-velhas, como se dizia, e habitada por pitorescos personagens que sobram do fausto, seja como decadência ou nostalgia, não importa, o certo que todos nós carregávamos uma dor: a perda das possibilidades objetivas da economia da borracha.

Hoje, nesta noite e neste lugar, encontram-se personalidades dos vários seguimentos do conhecimento humano, a reserva moral e intelectual sobre a permanência do legado da nossa região. Hoje, também, tenho como parceiro desta homenagem nada mais que o

professor, ator e poeta Carlos Farias Ouro de Carvalho, ele que escolheu como temática poética, e de uma maneira universal, o povo. Sim, o personagem que abrange todos os anseios, aquele genérico humano, mas substantivo na mobilização da sociedade. Farias de Carvalho, o poeta, cantou com otimismo sobre as conquistas, os engenhos que fazem do Homem um animal singular, sim, justamente aquele que nos dias presentes ameaça levar a destruição do planeta Terra, somente pela exploração à exaustão dos recursos naturais.

A Amazônia tem sido e muito mais nos dias contemporâneos uma referência emblemática, uma personagem dessa anunciada tragédia, mas também aos negócios relacionados à biopirataria. E aqui quero me reportar à ação articulada que resultou no contrabando das sementes da seringueira. Essa única planta do nosso Banco Genético que transformou radicalmente a permanência do Homem no Planeta Terra.

Não estou querendo fazer uma mera revisão nostálgica. Aproveito, porém, que este ano completa um século quando a Amazônia deixou de produzir mais borracha que o resto do mundo, e viu o modo de produção extrativista naufragar diante do modo de produção em cultivo. Tudo isso aconteceu por consequência da teimosia em se ignorar os investimentos em pesquisa e tecnologia. Talvez, quem sabe, caso permanecesse existindo o Jardim Botânico de Manaus, ou mesmo nesse binômio Inpa-Suframa, aí fosse engendrado a necessidade da parceria em pesquisas científicas, aonde surgiria como consequência respostas para aqueles desafios que os nossos antepassados se defrontaram faz tempo... Tempo... Tempo...

Outro dia o meu filho disse-me: “- Pai, esse negócio de tempo é muito complicado”. E é mesmo, tanto que encontramos esse tema como recorrência na obra de vários poetas, por exemplo, na *Cartilha do Bem Amar com Lições de Bem Sofrer* de Farias de Carvalho: “Ah! Tempo, tempo malvado/ tempo, você me enganou”.

Outro poeta, o modernista Oswald de Andrade: “Tudo é tempo e contratempo. O tempo é eterno”.

Cazuza, numa das suas memoráveis canções, não titubeou: “O tempo não para, não para”.

O tempo como o terreno da destruição e sua memória, como aparece em obras de Heidegger, *O Ser e o Tempo* e também em Sartre, *O Ser e o Nada*. Em todos, tanto na esfera da arte, da poesia e da filosofia, a ideia permanente é que “cada acabar fica guardado no começar” – ideia que poderia bem ter sido escrita por Guimarães Rosa, mas está em Heidegger.

Os trabalhadores da criação, apesar de alheios ou não, muitas vezes conseguem transformar suas obras num testemunho singular da sua época. Essas obras sejam na literatura, música, teatro, cinema ou nas artes plásticas, elas são partes objetivas da realidade em que foram criadas. Nesse sentido, podemos identificar uma relação dinâmica entre o trabalho físico e o intelectual, numa relação de mútua dependência. Colocadas hoje, parece até que sempre foram compreendidas dessa maneira. No entanto, demorou séculos para os homens compreenderem o diálogo entre as forças produtivas e a história da criatividade artística e intelectual. Correu muito sangue nesse rio-mar de conflitos.

Aqueles impressos afixados nos muros dos séculos 19 e 20, hoje circulam virtualmente na internet – nas “redes sociais”, onde cada cidadão, cada indivíduo, tem diante de si o mundo inteiro para expressar e fazer multiplicar suas ideias planetariamente. O homem coletivo recuou para as cavernas cibernéticas, e é daí que envia seus mísseis virais, capazes de derrubar, inclusive, governos. No mais, cremos que a arte como todo conhecimento não se encontra isolada em algum lugar, pronta para um *download* no computador de um incauto artista ou cientista. A arte, a ciência, a tecnologia, a economia e a política são reflexos daquilo que a sociedade engendra, não somente reflexos, muitas vezes respostas.

E para encerrar, compartilho com vocês, meus amigos, um pouco do legado do professor, ator e poeta Farias de Carvalho, neste poema que declamarei, ele expressa um sentimento particular, mas que se transforma num sentimento do mundo.

Mas antes de recitá-lo, quero agradecer eternamente aos aqui citados anonimamente como “nós” que podem perfeitamente ser chamados de Narciso Lobo, Hanneman Bacelar, Plínio Ramos Coelho Jr., Ilton Oliveira, Mauricio Pollari, Antonio José da Costa – TomZé, Car-

los Michiles, Regina Farias Páscoa, Enéas Valle, Claudia Silva, Amecy Bentes, Maria das Graças Barreto e Milton Hatoum. E mesmo que naquela época ele e a sua importância histórica nos parecia invisível, quero homenagear também o pioneiro do cinema Silvino Santos.

SONETO QUINTO DA INFÂNCIA – O VASCO DO GUARANY

*Seu Vasco, eu tenho só quinhentos réis,  
Deixa eu entrar? Eu vou pra Galeria...  
Ele encuiava as mãos, caíam os níqueis,  
E a meninada, aos empurrões, subia;*

*Quanto garoto lhe ficou devendo  
o sabor – deliciosas emoções  
dos primeiros encontros com os cowboys  
tiroteando em cavalos e em vagões!*

*- A vida, Vasco, é como o teu cinema:  
uns têm bilhete inteiro, outros têm meio,  
a maior parte, fora, sem bilhete;*

*e o mais duro (o mais triste!) é que entre os donos  
das plateias imensas deste mundo  
existem poucos, muito poucos Vascos!*

{ PORTFÓLIO }

## — Álvaro Páscoa

LUCIANE PÁSCOA, *professora*

A obra de Álvaro Páscoa compreende um período que se estende desde a sua adolescência, na primeira metade da década de 30, até a primeira metade da década de 90. Das obras feitas em Portugal, ou seja, até 1958, restam muito menos exemplares do que as realizadas no Brasil, entre 1959 e 1997. A etapa lusitana está composta dos primeiros estudos em escultura sobre madeira, metal martelado, marfim, evidenciando uma fase de experimentos. No período de 1959 até 1970, o artista dedicou-se à obra gráfica, nomeadamente a xilogravura e o desenho. Acredita-se que a escolha dessas linguagens estivesse relacionada tanto com a sua participação ativa no Clube da Madrugada (pois nessa fase ele contribuiu com suas ilustrações tanto para o suplemento literário Caderno Madrugada quanto para diversas obras literárias de autores que poderiam estar ligados direta ou indiretamente ao movimento) quanto com o despertar do interesse em Portugal na década de 1950 pela gravura em madeira por meio da Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses. Desenvolveu pontualmente desenhos em sanguínea, nanquim e pastel seco, sendo que esses desenhos muitas vezes eram realizados como estudos ou fragmentos de um projeto maior, que poderia ser uma talha ou uma escultura em madeira. Posteriormente, mais interessado em pesquisar os volumes e as texturas, dedicou-se à talha, entre a década de 1970 e 1980. Na década de 1980 Páscoa retomou os desenhos com pastel seco, sua técnica preferida na utilização de cores. No final dos anos 80 até cerca de 1993, dedicou-se apenas ao desenho e à talha.

Sua obra é fundamentada a partir de uma figuração humana de pendor neorrealista e expressionista, personagem essa por vezes isolada em seu mundo interior, por vezes ligada ao seu ambiente de origem, em cenas de trabalho e em cenas de costumes. Em determinados

188 momentos, a figura humana é representada como símbolo de uma coletividade, onde é possível vislumbrar os traços fisionômicos de uma identidade cabocla; certas obras refletem o personagem humano em uma atitude, seja diante do seu trabalho, ou diante da natureza, que nesse caso não é somente decorativa na composição. No conjunto de sua obra gráfica, pode ser observada a condição humana e sua luta pela sobrevivência na paisagem rural e urbana. Esse, aliás, um dos pontos de aproximação entre Neorealismo e Expressionismo, a valorização da denúncia social associada a elementos laborais ou de identificação de classe. Álvaro Páscoa não apenas reproduz o mundo à sua volta, mas o faz imbuído de sua carga ideológica que permite ligação ao seu contexto, fundamentado no seu ideário comum que se reflete em sua dimensão poética.





{ CRÔNICAS }

## — Pássaros e bouganvilles

JOSÉ BRAGA

*Cantar de Andarilho*

*Não tenho pátria  
determinada  
nem tenho pressa  
nesta jornada  
só esta sede  
que têm meus olhos  
de ver e ver  
e este incontido  
impulso de asas  
sobre meus pés*

Alencar e Silva, *Lunamarga*, 1982.

Nenhum outro cenário seria mais acolhedor para o descanso do poeta. Alencar e Silva viveu seus derradeiros dias em Santa Teresa, no Rio de Janeiro, cercado de pássaros e bouganvilles.

Encravado no coração da cidade numa colina de floresta tropical, antigo morro do Desterro, o pitoresco bairro nasceu no início do século 18 nos arredores da Igreja e do Convento de Santa Teresa, da Ordem das Carmelitas Descalças que realizam ali, ainda hoje, a sua missão de fé sob o signo espiritual da simplicidade, discrição e humildade.

Com suas ladeiras tortuosas, escadarias de pedra-sabão, vielas e ruas, o casario antigo, suas chácaras e mansões inspiradas na arquitetura francesa, marco da imigração europeia, o bairro foi ocupado inicialmente pela classe alta para fugir da epidemia de febre amarela, conservando sinais da velha aristocracia.

Reduto de intelectuais e artistas, acadêmicos e poetas, Santa, como preferem os mais aficionados, é hoje um dos centros culturais e turísticos mais importantes do Rio, com seus bares e restaurantes agitados, museus, ateliês, feiras e festas populares, considerado por muitos o “Montmartre carioca”.

Inaugurado em 1872, o bondinho amarelo de Santa Teresa parece um adorno do céu na paisagem humana da cidade. Atravessando soberanamente os Arcos da Lapa, abraça centenas de visitantes e moradores transportando-os todos os dias sobre dormentes e trilhos fixados no morro.

Santa guarda em tudo e em cada canto um pouco da história do Rio e da fisionomia mesma do Brasil, e o que restou de melhor da cidade boêmia, pacata e alegre de outros tempos.

No alto da verde colina, onde a natureza parece tocar o céu, recolheu-se Alencar e Silva para os cuidados da saúde, nos braços amorosos de Nair, esposa extremada; Epitácio, Rita, Cecília, Hilma e Saulo, filhos dedicados, e o afeto dos netinhos carinhosos.

Sabendo-o enfermo, fui ao Rio levar ao querido amigo o conforto pessoal e dos pares, visitando-o no dia 10 de setembro no Hospital Silvestre, no leito branco em que convalescia convicto na fé.

A dor não lhe retirara o olhar sereno, a voz delicada, a polidez no trato, os gestos comedidos. Pedi-lhe me autorizasse a editar pela Academia a seleção de sonetos que Jorge Tufic organizara com Hilma, herdeira de muitos talentos e artista de grande sensibilidade. Emocionou-se o poeta. Beijei-lhe a fronte comovido. No píncaro do Corcovado, que se descerrava ao longe pela janela do quarto, esplendia a imagem do Cristo Redentor. Consolava-nos a esperança!

Domingo, 25 de setembro. Quase noite. Despediram-se os pássaros em sinfonia. Última oferenda. Levado pelas estrelas, silenciou o poeta.

Alencar e Silva completara 81 anos no dia 21 de setembro. Caminho sem pressa o peregrino, com suas “sandálias de apóstolo da poesia”, como disse Max Carpentier ao recebê-lo na Academia na noite de 7 de agosto de 1992, na Cadeira 23 de Cruz e Sousa. Vida exemplar a serviço do bem e da beleza. Dezenove anos de fraterna convivência nesta Casa.

Tomado de grande tristeza, voltei ao Rio para o adeus ao andari-lho no seu voo à eternidade. Bernardo Cabral, confrade ilustre, viveu comigo a emoção da homenagem. Ao nosso lado, Astrid Cabral e Renato Farias de Carvalho participaram da despedida, entre os muitos conterrâneos e amigos que se solidarizavam pesarosos na pequena Capela do Caju.

Alencar e Silva não chegaria a festejar conosco o seu último livro, *Sonetos reunidos*, com o qual concluímos o projeto editorial da Academia e nossa administração em 2011, mas Hilma e Epitácio autografaram a obra na sessão de encerramento do ano acadêmico, no dia 18 de dezembro, homenagem desta Casa à memória do escritor. Compartilhando esta página de saudade, peço aos confrades Jorge Tufic e Max Carphentier, amigos-irmãos do poeta, as palavras deradeiras.

Tufic:

*Hoje, dia 25 de setembro de 2011, se aparta de nós o poeta-irmão Joaquim de Alencar e Silva (o Neto, como sempre foi chamado), e, em seu lugar, nesse Rio de Janeiro que ele tanto amara, fica a primavera recém-chegada, somando às flores do seu velório uma galáxia de bulgaris, e crisântemos, numa festa também de rosas ao lírico de Lunamarga e tantos outros livros de sua autoria.*

*Para mim, que devo tudo o que sou a ele, no que tange ao saber e o aprendizado das letras, a notícia dada pelo Max a Isabel, pelo telefone, encontrando-me eu ausente de casa, conseguiu nos abalar como se o mundo acabasse de ser atingido por aquele meteoro de que nos fala Henri Klibnik, autor de La Grande Peur de Lan 2000.*

*Alguns meses antes, estivemos juntos, ajudados pela Hilma, sua filha, na escolha de 200 sonetos de todos os seus livros, para futura publicação, cujo prefácio escrevi, tomado por uma alegria e um orgulho imensamente juvenis, chegando a sentir-me azul diante desse mistério narcísico, segundo uma parábola de Oscar Wilde, em que o discípulo se vê como se fosse o mestre, olhando-se em seus olhos.*

*Alencar e Silva tinha a consciência de sua angelitude. Ele vibrava quando, ao recitar o seu Cantar de Andarilho, confessava 'este incontido impulso de asas sobre meus pés'. Andanças de anjo, exílio benfazejo na transitoriedade amarga. Harpas alternadas conjugando a alegria de portador da palavra do Mistério e a saudade da Origem.*

*Agora, com os olhos mais aptos à contemplação pelo efeito do relâmpago de eternidade que o fez retornar, podemos avaliar essencialmente e agradecer melhor o presente de sua vinda.*

*Agora frequentemos com a ternura maior da gratidão as dimensões sagradas que nos revelou na beleza salvadora da poesia.*

“Apóstolo da poesia”, Alencar e Silva fez da palavra o instrumento maior de sua humanidade. Festejando a eterna presença do poeta, guardemos sua profissão de fé pronunciada da tribuna centenária desta Casa ao transpor o pórtico da imortalidade acadêmica:

*No princípio, como agora e por toda a eternidade, era, é e será sempre o verbo a fazer luz em nosso espírito. Qualquer que seja o caminho, a vereda ou a estrada real que tomemos para o périplo que a cada um de nós cumpre realizar em torno de nossa existência. Em torno de nós mesmos e de nossas circunstâncias. É sempre o verbo, é sempre a palavra, em seu mistério fundamental, a difundir e a fazer brilhar os seus dons em nossa indumentária carnal, a abrir-nos os olhos para a beleza e as maravilhas da Criação e a iluminar-nos o espírito para as cogitações do Criador, como que a preparar-nos para o sonhado instante supremo em que nos seja dado dialogar com a Divindade e assim consumir o nosso aprendizado no Planeta azul.*

Fiquemos para sempre com a fraternidade do seu canto iluminado!

## — Uma espécie em extinção

ARLINDO PORTO

De tudo quanto está acontecendo no país, sobrevive apenas uma triste constatação, a de que, como os dinossauros, que um dia viveram sobre a crosta deste planeta e que desapareceram engolidos por causas misteriosas, também uma espécie vivente está em extinção no Brasil: a dos homens de bem.

Honestidade neste país virou palavrão. Brasileiro é considerado besta, quando passou por cargos públicos, ocupou funções de destaque, engordou seu currículo com episódios em que a verticalidade do seu caráter serviu de exemplo, lidou com dinheiros gordos sem se apossar de boa parte deles, e apesar de tudo isso, permanece pobre.

Feio, desconforme e até meio desengonçado, tal como os dinossauros, seus similares na pré-história, quando aqueles animais caminhavam pesadamente assustando os bichos menores com a sua presença, assim o homem de bem, no Brasil, é um estorvo para a esmagadora maioria. Ele não se adapta aos costumes gerais. Ele não concorda em pagar nem em receber propinas, chegando mesmo a se irritar quando lhe oferecem comissões. Entende que os negócios devem ser feitos com lisura e transparência e que as pessoas devem ser pagas pelo que merecem e não pela proteção de alguém. O homem de bem é leal aos seus amigos e serve sem jamais esperar compensações.

Tal como os dinossauros que se extinguíram um dia e nunca mais voltaram a aparecer, a não ser com a sua ossada reproduzida em fósseis, o homem de bem não bajula, não incensa, não calunia, não cede em suas convicções para obter favores.

Alguns poucos ainda o admiram e ainda buscam colher nele exemplos que, com algum esforço, podem ser esporadicamente imitados.

Mas a maioria das pessoas o detesta, pois o homem de bem, tal como os dinossauros, destoa do mundo em que ela, a maioria, vive

196 e aceita como natural. Para muita gente, o homem de bem é uma anomalia.

Cada homem de bem que morre não é mais substituído, como antigamente ocorria, e a raça vai se extinguindo. Dia chegará em que não restará mais nenhum deles, sepultados que serão, tal como os dinossauros, por camadas e camadas de terra.

E tal como aconteceu com os grandes e mal-enjambrados bichos que a pré-história engoliu, desse espécime em extinção só restarão apenas alguns esqueletos em museus do futuro, reconstituídos para o estudo de uns poucos curiosos.

Mas mesmo esses curiosos olharão então para aqueles esqueletos de homens cuja característica maior será a espinha dorsal retilínea e sem curvas, dizendo uns para os outros: “Eles eram uns chatos...”.



## — A mansão das lágrimas

ANTONIO LOUREIRO

Na primeira década do século passado, as terras atravessadas pelo que é hoje a avenida Joaquim Nabuco, começaram a ser ocupadas por belos palacetes pertencentes a algumas famílias abastadas de Manaus, grupo social constituído pelos políticos do alto escalão, desembargadores, uns poucos financiadores de seringais e exportadores de borracha, e por alguns profissionais liberais, médicos e advogados de destaque.

A avenida era calçada com o célebre arenito vermelho de Manaus, com alguns trechos dos paralelepípedos vindos de Portugal, a 1\$000 cada, servindo de lastro para os navios ingleses, e possuía uma linha de bondes saindo da praça Oswaldo Cruz, subindo a rua Miranda Leão, contornando a Igreja dos Remédios e a alcançando a altura do Palacete Silvério Nery. Iniciava-se na beira do rio, no meio de velhos sobrados e seguia passando pelo Canto do Quintela, pelo Hospital da Sociedade Portuguesa Beneficente, a mercearia do alto de Nazaré, o ferro de engomar, na sua junção com a Silva Ramos, terminando na escorregadia subida para o Mocó, sem atingir o Entroncamento e o Seringal Mirim.

Muitas das antigas casas e palacetes que a ladeavam ainda permanecem de pé, em boas condições, enquanto outras estão sendo transformadas em ruínas, por uma legislação cega, que nada contempla para as suas preservações. Grande parte delas já foi demolida, ou teve as suas fachadas arquitetônicas alteradas, pela insensibilidade de seus proprietários, no momento em que essa bela artéria transformou-se em uma imensa *Itamaracá*, ela que antes fora a avenida Paulista dos manauenses.

Todos aqueles antigos casarões têm as suas histórias, mas a da Mansão das Lágrimas atravessou os tempos.

Contam que, no princípio, houve o contrato entre o proprietário do terreno, um poderoso jurista, e um português construtor, cujos nomes se perderam com o tempo, em que este se comprometia a construir uma bela casa, da qual só receberia o valor integral quando estivesse pronta.

Passaram-se os meses e o lusitano tudo providenciou, ali gastando uma fortuna, com material da melhor qualidade, do que fui testemunho, pois ainda adquiri algumas telhas francesas de Marselha, dela retirada, quando o seu telhado foi substituído por fibra de amianto. Ainda hoje estão inteiras, em uma casa de um sítio que foi de minha propriedade, na estrada do Tarumã.

Ao terminar a obra, o magistrado mudou-se para sua nova casa, esquecendo-se completamente do pagamento.

Depois de muitas delongas o construtor português conseguiu marcar uma data para o recebimento da quantia de duzentos contos de réis, quanto lhe custara construir aquele belo imóvel.

Naquele dia, após preparar o recibo necessário, foi receber o pagamento, ali na avenida Joaquim Nabuco.

O morador, tratando-o rispidamente, mandou-o entrar e solicitou o recibo, que lhe foi entregue. Dirigindo-se a outra sala e, depois de algum tempo, voltou, logo perguntando ao empreiteiro o que ainda ali fazia.

– Espero o pagamento, retrucou.

Uma voz irritada respondeu-lhe:

– O quê? Eu já o paguei e o recibo está em meu poder.

– Mas...

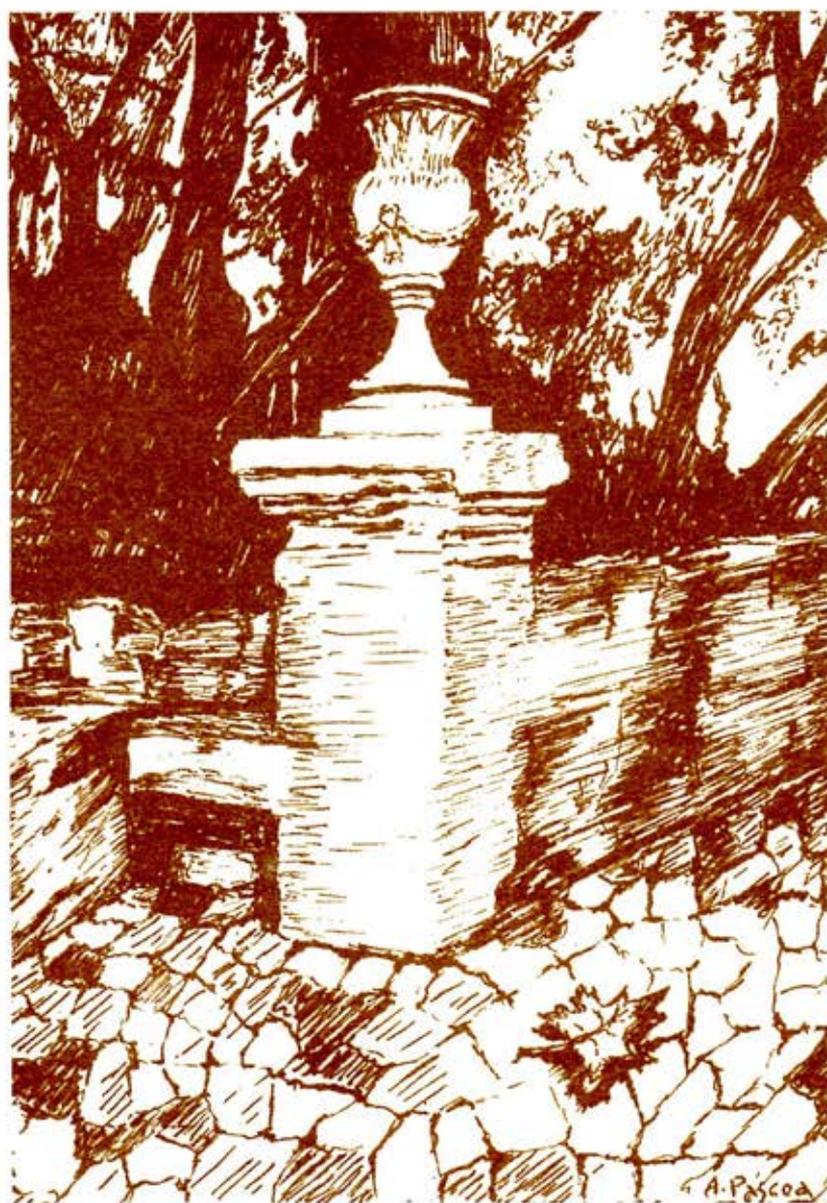
– Nada de mas..., mas... Soldados, expulsem este impostor de minha casa.

De nada valeram os rogos do infeliz.

Chegando a casa, sentindo-se deprimido com que acontecera, suicidou-se disparando um tiro em sua frente.

Daí para frente, meses a fio, a viúva e os filhos do inditoso iam todos os dias chorar à porta da mansão, passando fome e necessidades, pedindo o pagamento jamais realizado.

Dizem que, até hoje, choros de crianças são ouvidos, naquela parte 199  
da cidade, nas horas mortas e silenciosas de lua nova, quando a es-  
curidão tudo encobre.



## — Manaus de ontem e de hoje

ABRAHIM BAZE

Se a arquitetura é o símbolo mais visível de uma sociedade, a fisionomia urbana de Manaus reflete bem o espírito da sociedade que nasceu aqui em 1669. Não se trata de uma frase, ou de simples generalização sociológica, posso garantir. Na verdade, a nossa arquitetura – mais antiga – exprime uma atitude emocional e consequentemente estética de um período da burguesia enriquecida pela exportação do látex.

Manaus que despertou admiração de tantos imigrantes brasileiros e estrangeiros, cuja primeira década de 1900 marcou uma época. É verdade, de uma aldeota dos índios Manáos, o antigo Lugar da Barra se transformou em um dos mais importantes centros de atividade industrial e comercial do mundo tropical, graças à vitalidade econômica do parque industrial. E consequentemente lhe deu vida e riqueza, por meio de seu comércio de longo alcance.

Manaus daquele período veio conhecer o gosto e a experiência de países extra-americanos onde sua burguesia buscava inspirações. As viagens à Europa eram ocorrência de rotina para aqueles que viviam aqui. Era uma sociedade buscando o conhecimento e firmando-se como força civilizadora, que hoje não é diferente: o velho continente continua a fascinar.

Cidade de colinas suaves, a capital do Estado do Amazonas desdobrava-se em visões múltiplas para visitantes que cruzam avenidas de seu lúcido urbanismo. E não deixa de impressionar a obra urbanizadora creditada ao governador Eduardo Ribeiro. Vale lembrar que a topografia da cidade, antes de Eduardo Ribeiro, vislumbravam-se cortes hidrográficos de vários igarapés que serpenteavam a cidade, como: o do Salgado, Castelhana, do Espírito Santo, de Manaus, da Cachoeirinha, São Raimundo e Educandos.

Manaus da *Belle Époque* de tantos casarões que a modernidade dos teus sonhos recuperou para não perdê-los. Manaus dos teus desenganos e, por que não, do teu amanhã de uma Amazônia iluminada. Manaus soberbamente cocotte, a mostrar sua arquitetura construída no período da borracha. Ah! Manaus, quanta saudade. E, perdoe-me a pretensão de querer ver-te na sedução do teu passado.

Manaus, minha cidade querida, afogo-me em nostalgia do teu passado glorioso, ao despertar com o cântico dos pássaros à espera de um amanhã venturoso, cujo polo industrial a mover tua economia. De uns tempos para cá, aprendemos preservar os teus retratos, guardar as tuas ruínas, recolher teus pedaços e, a partir deles, reinventar teus sonhos, de uma Manaus de outrora.

Te fotografar na minha mente é apropriar-me de retratos múltiplos e variados na beleza dos tempos de antanho no Largo de São Sebastião. Do Palacete Bessa na rua Dr. Almino, cercado de árvores, uma residência das mais tradicionais. Casarão português de dois andares, pé direito alto e gradios de ferro *Art Nouveau*. O Palacete Mello Rezende, na praça dos Remédios, a espelhar o bom gosto de seus moradores, que dividiam seu tempo em Manaus e Paris. É sem dúvida uma cidade cheia de palacetes, além de casas assolaradas, todas com porões, seguindo o academicismo francês já dominado pelo estilo *Art Nouveau*.

Sobrados portugueses, de dois e três andares, com aplicação de azulejos, proliferaram na cidade. São criações de mestres de obras lusitanos que tentavam reproduzir um tanto sentimentalmente a paisagem de Lisboa ou do Porto.

Também te vejo – e nem por isso não menos querida, como o Distrito Industrial a sacudir a sonolência de um período não muito distante do fausto da borracha, com a frivolidade do teu comércio e de tuas exportações. Já não somos as noites da luz de velas e lamparinas ou lâmpioes perdendo seus brilhos para o sol que acabara de nascer, reluzindo frenesi de suor na pele morena de tuas meninas-moças dos arrabaldes da cidade.

Ah! Manaus querida, guardo saudade da hora do angelus e o canto das cigarras, cúmplice da missa das 18 horas no Largo de São Sebastião. Parabéns, Manaus, e até um outro encontro!

{ CONTO }

## — O soldado da borracha

FRANCISCO VASCONCELOS

O grito do seringueiro Valdemar ecoou floresta adentro, fazendo calar os ruidosos sons da bicharada noturna. Cearense, acostumado à dureza dos sertões nordestinos, aquele homem era um dos que passaram a viver isolados na misteriosa e, para muitos, fantasmagórica hileia, lá no “centro”, como era costume falar das regiões mais centrais e distantes daquele mundo sem-fim da Amazônia Ocidental produtora de borracha. Para ali fora atraído pela colorida propaganda espalhada Brasil afora, o verde e o amarelo da bandeira nacional predominando na policromia de bem elaborados cartazes; as estradas de seringa, certinhas, limpas de quaisquer obstáculos; as seringueiras enfileiradas, uma pertinho da outra, em linha reta, era só cortar. Na verdade, riscar a *madeira* e logo ver o leite jorrar e seguir o sulco aberto na casca do ubertoso caule, até alcançar a tijelinha de flandres estrategicamente colocada a alguns centímetros abaixo. Que poderia haver de melhor e mais certo?

Valdemar lembrava tudo aquilo com grande indignação e maior tristeza. Por que caíra na esparrela de acreditar em tamanha mentira? Fora enganado, sim. De qualquer modo, aquela escolha o livrara de bandear-se para o cangaço que, à época, embora já sem força, ainda constituía atração e alguma esperança para a moçada de seu tempo, ele, um quase adolescente ainda. Que outro futuro poderia ter no agreste sertão onde nascera e onde vivia?

– Vou, mãe. Vou, sim, pro Norte, lembrava-se de como respondera às advertências maternas, feitas em razão de outras sentidas perdas que já tivera, os filhos, aos poucos, debandando para aquelas lonjuras do Sul, lugares tão distantes, de onde sequer notícias lhe chegavam. Isso era o pior de tudo. Por onde andariam os filhos? Viveriam ainda? Para Valdemar, todavia, nada de mal haveria de acontecer-lhe.

204 Tornar-se-ia, como tantos que estavam partindo para a guerra, igualmente um soldado, “soldado da borracha”, como oficialmente eram chamados quantos demandavam os distantes seringais para a extração do precioso látex, indispensável ao fabrico de inúmeros artefatos de guerra. Que mais honrado lhe poderia acontecer? Até carteirinha de identidade receberia, documento que jamais conhecera, mas de cuja serventia, também, nunca necessitaria. Ganharia fama e dinheiro, sem correr o risco de morrer atravessado por uma bala de fuzil ou es-traçalhado por fragmentos de granada, sem falar no perigo das destruidoras bombas que haveriam de cair dos aviões inimigos. Sabia muito bem que outro não seria o fim de muitos que estavam partindo para a guerra. Então não eram essas as notícias que corriam de boca em boca, ouvidas diariamente no rádio da prefeitura?

Era, assim, definitiva a decisão de Valdemar. Extremamente motivado pela campanha de aliciamento que então se fazia, chegava a orgulhar-se de ser mais um soldado a lutar, participando do “grande esforço de guerra” que então se fazia com o propósito de vencer as diabólicas forças que ameaçavam o mundo. Por tudo isso, iria. Sim, iria. Que risco haveria de correr? Mais tarde, na velhice, se necessário, teria até como provar sua condição de herói daquela guerra que tanto abalo causava à humanidade. Além do mais, se sorte não lhe faltasse, poderia ganhar dinheiro e voltar rico ou bem remediado aos pagos da infância, como sabia ter acontecido a muitos que, alguns anos antes, fugindo do rigor das secas, haviam escolhido a Amazônia como suporte maior de um promissor amanhã. Seus assentamentos constariam de sua emblemática carteira que, além de registrar seus dados pessoais, indicaria o ânimo de luta que tivera, para orgulho de seus conterrâneos e de quantos filhos viesse a ter. Poderia, até mesmo, como a tantos nordestinos acontecera, chegar à condição tão desejada de patrão, dono de seringais, senhor de um mundaõ de terras, mais um coronel, enfim.

Fora esse o sonho de Valdemar. Sua grande saída, não tinha a menor dúvida, era a borracha, produto, aliás, do qual pouco sabia e que jamais vira de perto, a não ser o que diziam ser a parte superior dos lápis com que, na infância, apagava no caderno os erros que a professora mandava corrigir.

Ah! Quanta ilusão passou pela cabeça de Valdemar a partir das informações constantes dos coloridos cartazes, enganosa estratégia que o atraía, definitivamente, ao processo de produção do tão desejado látex. Como admitir fosse mentira o que tanto chegou a ser oficialmente apregoado? Igualmente, jamais chegara a imaginar que, passado o tempo e terminada a guerra, cessaria também a atividade a que se dera com tanto entusiasmo.

Assim, de uma hora para outra, perdido e isolado naquele mundo verde e, sobretudo, hostil, nem chegara a se dar conta de que o tempo passara e que a pouco e pouco aquele estranho mal que o atingira fora se agravando, até prostrá-lo de vez, tornando-o um ser inútil, sem nenhuma serventia. Isso, sem falar na estranha e incômoda fraqueza que lhe bambeava as pernas em constantes tremores, enfermidade que diziam ser beribéri ou coisa parecida. Nem sabia também quantas vezes a malária o deixara sem poder sair pro corte, o corpo moído, aquele frio de fazer tremer a própria alma. E que dizer da conta no barracão, o débito crescendo a cada dia, a ponto de lhe negarem até o de comer? Nada pior, porém, que aquela dor a arrancar lá de dentro, da alma e do corpo, o estranho e horripilante grito, após incontáveis e incômodos gemidos, um após outro, gemidos que, de algum modo, amorteciam um pouco a terrível impressão de que algo lhe destroçava as entranhas.

– Sossega, homem! Toma este chá – muitas vezes lhe dissera a mulher, ao tempo em que lhe dava a beber morno cozimento de cascas de pau-d’arco e de folhas de carajuru, além de raízes e outras folhas colhidas na floresta, receita que prescrevera o curador, único socorro que costumava acudir quem de socorro carecesse por aquelas brenhas. Nada, porém, nem reza nem promessa, fora capaz de, pelo menos, mitigar-lhe o sofrimento.

Exatamente na noite em que fizera ecoar aquele pavoroso grito, fazendo calar a bicharada noturna da floresta, bem longe dali outros gritos também se fizeram ouvir mundo afora. Esses, entretanto, eram gritos de euforia, na tão esperada comemoração da vitória. A partir daquele dia, não mais haveria dor. Tampouco a morte amedrontaria os que tanto haviam lutado. Acabara-se a guerra. A paz, finalmente, fora alcançada, e o mal, por fim, vencido. Para tanto, quantas mor-

206 tes foram necessárias? Mas, entre elas, ninguém cogitou de computar a morte de Valdemar, número simplesmente esquecido, que nem sequer chegou a constar do rol dos que lutaram, como lutou ele e quantos, iguais a ele, na condição de seringueiros, soldados da borracha, perderam a vida nos mais distantes e agrestes seringais. De que lhe valera a caderneta que guardara com tanto zelo? Valdemar, na verdade, nada mais fora além de um simples número. Número errado, que não chegara a expressar qualquer valor, por isso que apagado pela enorme borracha da indiferença e do esquecimento.

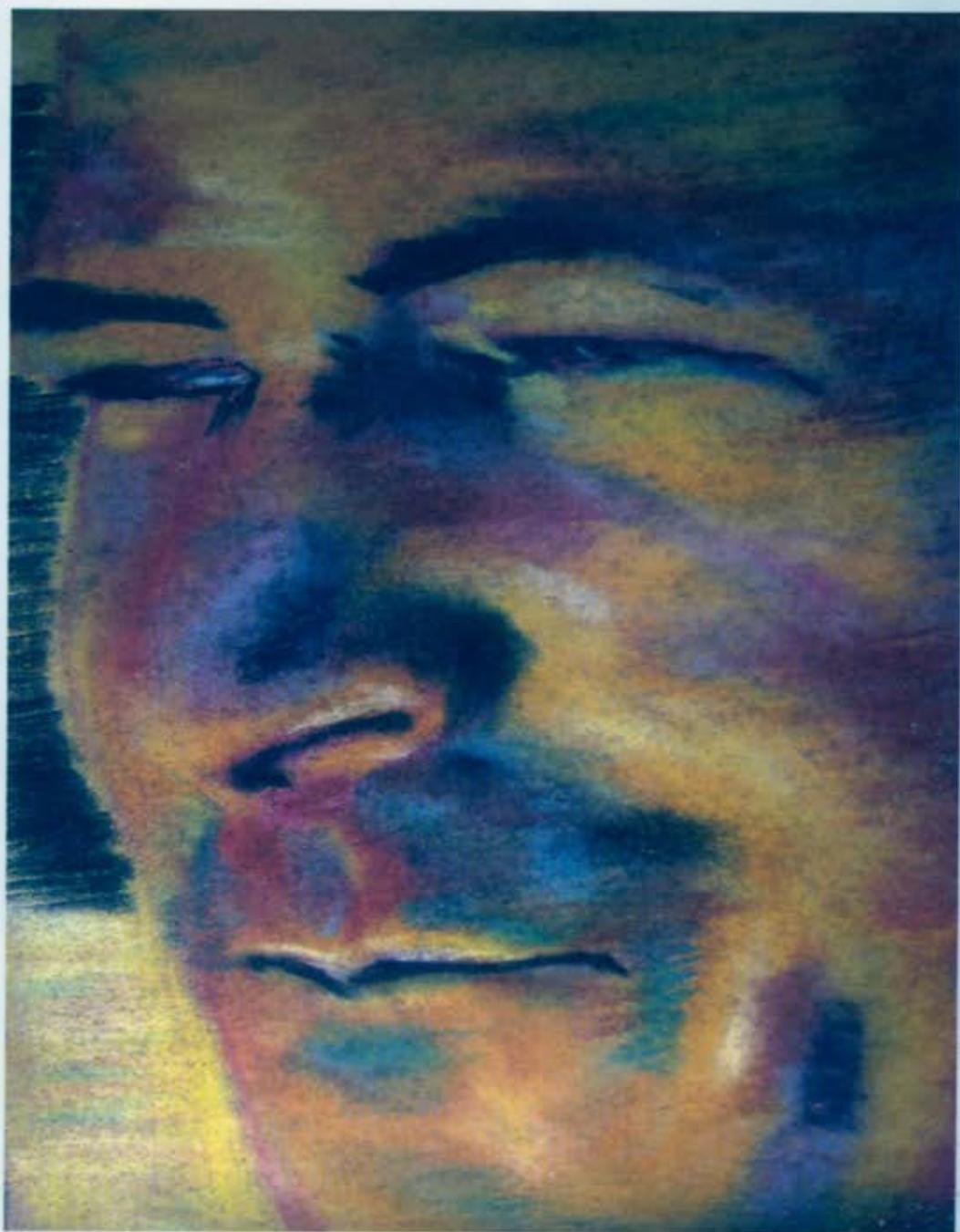
Onde a vida se cumpria sem nenhum problema, sons de heroicos dobrados animavam os corações, num tributo aos heróis da guerra que, sob aplausos intermináveis, desfilavam garbosos.











— *Retrato de Moacir Andrade*. Álvaro Páscoa, 1966 • *Coleção Moacir Andrade*

— **AO LADO:** *Caboclo na canoa (II)*. Álvaro Páscoa, 1965  
• *Acervo da Família Páscoa*.



— *Descanso na rede.* Álvaro Páscoa, 1965 · *Acervo da Família Páscoa.*

revista da

# AAAL

{ ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS }

A geração e difusão do conhecimento, do saber, da arte e da beleza são as principais expressões de nossa Academia.

Assim tem sido feito desde os seus primeiros passos. Sua Revista, como veículo dessa difusão, tem cumprido esse importante papel e tem representado a expressão escrita do pensamento acadêmico.

Em contraposição, a regularidade das publicações, na dependência direta de recursos, tem estabelecido descontinuidades. Grande tem sido o esforço das diferentes administrações para fazer circular pelas instituições daqui e do restante do país este seu veículo de divulgação. Recria-se somente agora a expectativa de produzi-lo e fazê-lo circular com a qualidade e regularidade desejada.

É justo que a Academia Amazonense de Letras, com tamanha produção literária, a disponibilize aos seus leitores, contribuindo e facilitando o diálogo com a sociedade que a estimula e engrandece.

— MARCUS BARROS



AMAZONAS  
REVISTA DE LINGUAGEM

MANAUS